

AS
TRES ROMAS.

DIARIO

D'UMA VIAJEM Á ITALIA.

PELO ABBADE GAUME ,

Vigario geral da diocese de Nevers, cavalleiro da ordem
de S. Silvestre, membro da Academia da Religião
Catholica de Roma , etc.

*Nec unquam (civitas) nec
major nec sanctior.*

Nunca houve cidade
maior nem mais sancta:
TIT. LIV. *Hist: lib. I.*

TOMO QUINTO.

PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEBEIRA D'AZEVEDO ,
Rua das Hortas n.º 82.

—
1859.



Bibliothèque Saint Libère

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.

AS

TRES ROMAS.

V.

AS TRES ROMAS.



17 de Fevereiro.

Recordação d'Annibal. — Capua. — Amphitheatro. — Mosaicos. — Cathedral. — Recordação de Bellarmino. — Aversa. — Estabelecimento d'alienados. — Napoles. — Os Lazzaroni.

Admirar e abençoar, eis tudo o que se pôde fazer quando, por um bello nascer do sol, se atravessam as campinas tam graciosamente irregulares que se estendem desde Santa Agatha até Capua. Nada mais seductor, que o aspecto das planicies da Campania. Alli, encontraes campos em cultura; mas adiante, longas fileiras de choupos enlaçados com vinhas que trepam até ao cimo de suas verdes pyramides, lançando-se d'um a outro em festoens carregados de cachos; depois, campos de rosas cultivadas e até de rosas selvagens, mais cheirosas do que as rosas domesticas; pois parece, diz Plinio, que esta terra encantadora não quer produzir senão coisas agradaveis (1); planicies de myrtos, e, para completar a seducção e animar estes bosquesinhos, quantidade de bellos pombos arrolham debaixo de suas sombras. Tal qual Varrão o decrevia, o solo da Campania é ainda tam leve, que se lavra n'elle com burros (2). Esta provincia todavia tem um

(1) *Lib. XVIII, 11.*

(2) *R. de re Rust., 1, 10.*

inconveniente, que Horacio notára antes de nós, e do qual não tardamos em sentir a desagradavel presença : quando faz vento, é-se abysmado em turbilhoens de pó,

..... *Trahentia pulveris atri*
Quantum non Aquilo Campanis excitat agris.

Lib. II, Sat. VIII.

Pouco a pouco os olhos se habituam ao espectáculo arrebatador, as impressões perdem um tanto da sua vivacidade, e grandes recordações veem proporcionar á alma gozos d'outra ordem : n'estes logares tudo falla d'Annibal. O procedimento tam diversamente julgado do grande Capitão tornou-se o objecto d'uma longa e interessante conversação; todos tomaram parte na conversa, qual pro, qual contra o general carthaginez. Elle deveria ter marchado sobre Roma logo depois da batalha de Cannas, e atacar a cidade quando o terror estava em todas as almas; tal era a linguagem dos seus adversarios que condemnavam altamente a sua estada em Capua. — Sem duvida, respondiam os seus defensores, Annibal fez mal em deixar o seu exercito enervar-se nas delicias de Capua; deveria tel-o occupado em trabalhos, em marchas e contra-marchas, a fim de conserval-o em exercicio. Quanto a marchar sobre Roma logo depois da derrota dos consules, podia-o elle fazer com prudencia? Desde a sua entrada na Italia, havia Annibal perdido muita gente; não tinha machinas de guerra; ignorava ainda a recusa de soccorro e a mà vontade da sua cega patria; os Romanos não estavam desanimados.

Atacar Roma, era expôr-se a um revez que compromettia a sua reputação e lhe fazia perder n'um dia o fructo das suas victorias. Como quer que seja, concluiu-se dizendo: A sabedoria humana é sempre curta por qualquer parte, e Roma, a cidade providencial, não devia ainda perecer; devia pelo contrario ir engrandecendo-se até que houvesse preparado o reinado do Messias, o Rei immortal dos seculos e dos imperios. Como o fructo comido na arvore tem um valor mais exquisito, esta discussão tirava dos proprios logares um encanto e um interesse particular.

D'ahi resultou que ella nos conduziu, sem o nós sabermos, até ás margens do Volturno, rio lamacento que banha os muros de Capua. Soavam dez horas, quando entramos na cidade fatal ao vencedor de Cannas; engano-me, a antiga Capua está tres milhas distante da nova. Uma sege de praça da familia do *Corricolo* napolitano nos transportou lá em alguns instantes. Mas ai! em vez d'uma cidade brilhante, encontramos uma pobre aldêa chamada *Santa-Maria-Maggiore*. As ruinas da que está juncado o solo testificam as invasoes dos Barbaros e a deshumanidade romana. Esquecendo os serviços que Capua lhe havia prestado depois da humilhação das Forcas-Caudinas, Roma tractou com inaudita crueldade esta republica culpada de ter recebido Annibal; o povo, reduzido á escravidão, foi vendido em almoeda, e os senadores, depois de açoitados, foram decapitados. Reedificada por Julio Cesar, viu-se Capua successivamente occupada, saqueada, incendiada pelos Vandalos, pelos Ostrogodos e pelos Serracenos; e desde o anno de 840, a emula de Roma pelo luxo e pela riqueza, a mãe da eloquencia, como

lhe chama Cicero, não é mais que uma sombra, um espectro assentado sobre um tumulto.

De todas as suas ruínas, as mais bem conservadas são as do amphitheatro. Visitamol-as com uma curiosidade tanto mais viva, quanto existem por baixo da arena camaras e espaçosos corredores cujo destino não é bem conhecido. Edificado com uma solidez a toda a prova, tem o amphitheatro de Capua no seu grande diametro 252 pés; no pequeno, 153. A sua circumferencia exterior é de 396 pés, e a espessura das paredes e das obras d'alvenaria, de 132. A arena é sustentada por abobadas destinadas, segundo nós, para o serviço dos homens empregados nos jogos. Ver, como alguns outros, n'estas construcções subterraneas Lupanares ou Thermas, é sustentar uma opinião que não parece destituida de fundamento. Não ha quem não saiba que estes logares eram inseparaveis dos amphitheatros. Ora, os Campanienses voluptuosos e sanguinarios que, não contentes com terem ao seu serviço uma numerosa eschola de gladiadores, foram os primeiros que fizeram uso do *velarium*, podiam esquecer este complemento forçado dos gozos de todos os povos antigos? Seja como for, á vista deste colossal monumento pergunta a gente quaes eram as riquezas de Capua e a sua excessiva sêde de jogos e prazeres, para lhe sacrificar uma tam grande parte das suas faculdades? No entanto que a sciencia moderna não haja resolvido este problema offerecido ás suas meditações em quasi todas as cidades pagans, o aspecto destes edificios, tantas vezes manchados de sangue e iniquidades, offerece um monumento eterno da justiça divina. Aqui como em outras partes apparece ella des-

truindo as cidades criminosas e pagando aos Campanienses, como aos outros povos, segundo as suas obras. Em Capua encontramos novamente Horacio e os seus nobres companheiros que haviamos deixado em Itri. Mecenas jogava a pella; Horacio e Virgilio dormiam:

Hinc multi Capuæ clitellas tempore possunt.
Lusum it Mæcenas, dormitum ego Vigilisque:
Namque pila lippis inimicum et ludere crudis.

Lamentamos tanto mais não podermos ir cear com elles na magnifica villa de Cocceio:

Hinc nos Cocceii recipit pleiissima villa.

quanto, voltando á nova cidade, não tivemos para almoçar senão dois enormes pratos de *broccoli*, especie de couve-flor particular á Italia, e arranjados com azeite: todos os acharam detestaveis, e todos começaram a extasiar-se com as delicias de Capua. Em compensação, foi-nos dado conversar em francez com alguns officiaes suissos ao serviço de Napoles: estavam lá na qualidade de instructores na eschola de artilheria. Por indicação delles, dirigimo'-nos á cathedral, onde bellas recordações esperam o artista e o christão. A' frente dos monumentos colloca-se a Madonna de mosaico, uma das mais bellas obras da epocha bysantina: data do nono seculo. No centro do arco apparece a Santa Virgem com a corôa de perolas, a tunica e o manto esmaltados de pedras preciosas, segundo o uso das imperatrizes do Oriente. O rosto é de grande belleza, e a posição graciosissima.

Os pés da celeste Rainha repousam no *Sup-*

pedaneum, reservado ás personagens de distincção; o Menino Jesus está assentado no regaço de sua mãe, tendo na mão esquerda uma grande cruz. No fundo desta primeira figura lê-se MP OY, abreviação das palavras MHTHP OEOY, *Mater Dei*, Mãe de Deus. A' direita da Santa Virgem estão, em pé, S. Pedro e Santo Estevão, o primeiro com as chaves divinas de que faz homenagem a Maria, e o segundo, vestido com a dalmatica e tendo na mão o livro dos Evangelhos, symbolo das suas funcçoens; à direita, e na mesma attitude, S. Paulo elevando a mão para Maria, e Santa Agatha, coberta com um manto scintillante de pedras preciosas e tendo na mão esquerda uma corôa de perolas, symbolo da virgindade. No topo do arco apparece o Espirito Santo, em forma de pomba, com a testa rodeada d'um diadema triangular, emblema byzantino da santissima Trindade. Sobre a corda do grande arco lê-se esta inscripção que fixa a data do monumento:

CONDIDIT HANC AVLAM LANDVLFVS ,
ET OTO BEAVIT
MOENIA RES, MOREM VITREUM, DEDIT VGO DECOREM.

A palavra *beavit*, *fez bemaventurado*, para dizer *consagrou*, é certamente uma das expressoens mais ricas da lingua christã (1).

Depois de havermos admirado esta bella pagina da arte christã, entremos na cathedral, e saudemos as glorias desta antiga egreja. Chegando a Capua, o chefe dos pescadores galileus, que

(1) Ciampini, *Mon. Veler.* t. II, p. 167.

percorria todo o mundo semeando bispos, consagrou o seu companheiro de viagem, S. Prisco, um dos setenta e dois discipulos, e o estabeleceu pastor d'èsta christandade nascente (1). Todas as columnas do templo, tiradas do amphitheatro, são monumentos da victoria do christianismo. Na crypta, admira-se o *Christo morto*, obra do Bernino segundo uns, e segundo outros de Vaccaro seu discipulo. Tornando a subir à egreja, lêde a bella inscripção que recorda o nome e as virtudes do celebre cardeal Bellarmino, arcebispo de Capua. E' este um daquelles homens que a Egreja pôde mostrar com orgulho aos seus inimigos como aos seus amigos. Clemente VIII não foi mais que orgão da opinião publica, quando designando-o para a purpura romana, fez delle este elogio, talvez unico na historia: « Escolhemol-o porque não tem igual em sciencia no mundo catholico (2). » Apesar de tanto merito, o humilde religioso recusou as supremas honras que lhe eram tam gloriosamente offerecidas. Só o temor de offender a Deus, e a ameaça da excommunhão poderam triumphar da sua resistencia.

Julgue-se da commoção do viajante christão, quando vê na cathedral de Capua o lugar onde o Bossuet do decimo-sexto seculo se assentava todos os domingos no meio dos pobres e das crianças do povo para lhes ensinar o cathecismo!

(1) Ant. Caraccioli, *de Sacris. Eccl. Neap. Mon.* p. 70. — Selvaggio, *Antiquit. christ. Instit.* t. I, p. 53.

(2) Hunc elegimus, quia non habet parum in Ecclesia Dei quoad doctrinam. — *Vit. Card. Bellar.*, lib. II, c. 5.

Deve a gente admirar-se se o nome de Bellarmino continua a ser abençoado, e se se conserva com religioso cuidado, na sacristia da egreja, grande numero d'ornamentos que foram d'uso do *santo* cardeal? Outra gloria de Capua são os seus martyres. Saudemos com os seculos os heroes cujo sangue purificou a antiga cidade famosa entre todas pelos crimes que a mancharam. A'sua frente caminha S. Prisco, seu primeiro bispo, morto na *via Aquaria*, por ordem de Nero; vem depois o seu illustre successor, S. Rufo, patricio por nascimento, christão por baptismo, bispo pela uncção episcopal que recebeu de Santo Apollinario, discipulo de S. Pedro e martyr por graça de Nero: pelos seus rastos eis que vem o joven Antonino, com Aristo seu companheiro, Quineto, Arconcio, Donato, Rosio, Heraclio, e muitos outros que formam a gloriosa legião de que os santos Rufo e Carpophoro, martyrisados no tempo de Diocleciano, compoem a rectaguarda.

Depois de havermos rendido as nossas homenagens aos fundadores e conservadores da cidade christan, partimos de Capua por um calor horrivel. A estrada estava coberta d'uma forte camada de pó, constantemente agitada pelos numerosos trens que encontravamos; este pó de brancura e finura extrema foi para nós um verdadeiro supplicio. Quanto ao mais, nada mais extravagante que os tiros do paiz. Ora é uma carreta de duas rodas, guarnecida d'algumas tabuas á guisa de bancos e puxada por um boi e um bufalo; ora è um carrinho ordinario levado por um cavallo e um burro, às vezes por um boi e um cavallo, outras vezes por um boi ou um bufalo só. Em parte alguma, creio eu, se póde ver tal

variedade , para não dizer semelhante extravagancia. Comtudo a bonita villa d'Aversa veio chamar a nossa attenção para outros objectos. Tudo o que o tempo nos permittiu ver , foi o bello estabelecimento d'alienados , por muito tempo confiado aos intelligentes cuidados do piedoso abbade Linguiti. Foi elle o primeiro , na Europa , com os Irmãos de S. João de Deus , que teve o merecimento de livrar estes infelizes dos laços com que estavam amarrados e de submettel-os a um tractamento mais suave e saudavel.

A situação do hospicio é feliz ; bosquesinhos, pateos , jardins , plantaçoens , vastas sallas ornadas de pinturas e esculpturas ; um museu , uma bibliotheca , um bilhar , dão a este asylo do infortunio todo o conforto d'uma sumptuosa villa. Quizéra-se n'elle mais um pouco de ordem e limpeza , que , seja dito de passagem , não parecem ser as virtudes cardeaes dos Italianos.

Antes das quatro horas a nossa berlinda estacionava às portas de Napoles. A severissima visita das nossas bagagens , a entrega dos nossos passaportes , a concessão da licença de residencia , nos demoraram alli muito tempo. Ao viajante que chega por terra , não se apresenta a terceira capital da Europa logo debaixo d'um aspecto favoravel. A vista encontra casas mais ou menos elegantes , porem nada que annuncie a soberba Parthenope. Mais feliz é o passageiro que aporta por mar ; para elle se mostra Napoles em todo o brilho da sua magnificencia. No entanto vimos á esquerda um vasto edificio cujo aspecto causa uma mui doce commoção ao viajante christão : é o *Albergo reale dei poveri* : palacio real dos pobres. N'estas quatro palavras està inteira

a revolução moral operada pelo Evangelho. Incliamo'-nos diante da benéfica revolução e diante do soberbo edificio, ao qual promettemos uma miuda visita.

No entretanto recebiamos nós, sem darmos por isso, uma visita que não tardou a attrahir a nossa attenção: um batalhão de lazzaroni escoltava a nossa carruagem. Pela alegria do seu rosto era facil adivinhar o prazer que lhes fazia gostar a esperança de *servirem* em breve os *nobres forestieri*. Pois que o lazzaroni è a primeira curiosidade napolitana que se apresenta, começemos por descrevel-o. Sem duvida è menos poetico, menos pitoresco, n'uma palavra menos interessante que outr'ora: seus antigos habitos estão notavelmente modificados. Já não acampa na rua; o cesto de vime ou a lagea do bêcco já não forma o seu leito; já não è completamente estranho à civilisação no meio da qual é lançado; renunciou á sua nudez selvagem. No verão, traz umas ceroulas de tela; como a de seus primeiros avós, a sua cabeça está adornada do barrete phrygio, porem não conhece senão por excepção o uso das meias e dos sapatos. No inverno, cobre-se com um jaleco de lan de mangas largas e de capuz; finalmente tornou-se locatario e até freguez. Apesar das suas mudanças, conserva maneiras que o fazem um typo separado. Alegre, descuidado, vivendo para o dia presente, sem nunca pensar no dia seguinte; gozando delictosamente o seu bello ceu, discorreado sobre bellas artes, improvisando poesias, encontra n'esse desleixo a felicidade ou uma illusão que se lhe assimelha.

Mestre jubilado em pantomima, exprime quando quer, pelo variado jogo da sua physionomia,

pelo movimento da cabeça e pela mobilidade da mão, tudo o que sente, tudo o que deseja; mas esta linguagem muda não lhe convem seuão com os seus eguaes, e em certas circumstancias em que o mysterio é um dever. Fóra disso é o mais gritador dos mortaes (1): grita em vez de cantar, grita em vez de fallar; e apenas começa o dia quando elle vos ensurdece com suas incessantes vociferaçoens. Não ha meio de vos subtrahirdes a ellas; porque elle está em todas as partes, no porto, nas ruas, nas praças, diante dos monumentos, mas principalmente diante das estaçoens das carruagens publicas: abunda no *Toledo*. Tendes precisão delle? está alli. E'-vos inutil? ainda está alli. Sempre prompto a fazer-vos acceitar os seus serviços, acha sem difficuldade meio de se tornar necessario. Quereis ir a uma egreja? elle conhece o caminho della. A um museu? elle vos servirá de cicerone. Pedis uma barca? todos os barqueiros são seus amigos. Tomais uma carruagem? elle vos abre a portinhola, abaixa, levanta o degrau, e sóbe a fazer de jockey. Durante a viagem, ri, canta, diverte-vos e de vez em quando vos diz ao ouvido: *Eccellenza, una bottiglia*. No fim da digressão salta abaixo da carruagem, apresenta-vos um tapetinho para pôrdes o pé, escova os vossos sapatos, os vossos vestidos, recebe os vossos *tonesi*, sauda-vos com ar respeitoso e maligno; depois, encera o casco do cavallo, pentêa-lhe a crina, esperando uma nova pratica.

O lazzarone é de todas as edades e de todas

(1) Napolitani maestri in schiamazzare. Alfieri. Son. CXLIII

as estaturas. Na nossa excursão á gruta do Cão, isto è durante hora e meia, fomos, apesar das nossas observaçoens, dos nossos protestos, das nossas repetidas ameaças, inexoravelmente seguidos por um pequeno *lazzaro*, no trajo que acabo de descrever. Não cessou de dar-nos indicaçoens e informaçoens de que nós não precisavamos. A todas as nossas ordens de retirar-se e de deixar-nos em paz, respondia sorrindo: *Eccellenza si, Eccellenza si*; e não deixava de continuar. Finalmente, n'um movimento de vivacidade, nós lhe dissemos: « Vai-te, mau pequeno lazzarone. — *Eccellenza, no*; não Excellencia, eu não sou lazzarone; peço-vos uma garrafa, em tanto que os lazzaroni roubam os lenços da gente, *rubano li fazzoletti della gente.* »

Foi mister ceder à sua importunidade; demos-lhe alguns grãos para comprar maccarroni. « Agradecido, Excellencias; » depois deixou-nos saltando d'alegria, e, na realidade, mais feliz que o rei de Napoles que todavia não passa pelo monarcha menos feliz do mundo civilisado. Ajuntarei em louvor dos lazzaroni, que a fé é moi viva em seu coração, e que são menos maus que a sua reputação: voltarei a esta materia.

Chegamos pois á hospedaria, rodeados d'um numeroso cortejo. Vinte lazzaroni se precipitaram a um tempo sobre as nossas bagagens: era a ver quem teria a honra de servir-nos. N'um abrir e fechar d'olhos, rodas, almofadas, interior, imperial, todas as partes do vehiculo foram invadidas. Espectador attento, o nosso *vetturino*, velho Romano que conhecia a sua gente, conservava-se em pé, com o chicote na mão, e muy alto, nas barbas dos nossos desvelados servidores:

Signori, badate: Senhores, tendo cuidado, vigiai pelas vossas coisas. » Parece que a verdade não offende os lazzaroni, ou que o nosso conductor os calumniava; porque desempenharam a rir a sua tarefa debaixo do fogo destas insultantes recommendaçoens: nada se perdeu.



18 de Fevereiro.

Vista geral de Napoles. — Encontro d'um regimento da guarda real. — Cathedral. — Tumulo de Carlos d'Anjou. — Columnas antigas. — Baptisterio. — Basilica de Santa Restituta. — Historia desta santa.

Vede Napoles, e morrei depois. O nosso primeiro pensamento foi verificarmos, por nós proprios, este proverbio italiano, prometendo-nos, todavia, não morrer. Convem-se em que o panorama de Napoles é o mais magnifico da Europa; fôrà o mais bello do mundo, se o de Constantinopla lhe não fosse, segundo se diz, superior. Para o gozarmos, subimos ao forte *Sant'Elmo*. Do alto desta cidadella, cujos alicerces são abertos na rocha viva, domina-se a cidade inteira e seus arredores. A' esquerda se desenrola o vasto arrabalde *delle Virgini*, com seus palacios branqueados, de tectos em plata-forma e de largos balcoens, cobertos de vasos de flores e d'arbus-tos. Mais longe, é o grande hospital dos Pobres, *Ospedale dei Poveri*, administrado pelas nossas irmans pardas, d'origem do Franco-Condado; a porta de Capua, depois Caserta, com o seu castello real e seus deliciosos jardins; além as vas-

las planicies da Campania , esmaltadas de elegantes messes , cuja brancura resalta vivamente sobre a verdura do prado e a copada folhagem das oliveiras e lorangeiras ; finalmente , no horisonte , os Apenninos cujos cumes chanfrados estavam então cobertos de neve. Diante de nós , desabrochava aos raios do sol , o coração da brilhante cidade. Os seus zimbórios dourados , os seus palacios , os seus monumentos , a sua bella rua de Toledo calcada de largas lageas volcanicas , guarnecida de soberbos edificios , de elegantes armazens , e percorrida por multidão de trens e de peoens ; o seu *Largo del Castello* , a mais vasta praça de Napoles , com a sua fonte Medina , uma das mais bellas do mundo depois das de Roma , formavam um quadro cuja magnificencia era realçada pela vasta campina que lhe serve de orla e que se eleva em suave declivio , atè á fralda do Vesuvio. O mesmo Vesuvio com seu cone enuegrecido , d'onde se escapa continuamente uma larga columna de fumo , junta a este risonho espectaculo algum tanto de severo , e , infundindo na alma não sei que involuntario terror , completa admiravelmente as impressoens do espectador.

A' direita , a scena é ainda mais magnifica. A cidade desce em amphitheatro e chega ao soberbo caes de *Chiaja* , habitado pela primeira sociedade de Napoles. Ao oeste , se desenha a alcantilada montanha que é atravessada pela famosa gruta de Pausilippo , e que , mergulhando no mar , fecha a cidade com uma insuperavel barreira. Encostada ao flanco interior da montanha , brilha a bella e devota igreja *della Madonna di piè di Grotta* ; depois vem a *Villa Reale* que ostenta as suas incomparaveis graças na praia do mar. A

sua posição, as suas fontes, os seus vasos de mármore e bronze, as suas alleas de acacias, os seus bosquesinhos de myrtos e laranjeiras, o seu templo circular de mármore branco, a sua admiravel vista, a fazem talvez o mais delicioso dos passeios publicos. Na extremidade ergue-se, sobre uma ponta de rochedo, a formidavel mole do *Castello do Ovo*, que forma uma ilha e communica com a terra por um molhe de duzentos metros de comprimento. Villa de Lucullo, prisão d'Augustulo, ultimo imperador romano, monumento d'orgulho e d'humilhação, o *Castello do Ovo* domina o golfo de Napoles e o divide em duas partes. Mais adiante está a *Torre del Carmine*, formidavel torreão que domina o hemicyclo meridional do porto, e recorda a insurreição de Mazaniello, cuja repetição é destinada a prevenir.

Para la' destes edificios, vêdes brilhar em torno do golfo azul claro, *Portici*, com a sua casa real; *Resina*, d'onde se sobe ao Vesuvio, e ao longe *Castellamare*, encostado a's montanhas, seguido de *Sorrento* e da celeberrima *Capri*. Os olhares, continuando a volver-se para a direita, vão a final descançar no cabo Miseno, d'onde Plinio o Velho, commandante da frota romana, se embarcou para a sua fatal exploração do Vesuvio.

Comtudo este grande espectaculo não é mais que a miniatura do panorama napolitano. A' proporção que a gente se eleva, o horisonte engrandece, e quando se chega ao convento dos Camandulas, goza-se uma das mais bonitas vistas que é dado aos olhos humanos coatemplar. Os dois golfos de Napoles e de Puzzoles em toda a sua ex-

lensão, os deliciosos outeiros de Baia, a planura irregular de Cumas, as crateras extinctas do Solfatarre e do Astrumi, o lago d'Agnano, o mar immenso, d'um lado; e do outro, as vastas planícies da Campania cortadas por graciosas colinas e cobertas da vegetação mais vigorosa e variada, completam desenvolvendo-o o ponto de vista do forte Sant'Elmo. Ajuntai a tudo isto um ceu de magnificencia talvez unica no mundo; depois se fordes artista, lançaí mão dos pinceis, e em breve os despedaçareis de desesperação.

Tal é, nos seus traços salientes, o panorama de Napoles, contemplado do forte Sant'Elmo e dos Camandulas. O' meu Deus! Qual sera' a patria do homem vosso filho, se o seu exilio é tam bello!

Permanecendo por longo espaço em extase ante este spectaculo do qual a penna mais hem exercitada não póde dar mais que uma descripção imperfeita, descemos para visitarmos meudamente os principaes pontos do vasto quadro: a cathedral teve as primicias. Quando deixavamos o *Largo di Studj*, um factó antigo, mas novo para nós, nos veio commover profundamente o coração: o primeiro regimento da guarda atravessava a praça da Trindade e se dirigia para a egreja do *Gesù Nuovo*. Aonde vão, silenciosos e recolhidos, todos estes velhos soldados em meio uniforme, com o coronel e estado-maior a' frente? Vão, ouvidos francezes do XIX.º seculo, escutei bem, vão aos exercicios do retiro preparatorio para a communhão paschal. Seguimol-os, e podemos ver todos aquelles velhos *Bigodes* ajoelharem-se ante o Deus dos exercitos, depositarem os seus sabres e capacetes, e depois aggruparem-se em volta dos

confessionarios e esperarem, na oração, o momento do discurso e da confissão. O retiro dura dois dias, e varias vezes nos foi dado gozar um espectaculo tam honroso para aquelles que o dão e tam consolador para o christão que o contempla. O' França, outr'ora tam christian e sempre tam valorosa! quando recobrara's a intelligencia? quando has de reler a tua brilhante historia? N'esse dia, nação guerreira entre todas as outras, tu comprehendera's a necessidade para ti da alliança forçada do espirito christão e do espirito militar; desde que a rompestes, tens tido soldados, e quando a houveres renovado, tera's heroes!

Na cathedral, nos esperava o excellente conego *De' Bianchi*. Amigo intimo do illustre conego de Jorio e seu intelligente discipulo, o sr. *De' Bianchi* teve a bondade de nos servir de guia. Irregular na forma, meio gothica e meio grega na architectura, apresenta a egreja de S. Januario um vasto campo de estudos ao artista e ao christão. Eis primeiramente duas antigas columnas de porphyro que lhe ornã a entrada. Por cima da grande porta interior estão os magnificos tumulos de Carlos d'Anjou, Carlos Martel e Clemencia, sua mulher, elevados em sua honra pelo conde d'Olivares, vice-rei de Napoles. O baptisterio, formado d'um vaso antigo de basalto egypcio, descança sobre um pedestal de porphyro, ornado dos attributos de Baccho. Cento e dez columnas de granito egypcio, restos do antiga templo d'Apollo e Neptuno, sustentam as abobadas do edificio, e são um novo trophéu da victoria evangelica. Pelo meio da cathedral, se abre a basilica de *Santa Restituta*, que compõe o parte esquerda do transepto; a capella de S.

Januario forma a direita. Santa Restituta é a antiga cathedral; julga-se ella de fundação Constantiniana. Uma inscripção a mosaico, gravada por cima do altar, a attribue a Santa Helena, quando de volta da Palestina passou por Napoles dirigindo-se a Roma (1).

Como quer que seja, convem-se em que as vinte e duas columnas da basilica provem d'um templo de Diana.

(1) Eis a inscripção :

Lux immensa Deus postquam descendit ad ima
Annis trecentis completis atque peractis,
Nobilis hoc templum sancta construxit Helena.
Hic bene quanta datur venia vix quisque loquetur,
Sylvestro grato papa donante beato ;
Annis datur clerus jam instaurator Parthenopenis
Mille trecentis undenis, bisque retensis.

Outra inscripção, conservada no collegio dos Jesuitas, prova a passagem de Santa Helena por Napoles :

Piissimæ ac clementissimæ
dominæ nostræ avgvstæ
Helenaë matri
domini nostri victoris
semper avgvsti Constantini, et aviaë
dominorvm nostrorvm
Cæsarvm beatorvm
vxori divi Constantini
ordo neapolitanvs
et popvlvs.

O mesmo se dá com as garras ou modilhoens que sustentam o altar-mor, debaixo do qual repouza o corpo de Santa Restituta. Estes objectos no estylo grego são de exquisito lavor.

Crê-se que o oratorio particular de Santo Aspreno e de Santa Candida forma a capella do Santissimo Sacramento situada à direita do altar: brevemente fallarei destes dois illustres personagens. A' esquerda do mesmo altar acha-se a capella de S. João *in Fonte*; é adornada de mosaicos e de pinturas de grande interesse para quem quer estudar a historia da arte. Um dos mosaicos representa a santa Virgem vestida á grega. É a *Madona del principio*, assim chamada porque foi a primeira venerada em Napoles. O traje byzantino, que mostra a filiação da arte, se encontra muitas vezes nas egrejas de Roma. A' direita da Madona está o antigo painel de S. Januario, considerado como o verdadeiro retrato do santo durante seculos. Um sarcophago pagão feito tumulo do cardeal Piscicelli, varios mausoleus entre os quaes distinguimos o do sabio e piedoso conego Mazzochi, formam as principaes riquezas artisticas de Santa Restituta.

Mas quem era esta Santa? D'onde vem a magnificencia do seu sanctuario, e a veneração profunda de que é rodeada? Quando um paiz ha visto prodigios de infamia como os que mancharam as praias da antiga Parthenope, é necessario que pereça ou que seja purificado: ora, para purifica-lo é necessario sangue. Depois a fim de fortalecer os coraçoes amollecidos de seus habitantes, a fim de levantar as suas almas degradadas por incriveis dissoluçoens, são necessarios

prodigios não menos incríveis de coragem e castidade. Esta lei, d'onde depende o equilibrio do mundo moral, a razão a adivinha antes que a historia lhe mostre a applicação. Por tanto, Puzzoles, Nola e Capua foram regadas de sangue christão; e se Napoles, sem duvida menos criminoso, não teve martyres, viu prodigios regeneradores. Pelo meado do terceiro seculo; sob o imperio de Valeriano, sendo Proculo governador da Africa, havia em Carthago uma moça virgem chamada Restituta. Convicta de ser christã, é conduzida perante o juiz que a entrega a horriveis torturas. Vãos esforços! a heroína permanece inabalavel na sua fé. De subito o rosto do tyranno brilha com uma alegria feroz: encontrou um supplicio digno do seu odio, e digno tambem da sua victima. Ordena aos seus lictores que agarrem a moça virgem, e a lancem de pés e mãos atadas n'uma barca cheia de pez e estopas, às quaes manda pegar fogo, a fim de a fazer arder no meio do mar. A ordem é executada; mas as chammas começam por consumir os verdugos, em tanto que os ventos impellem para o largo a ardente barquinha. Apertado na praia, todo o povo á contempla, esperando a sorte da victima que em breve levanta os olhos ao ceu e expira docemente á vista dos espectadores. Entretanto as ondas, mensageiras fieis do Deus que as encadêa, acalma ou agita, transportaram a barca do martyrio ás praias d'Ischia. Avisados por seus irmãos d'Africa, foram os christãos de Napoles buscar com profundo respeito o corpo da moça virgem; e para melhor glorificarem a casta heroína que o Ceu lhes enviara como padroeira e como modelo, lhe edificaram um sanctuario com os restos dos templos

impuros, onde se haviam degradado seus voluptuosos antepassados (1).



19 de Fevereiro.

Segunda visita à cathedral. — Capella do seminario. — De Minutolo. — Crypta. — Tumulo do rei André. — Capella de S. Januario. — Thesoiro. — Sacristia. — Bordão de S. Pedro. — Igreja dos Cartuxos. — Palavras d'um papa.

Quando estiverdes em Napoles, deitai-vos cêdo, e achar-vos-heis bem com isso: este oraculo é mais certo que o de Calchas.

A's quatro horas da manhan já não é possível dormir. Os chocalhos dos burros e dos machos dos jardineiros, as campainhas das vaccas e das cabras que se conduzem aos rebanhos pelas ruas e que se mugem diante das casas para dar leite quente às criadas; os gritos dos pastores e dos negociantes de laranjas, fazem impossivel o somno. De resto, o ceu de Napoles é tam admiravelmente bello, que se perdoa de boa vontade aos amotinadores que vos grangeam o prazer de o verdes ao romper da aurora. Depois de havermos gozado este espectaculo arrebatador, proseguimos a visita interromprida da cathedral. O côro, que forma um parallelogrammo, apresenta, d'uma parte, a capella do *Seminario*; da outra,

(1) Vêde Baronio, *Martyrolog.* 17 de maio, notas B e C; *Annaes*, t. V, anno LII, n. 7. — Não fiz mais que transcrever as palavras do grande historiador.

a de *Minutolo*. Os conegos de Napoles compoem entre si uma associação de missionarios chamada *di Propaganda*.

Elles vão, a um aviso do cardeal arcebispo, dar exercicios religiosos nas freguezias da diocese: sabe-se que Santo Affonso de Liguori foi um dos membros mais distinctos della: ora a capella *del Seminario* serve para a sua reunião. Sobre a porta brilha a bella *Assumpção* do Perugino. A capella *Minutolo* é curiosa debaixo do aspecto da arte. Notamos entre outros diversos assumptos da *Paixão*, de Marcos de Stefani, pai da pintura napolitana, morto em 1390. Na crypta ou *soccorpo*, situada por baixo do altar mór da cathedral, descansa o corpo de S. Januario. Esta capella, toda revestida de marmore branco, é sustentada por columnas que se diz provirem d'um templo de Apollo. Entre os ornatos admira-se a estatua de marmore do cardeal Oliviero Carafa, que se crê de Miguel Angelo: os arabescos e as outras pinturas decorativas são de rara belleza.

Antes de nos dirigirmos á capella de S. Januario, vimos ao pé da porta da sacristia o pequeno tumulo do rei Andre' de Hungria, assassinado por consentimento de Joanna de Napoles sua esposa, e lêmos este humilhante epitaphio:

ANDREÆ NEAP. JOANNÆ UXORIS DOLO ET LAQUEO
NEGATO.

Defronte da basilica de Santa Restituta está a capella de *S. Januario*. Se a magnificencia das pinturas, a belleza dos marmores, a riqueza das offrendas consagradas por uma longa serie de geraçoens para o adorno d'um sanctuario, provam

não só a poderosa bondade do Sancto que recebe tam brilhantes homenagens, senão tambem a fiel piedade do povo que as rende ; certamente, a capella de S. Januario dá a mais alta idéa do poder do illustre martyr e do religioso reconhecimento dos Napolitanos.

A rica capella *del Tesoro di San Gennaro* é uma magnifica promessa consagrada pela cidade de Napoles ao seu protector, depois da peste de 1526 ; mas que não foi começada senão em 1608 e acabada em 1678 (1). Quarenta e duas columnas de brocatel sustentam o brilhante sanctuario ; o pavimento e' de marmore escolhido ; os frescos da abobada, dos angulos e dos oculos são obras primas do Dominiquino ; *S. Januario, sahindo da fornalha*, e' do Espanholeta ; *a Possessa, libertada pelo santo bispo*, é uma das melhores obras de Stanzoni, appellidado o Guido de Napoles. Atraz do altar, digno da magnificencia que o rodeia, se conservam a cabeça e o sangue de S. Januario. Todos os annos, no mez de maio e no de dezembro, são estas preciosas reliquias expostas solememente á veneração dos fieis : a concorrência é immensa. O sangue liquefaz-se, agita-se e ferve na redoma que o contem quando se aproxima da cabeça do santo martyr. Eis o facto que se repete periodicamente ha não sei quantos seculos, e na presença de não sei quantos milhares de pesspas de todas as condiçoens e de todos os paizes (2).

(1) Indicazione del piú rimarcabile in Napoli, etc. ; *Dal* canouico de Jorio, p. 19.

(2) Barouio fallado da espantosa erupção do Vesuvio do anno 471, suspendida milagrosamente

Se o não acreditaes, ide là vel-o. A milagrosa liquefacção é tam certa, que o clero de Napoles se apressa a fazer collocar os estrangeiros de modo que a vejam côm seus proprios olhos, e se certifiquem bem de que não ha illusão, nem embuste (1). Depois de termos venerado o sangue e a cabeça do martyr, que tiveram a bondade de mostrar-nos, passamos á sacristia do *Thesoiro*. Alem de dezenove estatuas de bronze, o bazar da fé contem quarenta e uma de prata, bustos ou figuras inteiras. Que dizer dos vasos d'oiro, e das cruces guarnecidas de diamantes? basta citar um collar todo de perolas finas, um frontal todo de prata lavrada, e uma mitra adornada de 369 pedras preciosas, diamantes, esmeraldas, rubis, etc. Taes são os

por intercessão de S. Januario, ajunta: « Insigne ac perenne miraculum sanguinis ejusdem sancti Januarii, qui cum ampulla vitrea concretus continetur, liquescere tamen et fluere, perinde ac si recens esset effusus, sæpe conspicitur, non ejusmodi est, ut unius vel alterius hominis testimonio comprobetur; sed ita manifestum, ut ipse martyr sanguis assidua miraculorum operatione, vocibus quibusdam velut Abel sanguis clamans, per universum orbem christianum intonet.

Not. ad Martyrol. 19 sept.

(1) Il sangue si espone dalle nove della mattina, alla qual ora debbono condorvisi coloro che amano accertarsi della sua miracolosa liquefazione; ed in tal circostanza si da la preferenza agli esteri, ad oggetto delimitare le incoerenze degli errori divulgati dalla incredulità. — *Id.* p. 20.

testimunhos da piedade secular dos particulares e dos reis de Napoles para com S. Januario.

Sempre dirigidos pelo nosso excellente guia, visitamos as insignes reliquias conservadas na sacristia da cathedral: a que interessa mais vivamente é o bordão de S. Pedro. A tradição constante da egreja de Napoles, confirmada pelos monumentos da historia, ensina que o pescador galileu, dirigindo-se a Roma, desembarcou nas costas do Adriatico, atravessou a Campania e chegou por Nola a Napoles, no anno 45 de Jesus-Christo (1).

Recebido n'esta ultima cidade por uma dama chamada Candida, o Apostolo a converteu e baptisou. Alguns dias depois, Aspreno, marido de Candida, cahiu perigosamente enfermo. S. Pedro foi rogado para o ir ver; mas em vez de ir mandou levar o seu bordão a Aspreno, dizendo-lhe que fosse elle procural-o. Aspreno pegou no bordão, levantou-se, ficou curado, e veio a ser o primeiro bispo de Napoles. Quando se reflecte, diziamos nós em Roma, na recordação de um facto analogo, que no nascimento da Egreja, eram necessarios os mais admiraveis milagres; quando se ouve a Nosso Senhor annunciar a seus Apostolos que fariam prodigios maiores que os seus; quando se lê no texto sagrado que uma palavra de S. Pedro bastava para chamar os mortos

(1) Veja-se o sabio Mazzocchi; Ughelli, *Hist. Italicæ sacræ*; Carraccioli, *De sacris Eccl. Neap. Monim.* p. 70, 106, 108 e seg.; e os innumeraveis escriptores de *Rerum Neapolitanarum*, citados em parte por Struvio, *Biblioth. selec.* t. II, p. 1405.

à vida; que só a sombra do seu corpo ou o contacto dos seus vestidos restituia logo a saúde aos doentes: ha acaso motivo de admirar-se a gente de que um objecto, tantas vezes tocado pela mão do Apostolo, gozasse da mesma virtude? Este bordão que, ainda nos nossos dias, tem sido instrumento de muitos milagres, póde ter tres pés e meio de comprimento. É direito, redondo, de um pau que se parece com a oliveira, e ornado na parte superior d'um pomo, ou, para melhor dizer, d'um capitel d'osso. Conserva-se n'um estojo de prata furado de distancia em distancia por aberturas guarnecidas de vidro, que permitem vel-o. Com que respeitoso temor, com que inexprimivel felicidade o peregrino catholico toma em suas mãos, e cobre com seus beijos esta veneravel testemunha das fadigas e do milagroso poder do grande peregrino do Evangelho!

Voltavamos á cathedral, quando o capitulo chegava para o officio. Este veneravel corpo compõe-se de trinta conegos mitrados, vinte e dois semanarios e dezoito *quarentistas*. Quando todos estão dispostos nos seus assentos a vista é verdadeiramente de respeito. Porque não podemos nós encontrar semelhante espectaculo mais que no estrangeiro? Desde que supprimiu violentamente estes grandes corpos que eram o ornamento da religião, tornou-se a França mais respeitavel, moral e rica? Para terminarmos o nosso dia, restava-nos ver a igreja de *S. Martinho dos Cartuxos*. Se a Italia é o templo das artes, pode dizer-se que a igreja de S. Martinho de Napoles é o seu santuario. Situada debaixo das muralhas do forte Sant'Elmo, isto é n'uma posição admiravel, é esta igreja propriedade secular dos filhos

de S. Bruno. Os bons cenobitas consagraram todos os seus rendimentos a aformoseal-a. Os marmores mais raros, recortados com perfeito gosto, formam o seu brilhante pavimento; Lanfranc, Stanzoni e o Espanholeto enriqueceram as abobadas e as capellas com as obras primas do seu pincel. A *Communhão dos Apostolos*, por este ultimo, offerece um *S. Pedro* em escorço d'um effeito extraordinario. Nos pilares d'uma capella vêem-se duas *pedras de toque*, talhadas em forma d'alcachofra, d'um lavor exquisito e d'um valor inestimavel. Mais loege está um altar de pedras finas, cujo valor numerico excede duzentos mil francos; aqui está um tabernaculo de tartaruga transparente; alem altares adornados de lapis-lazzuli, amethistas, agatas, etc.

O *Thesoiro* não é menos resplandecente que a egreja. N'elle se admira a *Descida da Cruz*, obra prima do Espanholeto, e um dos quadros mais patheticos da renascença. Da egreja passamos ao convento, cujos magnificos claustros, abertos sobre o golfo de Napoles, são sustentados por columnas de marmore branco do mais bello grão. As artes, as sciencias e os pobres, taes foram em todos os paizes e em todas as epochas as tres partes attendidas no orçamento das ordens religiosas. Quando quererão recordal-o? « No meio de todas estas riquezas, nos dizia o veneravel superior, apenas temos pão para comer. As revoluçoens teem-nos privado dos nossos bens e nós estamos reduzidos á pobreza dos nossos primeiros padres: bendito seja Deus! » O bom religioso nos dizia isto sem se queixar e com aquella doce resignação que caracteriza o heroismo da virtude. Que digo? elle fez-nos o elogio da

França, pela qual testemunhava viva sympathia. Esta charidade, verdadeiramente evangelica, para com uma nação de quem elle e seus irmãos tinham tido tanto que soffrer, me recordou as palavras d'um grande papa: « São felizes estes Francezes! fazem tolices todo o dia, e Deus as apaga durante a noite. »

20 de Fevereiro.

Egreja de S. Pedro *ad Aram*, — da Piedade di Sangri, — de S. Paulo Maior, — de S. Gaetano de Tiena, — de Santo André Avellino. — Quarto deste. — S. Domingos Maior. — Quadros. — Tumulos reaes. — Recordaçoes de S. Thomaz. — A *Incoronata*. — Frescos de Giotto. — Egreja do Monte Oliveto. — Recordaçoes de Tasso, — de Santa Maria *del Carmine*. — Recordação do infeliz Conradino. — O *Gesù Nuovo*. — Quarto de S. Jeronimo. — Excursão ao lago d'Agnano. — Gruta do Cão. — Villa de Pollião. — Tumulo de Virgilio. — Santa Maria *del Parto*. — Tumulo de Sannazaro. — Santa Maria *a piè di Grotta*.

Era domingo; estava na ordem o continuarmos o nosso estudo dos monumentos christãos. Pelas seis horas da manhã, atravessava eu à pressa os velhos bairros de Napoles. Umas ruas porcas, tortuosas, apertadas entre altas e negras construcções, me recordavam o nosso arrabalde *Saint-Marceau*.

Tendo por guia e por ajudante um joven Napolitano, nascido de pai francez, eu ia dizer missa à extremidade da cidade, n'uma igreja esquecida pelos viajantes e que se chama S. Pedro

ad Aram. Este venerando edificio, cuja forma irregular, insolita, annuncia remota antiguidade, marca às geraçoens o logar exacto onde habitou S. Pedro durante a sua residencia em Napoles. A' esquerda junto da porta da entrada, uma capellinha occupa o mesmo sitio onde, segundo a tradição, o Apostolo offereceu os Santos Mystérios. No altar, varias vezes concertado, se conserva religiosamente a mesma taboa que servia para o augusto sacrificio. Tive a felicidade de subir a este altar, e de fazer descer a adoravel Victima sobre aquella mesma taboa, onde, dezoito seculos antes, ella tinha vindo immolar-se entre as mãos de S. Pedro. Terminada a missa, um dos sacerdotes aos quaes eu era enviado, me fez examinar comsigo as differentes partes da piedosa capella. Doas antigas inscripçoens me parecem dignas de serem referidas: « *Siste, fidelis, et priusquam templum ingrediaris, Petrum sacrificantem venerare. Illic enim primo, mox Romæ filios per Evangelium genuit, paneque illo suavissimo cibavit: Para, christão, e antes de entrares no templo, venera a Pedro, offerecendo a augusta Victima. Foi aqui primeiro, e depois em Roma, que elle gerou filhos ao Evangelho e os nutriu com o pão delicioso.* »

A outra, no estylo antigo, é assim concebida :

Quod. prima. in Lacio. Christo. pia. colla. subegi.
Parthenope. hæc. Petri. præstitit. ara. fidem.

« Que eu, Parthenope, tenha a primeira vez curvado a cabeça sob o jugo de Christo, este altar de S. Pedro o prova. »

Estas inscripçoens não são, de certo, contemporaneas dos Apostolos, mas não se lhes pôde recusar remota antiguidade; e isto basta para mostrar a perpetuidade da tradição.

Da capella passamos ao oratorio subterraneo de Santa Candida. Ao mesmo tempo que estas velhas substrucçoens, estas lageas ennegrecidas, esta forma antiga, conduzem o pensamento aos dias da primitiva Igreja, a recordação das santas preces, das piedosas lagrimas, dos soffrimentos e das virtudes de que estes logares foram felizes testemunhas, produz sobre o coração uma impressão de piedade que a palavra não pôde descrever.

Antes das nove horas, estava eu reunido á nossa pequena caravana. Dirigindo-nos a S. Paulo *Maior*, lançamos uma vista d'olhos para as tres estatuas, n'outro tempo tam gabadas e hoje tam desacreditadas, da igreja *della Pietà di Sangri*. Estas tres estatuas de marmore branco estão envolvidas em veus de marmore que attestam uma grande difficuldade vencida. O *Pudor* não tem absolutamente ar pudico; Nosso Senhor envolvido n'uma mortalha transparente, parece ter mais merito; finalmente, o *Vicio desenganado*, sob a figura d'um homem que procura desembaraçar-se d'uma grande rede que o envolve, offerece incontestaveis bellezas particulares: as malhas da rede de marmore, por exemplo, são feitas ao natural.

S. Paulo Maior pertence aos Theatinos. Em frente da porta principal estão duas columnas que faziam parte do templo de Castor e Pollux, edificado no mesmo sitio por Juliano de Tarso, liberto de Tiberio. A *Conversão de S. Pedro* e a *Queda de Simão o Magico*, que adornam a sa-

cristia, passam pelas obras primas do fecundo Solimenes. Mas as verdadeiras riquezas de S. Paulo Maior são os sagrados corpos de S. Gaetano de Tiena e de Santo Andre Avellino. Estes dois santos foram a gloria da sua ordem, os modelos dos sacerdotes e os bemfeitores da sua patria. S. Gaetano morreu a 7 d'agosto de 1547, e Santo André a 10 de novembro de 1608: o mesmo convento que havia sido testimunha das suas virtudes e da sua morte, guarda os seus preciosos restos. Depois de os havermos venerado, penetramos no claustro. N'elle se vêem os vestigios do theatro em que Nero ensaiava os seus talentos dramaticos, antes de se apresentar na scena da grande Roma. Deste monumento da loucura imperial, não resta mais nada que ruinas desfiguradas. A religião que parece haver confiado a guarda dellas a seus filhos para instrucção dos seculos, lhes legou outro monumento, pelo qual os bons religiosos velam com piedade inteiramente filial: quero fallar do quarto de Santo André Avellino. Qual era a feliz cella no dia da morte do Santo, tal nós a vimos: nada n'ella se mudou. Os pobres moveis que foram do seu uso, os seus livros, a sua escrivaniuha, a sua cadeirinha de pau, alguns escriptos da sua mão, n'uma palavra, tudo o que compõe a fortuna ordinaria dos grandes servos de Deus, está alli que falla, que prèga, que commove e que enche a alma de não sei que perfume de piedade, cuja doce impressão se faz sentir por muito tempo.

Duplicadamente felizes, tanto pelo que tinhamos visto, como pelo que iamos ver, passamos a S. Domingos Maior. Quando se entra n'esta igreja, está-se em plena idade media. Apezar

das mudanças que ella tem soffrido ha cerca de seis seculos , mostra ainda o sello grandioso da arte gothica , e o poderoso e severo genio de S. Domingos parece reflectir-se aqui como em todos os outros edificios da sua ordem.

Entre os objectos d'arte nota-se a *Crucificação* e a *Resurreição* , preciosos frescos d'Angelo Franco , o Giotto napolitano ; o *Cenotaphio* do cardeal Spinelli ; o *Tumulo de Joanna d'Aquino* , morta em 1300 , e o da princeza de Feveloto , Dona Vicenza d'Aquino , ultima deste nome , morta em 1599 ; o *Retrato* contemporaneo de S. Domingos , considerado como verdadeiro , e o monumento de Galeas Pandone , uma das maravilhas da arte devidas a João de Nola.

Antes d'entrarmos na capella do grande Crucifixo que reservavamos para o fim , visitamos a sacristia que é per si só um dos mais notaveis monumentos de Napoles. Os frescos do tecto, os seus armarios de raiz , os seus estuques dourados, o seu pavimento de preciosos marmores , desaparecem ante os doze tumulos dos principes da casa d'Aragão. Esta necropole real encerra uma dynastia inteira , eternamente chorada pelos Napolitanos , dos quaes ella fez a felicidade e gloria. Os tumulos , collocados no ar sobre um estrado circular , estão cobertos de velludo carmesim e coroados d'uma pequena figura da morte pintada a claro-escuro com esta inscripção : *Sceptra lignibus oequat.*

Em fim vamos ver a maravilha de S. Domingos Maior. A grande capella do *Crucifixo* nos foi aberta , e um dos religiosos aproximando-se do altar-mor descobriu o milagroso Crucifixo, objecto d'uma veneração seis vezes secular. Por

ordem do papa Urbano IV, S. Thomaz havia composto o magnifico officio do Santissimo Sacramento, onde a theologia mais exacta se reune á mais terna piedade e á mais elevada poesia. Muitas vezes o *angelico* auctor tinha ido buscar inspiraçoens aos pés do Crucifixo: terminado o trabalho, foi offerecer os seus agradecimentos ao Deus de quem desce todo o dom perfeito. Animando de subito a sua imagem, o divino Mestre se digna fazer ouvir estas palavras a S. Thomaz: *Bene scripsisti de me, Thoma; quam mercedem recipies?* « Escrevestes bem de mim, Thomaz; que recompensa pedis? » — « Nenhuma outra que vós, Senhor: » *Non aliam nisi te, Domine*, respondeu o santo que se sentira levantar da terra. O Crucifixo, ennegrecido pelo tempo, pôde ter metro e meio d'altura, e da bôcca de Jesus Christo se vêem sahir as palavras que precedem, e que foram pintadas logo depois do milagre.

Thomaz, cujos escriptos recebiam a approvação do Ceu e os applausos da terra inteira, habitava como o infimo de seus irmãos uma humilde cella. Este quarto onde elle compoz o officio do Santissimo Sacramento, onde viveu durante os quinze mezes que ensinou theologia em Napoles, foi transformado em capella, sem perder a sua forma primitiva. E' pequeno, pouco alumiado, e dividido por um tabique a que está suspensa a sineta que chamava os discipulos do Doutor *angelico*. Por baixo está a mesma aula onde elle dava as suas liçoens; alli se vê ainda um bocado da sua cadeira. Esta salla é oblonga e recebe a luz por tres janellas. O ordenado do poderoso professor, era por tres mezes de seis

ducados ou vinte e cinco francos da nossa moeda (1)!

Entre as outras egrejas de Napoles, o artista christão verá com interesse a *Incoronata*, *Santa Luzia*, e as que citarei mais adiante. A primeira é rica de pinturas de Giotto: o *Casamento da rainha Joanna*, e os *sete Sacramentos*, são dignos do pintor catholico e mostram o que a arte teria podido vir a ser se não fosse a influencia pagan da renascença. A segunda interessa pela sua antiguidade. Santa Clara, coroada d'uma bella torre gothica, é a mais elegante das egrejas de Napoles; serve de sepultura à familia reinante, e conserva uma bella *Virgem* de Giotto. No antigo convento da famosa congregação de *Monte Oliveto*, recorda-se a gente do Tasso, que, pobre e soffredor, encontrou alli um asylo. O poeta pagou a benevola hospitalidade de que era objecto com o seu poema não terminado: *Origine della congregazione di Monte Oliveto*. A igreja muito bem conservada é um museu de esculptura. O sinzel de João de Nola excedeu-se nos quatro Evangelistas, que decoram a capella de *Liguori*.

Santa Maria del Carmine, uma das egrejas mais populares de Napoles, é ingrata para o artista, mas rica para o christão e para o sabio. Ao primeiro, apresenta ella o milagroso Crucifixo, que, durante o sitio de Napoles, em 1439, abaixou a cabeça a fim de escapar a uma bala de artilheria. Todos os annos, no dia seguinte ao Natal, o offerecem à veneração publica, e toda

(1) A ordem de Carlos d'Anjou, que estabelece esta quantia, ainda se conserva nos archivos de Napoles: é de 1272.

a cidade, com os magistrados á frente, vae venerar este signal de salvação e protecção. Honra ao povo de Napoles! os corações agradecidos são raras vezes maus corações. Ao sabio, recorda esta egreja uma das mais tragicas catastrophes da historia. Era a 29 de outubro de 1268, e Carlos d'Anjou reinava em Napoles. Por sua ordem se armava um cadafalso na praça do Mercado que está diante da egreja. Em breve se viram subir a elle dois moços principes, Conradino de Suavia e Frederico seu primo: o primeiro não tinha mais de dezeseite annos. Indo á Italia para reclamar os seus direitos ao throno de Napoles, é trahido pelo senhor d'Astura que o entrega a Carlos de Anjou. Mal a imperatriz Margarida soube a desgraça de seu filho, unico herdeiro da illustre casa de Suavia, corre do fundo da Allemanha para lhe resgatar a vida.

Chega demasiado tarde; os moços principes haviam perecido pela mão do carrasco, e o infortunado Conradino não tinha feito ouvir mais que este grito: « O' minha mãe! que dor vos ha de causar a nova que de mim vos vão levar (1)! A esta nova, a imperatriz consagrou o preço inutil do resgate á egreja e ao mosteiro *del Carmine*, onde a sua estatua a representa com

(1) A historia ajunta que este infeliz príncipe atirou a sua luva de cima do cadafalso, para signal da investidura que dava áquelle de seus parentes que o quizesse vingar. Tendo tido um cavalleiro a ousadia de a levantar, a levou a Jaime I, rei d'Aragão, que lavou em torrentes de sangue napolitano o assassinato do moço príncipe.

a bolsa na mão. Atraz do altar-mor, podemos ler ao clarão d'uma lampada uma inscripção que marca o lugar onde foram depositados os corpos dos dois moços principes. Estranha vicissitude! Foi n'esta mesma praça do Mercado, theatro do regicidio, que rebentou dois seculos depois a revolução popular dirigida por Mazaniello.

Um espectaculo mais consolador nos esperava no *Gesú Nuovo*. Na casa dos jesuitas contigua a esta igreja, está o quarto immortalizado pelas virtudes do padre Jeronimo. Este santo religioso que Roma acaba de collocar sobre os altares do mundo catholico, habitou por espaço de quarenta annos esta pequena e obscura cella. O seu corpo repousa na igreja debaixo d'um magnifico altar, onde o podemos venerar. A gente recorda-se de que tendo o homem de Deus sobre os seus joelhos Santo Affonso de Liguori, ainda menino, dizia á mãe deste anginho: « Eu serei no Ceu antes d'elle, porem seremos canonizados no mesmo dia. » O succedido provou que o Santo foi propheta.

Restava-nos tempo bastante para fazermos uma excursão ao lago d'Agnano. Dez minutos depois de se ter atravessado a gruta de Pausilippo, deixa-se à esquerda a estrada de Puzzoles, e n'uma hora de marcha forçada chega-se ao lago Solitario. O que attrahe os viajantes, não é nem o mesmo lago, nem a sua cinta de montanhas abundantes em caça, parque reservado das caçadas reaes; é mui simplesmente a sua caverna sulphurosa chamada a Gruta do Cão. Do solo que o viajante pisa com seus pés, hem como das montanhas volcanicas que limitam o seu estreito horizonte, se desprendem differentes gazes cuja alta

temperatura annuncia a visinhança do fogo subterraneo. Da celebre Gruta se exhala tal quantidade d'acido carbonico, que seria impossivel viver lá muito tempo. « Excellencias, nos disse o aldeão que especula com a curiosidade dos viajantes, fazei-me o favor de vos abaixardes, de levardes a mão à terra, e de a tornardes a levar promptamente até á altura do rosto. » Concedemos este favor ao bom homem. Depois de dois ou tres movimentos de mão que nos fizeram subir ao nariz um ardente vapor, foi-nos necessario sahir muito depressa, porque nos sentiamos asphyxiados

Menos feliz foi o pobre demonstrador que nos succedeu; o aldeão trouxe o desgraçado cão destinado a provar a abundancia e a força mortifera do gaz carbonico. Pegou n'elle, introduziu-o á força na gruta, e o teve n'ella deitado; e um minuto depois terieis visto o pobre animal presa de convulsoens horriveis, escumando, e respirando com difficuldade. Então seu dono o lança fóra da gruta; o ar puro lhe entra nos pulmoens, e é salvo. Mas, ai! os viajantes se seguem, renovam-se as experiencias, e a vida do pobre cão se passa em desmaios perpetuos. Em tanto que nós lastimavamos a sorte do interessante animal, o aldeão accendia uma tocha resinosa que introduzia na gruta. Em quanto esteve elevada acima da camada atmospherica saturada de carbone, continuou a arder: apenas foi mergulhada n'ella, quando se apagou instantaneamente, como um facho que se lançasse n'um rio: a mesma experiencia se renovou seis vezes. Junto da Gruta do Cão estão cavernas sulphurosas, cuja temperatura se eleva até 45 graus, e tam impregana-

das de enxofre que um bocado de pau esfregado nas suas paredes pega fogo como um lume prompto. As pessoas atacadas de rheumatismo, vão alli procurar banhos de vapor que se dizem efficacissimos

Alguns dias antes das erupçoens do Vesuvio, todas as grutas sulphurosas se agitam, fumegam e se tornam ardentes, e o lago ferve: é um signal precursor do terrivel phenomeno. Grande e magnifico no ceu de Napoles, terrivel nos focos incandescentes escondidos debaixo do solo, Deus se mostra aqui cheio de sollicitude para com esta cidade descuidosa e leviana que dança, canta e dorme sobre esta crusta de terra que a separa d'insondaveis lagos de fogo.

De volta a Pausilippa, subimos a escabrosa encosta da montanha a fim de visitarmos as famosas ruinas de que ella está coberta. N'este gracioso promontorio se acham as cisternas e os reservatorios da immensa villa de Vedio Pollião. Era alli que se conservavam as velhas muréas, sustentadas com a carne dos escravos condemnados á morte pelo seu mau serviço. « Um dia, diz Seneca, ceava Augusto em casa de Pollião: um escravo deste ultimo quebrou um copo de crystal; Vedio mandou logo agarrar o desestrado; e como se elle tivesse commettido o mais enorme dos crimes, o condemna a ser lançado vivo a grandes muréas que criava n'uma piscina, menos para satisfazer sua glotoneria, que para saciar sua crueldade.

« O escravo escapa-se e vai cahir aos pés de Cesar, pedindo não que lhe concedessem a vida, pois conhecia muito bem seu senhor, mas para perecer d'outro modo, e para não ser comido

por aquelles peixes crueis. O imperador abaixa-se até o ponto de implorar a piedade de Pollião, que permanece inexoravel. Então, cedendo a um nobre movimento de indignação, Augusto concede o perdão pleno e inteiro do culpado, manda quebrar todos os vasos de crystal, ordena que encham a infame piscina, na qual aquelle Vedio, de raça de liberto, dava a si proprio o espectáculo d'um Romano despedaçado e devorado n'um instante por aquellas especies de serpentes aquaticas (1). »

Eis tudo o que o senhor do mundo julgou poder fazer a favor da humanidade ultrajada. Todavia tal qual è, este rasgo honra o primeiro dos Cesares. Porque é força que, algumas paginas adiante, a historia ajunte: « Um dia, mandou Augusto crucificar um dos seus escravos por ter feito assar e comido uma codorniz que, nos combates destes pequenos animaes, derrotava todas as outras e se havia mostrado até então invencivel (2). »

Immediatamente acima da entrada de Paustippo, da banda de Napoles, está o pequeno *Columbario*, considerado como o tumulo de Virgilio. Uma gruta elevada alguns metros acima do solo, nua, arruinada, coberta de silvas; eis o que é hoje o tumulo do principe dos poetas. E' com difficuldade que se póde ler, em uma das paredes, o epitaphio que o proprio Virgilio havia para si composto, manifestando a vontade de ser enterrado em Napoles:

(1) Senec., *de Ira*, III, 40; Dio. LIV, p. 164; Plin. IX, 27; Senec. *de Clementia*, I, 18.

(2) Plutarc., *Apophthegm. Rom.*, 10.

Mentua me genuit ; Calabri rapuere ; tenet nunc
Parthenope : cecini pascua , rura , duces.

O loureiro , plantado por Petrarcha , e renovado por Casimiro de Lavigne , seccou ; como recordação , fui forçado a pegar n'uma folha de amoreira selvagem. Ajuntemos que um Inglez mandou que o enterrassem junto do tumulo virgiliano : dir-se-hia que ao privilegio do *spleen* o nomada filho d'Albião quer juntar o monopolio de todas as *excentricidades*. Descendo da montanha , visitamos Nossa Sennora *del Parto*, fundada por Sannazaro : est'outro poeta , meio christão , meio pagão nas suas obras , ainda se mostra o mesmo no seu monnmento funehre muito gabado de mais. Terminamos o nosso longo dia offerecendo os nossos adeuses da tarde á guarda dos viajantes , na piedosa egreja de Santa Maria a *Piè di Grotta*. 'Alli encontramos grande affluencia de fieis de todas as edades e de todas as condiçoens que , piedosamente ajoelhados diante da milagrosa imagem da augusta Virgem , cantavam em côro as suas glorias divinas e as suas bondades maternas.



21 de Fevereiro.

Gruta de Pausilippo. — Puzzoles. — Recordação de S. Paulo. — Cathedral. — Recordação de S. Januario. — Pedestal do tempo de Tiberio. — Templo de Serapis. — Via Campania. — O lago Lucrino. — Anecdota. — O lago Averno e a gruta da Sibylla. — Baia. — Cumas. — Bauli. — O cabo Myseno. — Piscina admiravel. — Os Campos Elyseos. — O Maccarroni. — Recordaçõens e impressoens.

Quasi da mesma forma que Roma , é Napo-

les a terra classica da antiguidade pagan. Pelos ultimos tempos da republica, a seductora Partheope e as suas praias encantadoras haviam-se tornado o ponto de reunião geral, o Baden da alta sociedade romana: não havia uma familia celebre que não tivesse sua villa nas margens arrebatadoras do golfo de Baia. Eis ahí porque Virgilio, como homem de genio, como poeta que se quer popularizar, collocou n'estes logares o theatro dos mais brilhantes episodios do seu poema nacional. Para tomar um conhecimento intimo com este mundo d'Augusto, Tiberio, Caligula e Adriano, é necessario visitar successivamente Puzzoles, Pompeia e o museu Bourbon. Em Puzzoles encontram-se ruinas eloquentes e uma colheita de recordaçoes; Pompeia mostra ao viajante não só ruinas, mas uma cidade bem conservada, com seus templos, suas basilicas, seus fóros, suas ruas, suas casas, uma cidade antiga à qual não falta, para ser uma cidade moderna, senão movimento, habitantes, e a mobilia ordinaria. O museu Bourbon completa Puzzoles e Pompeia. N'este vasto deposito encontrais os moveis, os utensilios, os vasos, as inscriçoes, as pinturas, as estatuas, que direi? todos os objectos capazes de iniciar um homem do decimo-nono seculo nos mais intimos segredos da vida domestica, civil e religiosa d'um mundo sepultado ha dois mil annos.

A ordem logica destes estudos igualmente interessantes para o antiquario e para o christão, nos chamava a Puzzoles. Um tempo magnifico, um ceu sem nuvens, uma atmospheria de uma transparencia desconhecida em qualquer outra parte, tinhamos á medida do desejo tudo o que é mister para gozar o rico espectáculo que iamos

contemplar. Transpondo rapidamente a *Villa Reale*, onde passeia em carrinhos descobertos toda a *fashion* napolitana, chegamos á gruta de Pausilippo. Esta galeria subterranea penetra a montanha, cuja formidavel massa intercepta toda a communicação d'outro modo que não seja por mar, entre Napoles e o campo: chama-se Pausilippo, isto é *reposito*. Quem abriu esta livre passagem? Ignora-se.

Já Seneca a descreveu, e tudo leva a crer que é muito anterior a este philosopho (1). Como quer que seja, este caminho subterraneo, aberto no tufo litoide, tem 960 passos de comprimento, 30 pès de largura e 50 de altura. E' allumiado, de distancia em distancia, por lampioens e dois largos respiradoiros abertos nas extremidades: duas horas depois de o haver transposto, chega-se a Puzzoles.

Esta villa, outr'ora celebre pelo seu commercio, está muito decahida da sua grandeza; porem o que não mudou, foi a sua deliciosa posição. De pé sobre o caes, com o rosto virado para o golfo azul celeste, o espectador contempla ao sul, Capri, tristemente celebre pelas infamias de Tibério; ao poente, o cabo Myseno, que domina de toda a sua altura a soberba bacia; Bauli e a sua *Piscina admiravel*, à qual se unem os outeiros semi-circulares, onde a voluptuosa Baia ostentava as suas villas e os seus templos; ao oeste, a planura de Cumas, famosa

(1) *Nihil illo carcere longius, nihil illis faucibus obscurius. Epist. 57.* — Strabão attribue a abertura de Pausilippo ao architecto Cocseio, contemporaneo d'Augusto. Lib. V, 259.

pela residencia da Sibylla ; o lago Lucrino , onde os Romanos criavam em viveiro as ostras verdes de que tam gulosos eram ; o Monte-Nuovo, outeiro vulcanico , formado em 1538 , depois d'um tremor de terra que enguliu a villa de Tripergola ; o monte Falerno , conhecido pelos seus doces vinhos , que tantas vezes cantou a musa d'Horacio ; a villa arruinada de Cicero , em que Adriano , fallecido em Baia , foi primeiro sepultado ; ao norte , as verdejantes montanhas da Solfatarre , antigo foro de Vulcano , coroadas pelas ruinas do vasto amphitheatro onde correu o sangue dos gladiadores em honra d'Augusto , e pela magnifica via Campania , guarnecida de tumulos que se estendem a mais de duas milhas.

Gozar este espectaculo arrebatador , nutrir a nossa alma com as recordaçoes classicas em que abunda esta terra , era esse sem duvida um motivo da nossa excursão ; mas não era o unico : um interesse maior nos chamava áquelles logares , como deve chamar todo o viajante christão. Transportando-me por pensamento a dezoito seculos , eu animava todas estas praias encantadoras ; revoava-as de seus palacios , de suas Thermas , de seus templos , de suas *villas* , scintillantes de purpura , de pinturas , de bronze , de marmore e ouro. N'aquellas varandas de jaspe e porphyro , sobre aquelles deliciosos terrassos adornados de myrtos brancos e de loureiros rosas , via eu passearem os senhores e as senhoras do mundo : Mario , Pompeu , Lucullo , Cicero , Hortensio , Cesar , Augusto , Nero , Adriano ; que sei eu ? Todos esses gigantes do poder , da fortuna e da gloria tinham alli uma habitação de voluptuosida-

de (1). Eu via pois toda esta deslumbrante sociedade, contemplando, no terceiro dia de maio do anno 59 depois de Jesus Christo, aquelle mar de Baia transparente como um crystal de rocha e liso como um espelho de Veneza; gozando aquelle sol e aquelle ceu unico: quando de subito apparece, dobrando o cabo Myseo, um navio que traz na popa a grande imagem de Castor e Pollox e que, impellido por um bom vento sul, singra rapidamente para Puzzoles. As velas de joacete estão despregadas: é um navio d'Alexandria, que reconhecem por este signal d'houra. E todas as villas se animam, e todo o povo está no porto para o ver chegar (2).

(1) Horat., *ep.* 1, V. 83. — *Ep.*, 51. Plutarch., *in Mario*, 60.

(2) Quod Paulus Alexandrina navi dicatur advectus, hic opportune in medium adducenda sunt quæ scribit Seneca, *epist.* 77, *ad Lucilium*, de navibus Alexandrinis cum Puteolos appellant, quam præ cæteris illæ nobilitatæ essent, et a concurrente ad portum populo spectarentur avidius; hæc enim ait: Gratus illarum Campaniæ aspectus est, et omnis in pilis Puteolorum turba consistit; et ex ipso genere velorum Alexandrinas (quamvis in magna turba navium) intelligit. Solis enim licet supparum intendere, quod in alto omnes habent naves; nulla enim res æquæ adjuvat cursum quam, summa pars veli, illinc maxime navis urgetur. Itaque quoties ventus in crebuit, majorque est quam expedit, antenna submititur: minus habet virium fletus ex humili. Cum intravere Capreas et promontorium, ex quo, *alla procelloso speculatur vertice Pallas*, cæteram velo

Romanos e Romanas, contemplai-o bem. A seu bordo está um homem que muitos de vós conhecem: é Julio, centurião da cohorte Augusta. Sob a sua guarda se acha um prisioneiro famoso que elle traz de Cesarea, e que vós não conheceis. Se interrogardes Julio, elle vos dirá que é um judeu que vem para se fazer julgar na grande Roma; porque recusou Porcio Festo, governador da Syria, e evocou a sua causa para o proprio tribunal de Cesar. Eis o que vos responderá Julio, que não conhece melhor que vós o seu illustre prisioneiro.

Mas eu que o conheço, vos direi o que todos os vossos descendentes hoje sabem: • Mais poderoso que os vossos governadores e proconsules, mais poderoso que vós mesmos, soberbos senhores do mundo, este prisioneiro traz nas pregas do seu pobre manto, não a paz ou a guerra a uma nação barbara, mas a guerra ao imperio, guerra ao universo, guerra de morte, guerra que fará tremer a grande Roma sobre as suas formidaveis collinas, até que sepulte debaixo de ruinas sanguentas as cidades e os homens, os deuses e Jupiter no cume do Capitolio, e Cesar no seu palacio doirado; e essa guerra cujo heroe será elle, cujas testemunhas e victimas sereis vós, mudará a face da terra e collocará o nome do prisioneiro acima dos vossos nomes, e as suas cadeias acima dos vossos sceptros, e as suas ossadas no meio da propria Roma, em templos mais brilhantes que

juben:ur esse contentæ: supparum Alexandrinarum insigne est. — Veja-se Bar., an. 59, t. I, p. 424, n. B.

o vosso Pantheon. Quereis agora conhecer o nome do captivo de Julio ? chama-se Paulo. »

Mas os velhos Romanos nada sabiam de tudo isto ; e viram passar , sem suspeitarem o que elle conduzia , o immortal navio , que atravessou , pelo meio de multidão de embarcaçoens brilhantes d'oiro e purpura , o golfo de Baia , e foi lançar ancora em Puzzoles. Quanto ao viajante christão , que conhece todas estas coisas , deixovos que penseis com que olhos , com que coração contempla este golfo , este caes , theatro d'um desembarque tam memoravel nos annaes do mundo ! com que felicidade percorre as sinuosas ruas desta villa de Puzzoles , onde os irmãos detiveram sete dias o grande captivo e seus companheiros (1). Veem-lhe as lagrimas aos olhos quando pegando no Evangelho lê toda esta historia nos *Actos dos Apostolos* : « Decidiu-se que Paulo fosse entregue com os outros prisioneiros ao centurião Julio , da cohorte Augusta... Embarcamos n'um navio de Alexandria , que tinha por insignia *Castor e Pol-lux*. Costeando chegamos a Rhegium ; e um dia depois , impellidos por um vento do meio-dia , chegamos a Puzzoles , onde encontramos os irmãos que nos detiveram entre si por espaço de sete dias (2). »

Em memoria do desembarque de S. Paulo , faz a villa de Puzzoles todos os annos uma procissão solemne no caes (3). Honra eterna às ci-

(1) A christandade de Puzzoles havia sido fundada por S. Pedro quinze annos antes.

(2) *Actos dos Apostolos*, c. XXVII e XXVIII.

(3) A procissão tem logar a 30 do mez de maio. Fixando este dia , a tradição está acorde

dades que sabem perpetuar com semelhantes testemunhos a recordação dos grandes acontecimentos da sua historia (1)!

com a historia sagrada que fixa a partida de Malta na primavera. Veja-se Cornel. a Lapide, in *Act. Apost.*, c. XXVII, v. 9.

(1) Pois que o assumpto me leva a isso e me acho em logares onde tudo falla do grande Apostolo, não posso resistir ao prazer de fazer conhecer o procedimento dos habitantes de Reggio, que na mesma vespera tivèra a felicidade de ver S. Paulo. O navio Alexandrino acabava de lançar ancora na sua praia. A' vista da insignia de *Castor e Pollux*, toda a cidade acode para render homenagem as suas divindades queridas. Paulo, que não perde occasião alguma de annunciar o Evangelho, põe-se a fallar; mas os idolatras parecem não o comprehender; vão retirar-se: estão no momento de levantar ancora. Paulo supplica ao povo que fique e o escute pelos poucos instantes que uma pequena vela levar a consumir-se. Aceitam; Paulo accende uma pequena vela e a colloca sobre o marco ou columna de granito a que se amarram os navios. Em breve a vela se queima; porem eis que a columna pega fogo e serve de archote. Impressionados com este milagre, como os habitantes de Malta o haviam sido com a impotencia da vibora e com a cura de Publio, os Regios proclamam a Paulo um homem divino e pedem para abraçar a sua doutrina. Paulo baptisa alguns pela sua mão e lhes deixa por bispo Estevam de Nicea, um de seus companheiros: Reggio é convertida. Em agradeci-

Depois de havermos gozado longamente estas bellas recordaçoes e a admiravel vista do golfo, visitamos Puzzoles. A cathedral, edificada sobre

mento da sua felicidade, edifica uma igreja na praia do mar, no mesmo sitio do milagre que é ainda attestado pelo troço da antiga columna collocado sobre o altar. Ha dezoito seculos que estes excellentes christãos continuam a testemunhar a sua viva gratidão e filial piedade para com o Apostolo; o hymno seguinte, conhecido por todo o povo, se canta ainda para celebrar o glorioso acontecimento:

HYMNUS

In columnam Rheginam S. Pauli apostoli.

Ave, columna nobilis,
Electro et auro ditior,
Illaque Mosis ignea
Columna fortunatior.

Te palma tangens languida
Sensit medelam cœlicam:
Haustusque pluvis illico
Ægris salutem contulit.

Ergo columna Rhegia,
Hebros ut Israelica
In terræ optima transtulit,
Tu nos in astra ducito.

Summo Patri sit gloria,
Natoque Patris unico,
Et Paraclete numini
Cunctis in ævum sæculis. Amen.

Ÿ. Paulus apostolus devenit Rhegium, alleluia.
R. Et seminavit verbum Dei, alleluia.

a eminencia, è dedicada a S. Proculo, companheiro de S. Januario.

A palavra divina semeada em Puzzoles pelos principes dos Apostolos não tardára a produzir abundantes fructos: em breve amadurecidos para o ceu, foram colhidos estes fructos pela mão dos perseguidores. No anno de Roma 301, sob o imperio de Diocleciano, sendo consul Constantino pela quinta vez, e Maximiano Hercules pela sexta, Timotheo, governador da Campania, residente em Nola, fez conduzir ao seu tribunal Januario, bispo de Benevento, a quem mandou sacrificar aos deuses do imperio. Recusando Januario, o governador o mandou lançar n'uma fornalha ardente, d'onde o martyr sahio são e salvo. Timotheo o mandou flagellar cruelmente; depois, carregado de cadêas, o obrigou a caminhar diante do seu coche até Puzzoles. Encerrado n'uma estreita prisão, foi o santo tirado della com outros christãos que alli se detinham havia muito, e todos juntos compareceram perante Timotheo; eram Januario, Proculo e Sosias: o primeiro, diacono da egreja de Puzzoles, o segundo de Messina. finalmente Eutyches e outros simples fieis. Con-

ORATIO.

Deus, qui ad Pauli apostoli prædicationem, lapidæa columna divinitus ignescente, fidei lumine Rheginos populos illustrasti; da, quæsumus, ut quem Evangelii præconem habuimus in terris, intercessorem habere mereamur in cœlis, per Dominum, etc. (Marafioti, in *Chronic. Calabriae*, lib. I, c. 20; Giovan. Angel. Spagnuolo de *Rebus Rheginis*, lib. IV, c. 1.)

dempnados ás feras, foram conduzidos ao amphitheatro da Solfatarre, onde, depois de haverem sido expostos aos leões que os respeitaram, Timotheo lhes mandou cortar a cabeça. (1). A morte dos martyres foi o seu triumpho: primeiro Proculo e Januario repoisaram honrosamente em Puzzoles, até que o corpo do ultimo foi trasladado para Napoles, entre as acclamaçoens d'um povo inteiro; depois o paganismo vencido foi obrigado a ceder os seus templos aos vencedores. A cathedral de Puzzoles não é outra que o templo consagrado a Jupiter, depois a Augusto pelo cavalleiro romano Calpurnio: as columnas e os capiteis são os mesmos. Foi n'este glorioso sanctuario que nós veneramos o corpo de S. Proculo e a milagrosa pedra sobre a qual foi degollado S. Januario.

No meio da praça que precede a egreja, está um pedestal de marmore branco, ornado de quatorze figuras que representam as cidades da Asia Menor derribadas por um tremor de terra e reedificadas por Tiberio. A historia, d'acordo com a tradição, attribue a destruição destas quatorze cidades, ao tremor de terra que teve lugar na morte de Nosso Senhor. Assim, o monumnto de Puzzoles é um testemunho palpavel da verdade da narração evangelica (2). O distincto guia que nos acompanhava nos fallou com profunda veneração de Mr. N..., actual bispo de Puzzoles. Este pontifice, digno dos tempos apostolicos, divide o

(1) Bar., An. 301, n. II e segu.

(2) Phlegon, liberto d'Adriano, citado por Origenes; Euseb., *Chronic. an. Christi* 33; Plin. lib. II, c. 84; Sueton., *in Tiber.*, c. 48.

seu modico rendimento em tres partes eguaes: a primeira para a cathedral; a segunda para os pobres, e a terceira para si.

No fim da cidade, estão os magnificos restos do templo de Serapis, edificado por Adriano. O tecto, do qual restam algumas partes, era de marmore branco. Desde o tremor de terra de 1518, que fez refluir as aguas do lago Lucrino, o pavimento e os pedestaes das columnas estão inundados. Compreendendo os porticos e as quarenta e duas camaras dos sacerdotes, o templo tem 44 metros de comprimento e 38 de largura. Este monumento d'um culto estranho, que foi o ultimo a resistir ao christianismo, offerece a prova mil vezes repetida da alliança impura contrahida pela Roma pagan com todas as divindades que os seus triumphadores levavam encadeadas ao seu carro. Como sempre, um amphitheatro acompanhava o sanctuario dos impuros mysterios. Posto que muito damnificado, o amphitheatro de Puzzoles não perdeu inteiramente a sua antiga forma: podia conter quarenta mil espectadores, que, depois de se haverem embriagado muitas vezes com o sangue dos gladiadores, beberam com delicias o dos martyres. Para lá do amphitheatro, junto de S. Vito, vêem-se as gigantescas ruinas dos numerosos mausoleus que guarneciam a via Campana. Despidos d'inscripçoens, estes tumulos conservam ainda baixos-relevos e frescos com que o artista pôde enriquecer o seu album. A maior parte tem relação com assumptos mythologicos (1).

O caes apresenta os formidaveis restos do

(1) *Antichità di Puzzuoli*, in-fol.

Molhe, concertado por Adriano e Antonino Pio. Mas o que espanta a imaginação, são os vestígios da ponte de Caligula. Compoem-se de treze arcos, apoiados sobre enormes pilares, o ultimo dos quaes mergulha sessenta palmos abaixo do mar. Para que eram estas construcções gigantescas? Suetonio pol-o vai dizer. « Caligula, diz, querendo celebrar victorias imaginarias contra os Parthos e os Dacios, deu o espectáculo extravagante d'um triumpho á maneira do insensato Xerxes. Com este objecto, mandou construir uma ponte que, partindo da parte do golfo onde está assentado Puzzoles, devia chegar até Baia, situada na margem opposta. Mas foi impossivel edificar no mar n'um espaço de 2818 toezas. Para vencer este obstaculo, o imperador mandou reunir de todos os portos d'Italia grande numero de navios que collocados em duas linhas formavam uma especie de ponte.

« Sobre esta longa fileira de navios se levantou uma calçada de terra e alvenaria, segundo o modelo da via Appia, com parapeitos d'ambos os lados, e hospedarias de espaço a espaço, aonde se tivera cuidado de levar até agua doce, que sahia por fontes repuxantes. O triumpho durou dois dias, e a cessação completa dos transportes marítimos occasionou uma fome geral que se fez sentir em Roma mais vivamente que em qualquer outra parte (1). »

Em quanto que estavamos a contemplar estes monumentos da loucura imperial, uma forte barca nos chegava, tripulada por seis remadores e por um cicerone. Tomamos n'ella logar recitando, a

(1) *In Caligul.*

exemplo dos viajantes christãos, o *Ave maris stella* em honra de Maria, e um *Pater* em honra de S. Paulo que nos havia precedido n'este golfo. Em tanto que os remos, ferindo a golpes eguaes as ondas azuladas, impelliam docemente a nossa embarcação para Monte-Nuovo, veio-nos à idéa ler em Suetonio a descripção do triumpho de Caligula. Que coisa mais util que estudar os costumes publicos d'uma sociedade cujos poeticos monumentos e cuja brilhante habitação se vai visitar?

« Quando tudo estava prompto, continua o grave historiador, Cesar se revestiu da couraça d'Alexandre, que tinha roubado do tumulo deste conquistador, poz por cima um sobretudo militar, todo de seda, ornado d'ouro e deslumbrante de pedras preciosas; depois, d'espada ao lado, escudo na mão e corôa civica na cabeça, sacrificou primeiro a Neptuno, cujo poder ia affrontar; e à Ioveja cujas malignas influencias temia, por causa da grandeza da façanha pela qual se ia assignalar. Em seguida entra a cavallo na ponte, e seguido de numerosas tropas de infantaria e cavalleria, armadas como para um dia de batalha, corre à redea solta até Puzzoles, em attitude de combatente: alli passa a noite para repousar das suas grandes fadigas. No dia seguinte, de vestido de triumphador, sobe a um carro tirado por cavallos famosos por numerosas victorias nas corridas do Circo. Assim torna a passar a ponte, fazendo conduzir adiante de si pretendidos despojos, e precedido de Dario, filho d'Artabanes rei dos Parthos, o qual seu pai tinha dado em refem aos Romanos. Após o triumphador ia em carros toda a sua corte magnificamente vestida, seguida dos

soldados a pé como nos verdadeiros triumphos. De cima d'um estrado posto no meio da ponte, o imperador orou ás suas tropas e as elogiou por tam bello feito d'armas, e lhes distribuiu dinheiro.

« A festa foi terminada por um banquete geral. Caio na ponte, os officiaes e soldados em barcas, se pozeram á meza e beberam o resto do dia e toda a noite, que foi tam clara como o mais bello dia; pois a ponte e todas as costas do mar, em forma de meia lua, foram illuminadas de tal modo, que se não deu pela ausencia do sol: Caligula se gabára de mudar a noite em dia, como fizéra d'um braço de mar um caminho transitavel para a gente a pé.

« Depois do banquete, Caio, esquentado pelo vinho, procurou um divertimento digno de si. Poz-se a lançar os seus cortesãos ao mar e a fazer ir a pique grande numero de barcas cheias de soldados e de povo. Muitos se afogaram; contudo a maior parte se salvaram, porque o mar estava perfeitamente socegado. Caio encontrou n'isso um novo motivo d'orgulho; suppoz que Neptuno tivera medo d'elle e não ousara perturbar os seus prazeres (1). »

Terminava a leitura, quando o cicerone nos advertiu que contemplassemos o *Monte-Nuovo*. Depois de nos ter contado a formação desta montanha e a absorpção de Tripergola, ajuntava: « Tudo isto succedeu a esta cidade, porque se commettiam n'ella muitos peccados. » A terrivel destruição durou tres dias, e encheu parte do lago

(1) Suet., in *Calig.* c. XXXII; Dio., lib. XLIII.

Lucrino , cujas aguas recalcou para Puzzoles. Horacio não podia deixar de fazer menção deste lago famoso na historia da sensualidade romana, pelas ostras verdes de que era viveiro :

Non me Lucrina javerint conchyllis (1).

Agrippa separou o lago Lucrino do mar alto por meio d'um dique de cerca de 1500 metros e largo bastante para um carro de estrada real. Este dique está quasi inteiramente arruinado ; porem o canal que unia o lago ao golfo ainda subsiste. O aspecto destes logares nos recordou a interessante historia que se lê em Aulo Gellio : « Um dia, uma multidão immensa se apertava nas margens do lago Lucrino, occupada em ver um grande peixe morto, lançado à praia. Este peixe era um delfim que, entrando no lago, concebeu a mais viva amizade pelo filho d'um homem do povo. Este rapaz ia muitas vezes de Baia a Pozzoles para se dirigir ás escholas publicas. Parando de ordinario á hora do meio dia nas margens do lago, havia acostumado o delfim a ir a ella, chamando-lhe Simão, e deitando-lhe alguns bocados de pão. O animal corria, ainda que estivesse escondido no fundo das aguas, e depois de ter recebido a sua porção costumada, apresentava as costas escondendo as pontas como n'uma bainha : o estudante montava em cima, e o levava a Puzzoles atravez do mar, e o reconduzia do mesmo modo. Este jogo durava havia muitos annos, quando o rapaz morreu de doença. O delfim continuou a vir ao sitio ; mas não achando mais aquelle que procu-

(1) Epod. , Od. II.

rava, tinha o ar triste. Era o seu corpo que a multidão contemplava: e não se duvida que o pobre animal morresse de pena pela perda do seu joven amigo. Toda a gente vinha admirar esta victima d'uma amisade tam rara e singular, e decidiu-se que se enterraria ao lado do rapaz que ella amou com tanta constancia (2). »

Seguindo um pequeno caminho profundo, aberto entre duas vinhas, chega-se dentro d'alguns minutos ás margens do lago Averno que communicava outr'ora com o lago Lucrino: aqui começam as recordaçoes da nossa Mythologia classica. Todavia, deve-se convir ou em que estes logares mudaram muito, ou em que a musa de Virgilio os aformoseara singularmente. O *Horriuel* Averno está sim ainda rodeado d'uma cinta de montanhas; mas já não estão cobertas daquellas espessas florestas, cujas copadas arvores espalhavam sobre aquellas aguas mortas uma sombra eterna; aquellas montanhas, hoje nuas e aridas, ajuntam a imagem da desolação á solidão daquelles logares. A *infernal* Styge é uma fonte d'agua potavel, sita perto d'alli, na praia do mar. As aguas thermaes que se encontram junto de Cumas, eram o *Periphetegetonte*, outro rio dos Infernos. O *avarento* Acheronte, sob o nome pouco poetico de Fusaro, serve para cortir o canhamo, e fornece excellentes ostras. Os Campos Elyseos situados junto de Bauli, são um bom vinhedo. Comtudo estes logares foram tam exactamente descriptos, que, com o Virgilio na mão, o viajante ainda os póde reconhecer.

(2) A. Gell., VII, 8; Plin., IX, 8; Solin., 17.

Assim é que nós encontramos, nas margens do Averno, as ruínas do templo d'Apollo. A alguns passos de distancia d'alli, sobre a esquerda, está a entrada da gruta da Sibylla de Cumas. O guarda do antro infernal teve a bondade de nol-o abrir, mediante alguns carlinos, e ao clarão de grossos archotes resinosos, foi-nos permittido julgarmos esta galeria subterranea. Bem depressa se reconhece uma abobada bastante parecida com a de Pausilippo. Este tenebroso caminho passa por baixo do monte Myseno e conduz até Cumas; mas a maior parte está hoje entulhada (1).

(1) A difficuldade é saber qual era o seu uso. Segundo o geographo Strabão, Agrippa, genro d'Augusto, mandára abrir esta longa galeria a fim de unir o lago Averno à cidade Cumas. (Strab., lib. V, p. 257.) Abrira deste modo um caminho mais commodo, mais curto e sempre fresco, aos numerosos visitadores que appareciam continuamente d'um logar para o outro, durante a estação dos banhos. Por outro lado, Virgilio, que ao mesmo tempo que é poeta é geographo tambem, falla da caverna pela qual a Sibylla conduziu Eneas aos infernos; colloca-a no mesmo sitio onde começa o caminho d'Agrippa. A tradição constante do paiz sustentada pelos mais sabios archeologos está acorde com Virgilio. Pode-se, parece-me a mim, conciliar facilmente estas duas opiniões: basta admittir que a galeria subterranea, até á gruta de Sibylla, é uma caverna natural, muito anterior por conseguinte ao genro d'Augusto que não fez mais que prolongal-a. A inspecção dos logares basta para dar um fundamento solido a esta opinião.

A entrada é uma caverna natural que servia de vestibulo á gruta da Sibylla de Cumas, que parece ter tido muitas para dar os seus oraculos: é por alli que a sacerdotiza d'Apollo se suppõe haver conduzido Eneas aos infernos. Qual Virgilio descreve esta caverna, tal ainda se pôde reconhecer: Negra, horrivel, d'abertura larga e escancarada, de proximidades pedregosas, cavada no flanco da montanha, a dois passos do lago Averno:

*Spelunca alta fuit, vastoque immanis hiato,
Scrupea, tuta lacu nigro nemorumque tenebris.*

Assim não se podiam ir receber os oraculos da Sibylla senão atravessando longas galerias subterraneas: esta condição dispunha para o terror religioso e muito convinha aos tenebrosos mysterios do pai da mentira. Depois de ter dado cerca de duzentos passos debaixo d'uma abobada espacosa, o guia parou á entrada d'uma abertura baixa e mui estreita dizendo: « Excellencias, eis o caminho que conduz aos infernos ou antes aos banhos da Sibylla, no mesmo sitio onde ella dava os seus oraculos. » Eramos cinco viajantes, e voltando nos, vimos cinco lazzaroni de alta estatura, de côr acobreada e barba preta, que se apresentaram para nos servirem de cavalgadura; porque a vereda que conduz aos banhos da Sibylla está inundada de dois pés d'agua. A' vista destas varonis figuras ás quaes o clarão dos archotes dava algum tanto de pallido, trocamos, eu e os meus amigos, um olhar que queria dizer: Devemos acceitar? Se elles fossem despojar-nos, assassinar-nos? quem sabe? Apezar do nosso ter-

ror secreto , decidimo'-nos afoutamente, e eis-nos todos a trepar ás costas inclinadas das nossas cavalgadas fallantes.

Eu agarrava com força o pescoço e creio que a barba da minha ; em compensação , ella me apertava com força as pernas e não cessava de repetir : « Excellencia , não deixeis sahir fóra os joelhos , que vos esfolariéis nas paredes : abaixai a cabeça , aliás ides bater contra a abobada. » Deste modo que pode parecer pitoresco , e até poetico , mas que com toda a certeza não é comodo , caminhavamos nós vagarosamente pelas sinuosidades da abobada infernal. Bem depressa o meu *cavallo* se achou com agua até aos joelhos ; os pés da minha excellencia se molharam tambem e os olhos se me fecharam , fatigados como estavam pelo fumo do archote resinoso que me ardia a seis pollegadas da cara. A viagem começava a parecer-me extensa , quando o meu Atlas , virando subitamente á direita deu um largo salto e me poz em cima d'um banco de pedra : « Excellencia , me disse com ar satisfeito , eis-nos nos banhos da Sibylla. » Esperando o resto da caravana , eu esfregava os olhos e reconheci que estavam d'uma caverna tam negra , tam profunda , que todos os antros dos salteadores dos Apenninos ou da Calabria não poderiam chegar-lhe. Os meus aventureiros companheiros chegavam em fileira , rindo , gritando , arquejando e ligeiramente assustados : a gruta apresentava então um espectáculo digno d'um habil pincel. As velhas paredes ennegrecidas pelo fumo , os rostos crestados dos lazzaroni , os nossos semblantes alterados , a agua suja que cobria o chão , toda esta scena , fracamente allumiada pelo clarão vacillante dos

archotes, offerencia assumpto para um quadro quasi infernal.

A caverna, ou, como se diz, a sala de banhos, tem duas aberturas: aquella pela qual se entra; e a outra, actualmente tapada, que communicava com um dos numerosos subterraneos de que estava rodeada a gruta Sibyllina:

Quó lati ducunt aditus centum, ostia centum,

A sua dimensão é de coisa de vinte e cinco pés de comprimento por doze de largura. Com a cavidade que está na extremidade forma como que dois sanctuarios. « Eis, nos dizia o guia, os restos das tres linas de pedra onde a prophetiza tinha cuidado de purificar-se antes de proferir os seus oraculos: aqui, no meio, está o pedestal d'onde ella fallava. » Coisa mui notavel! as mesmas explicaçoens que acabavamos d'ouvir da bôcca do nosso cicerone, as davam já os guias ha mil e sete-centos annos. Não sei se me egano, mas parece-me que na gruta da Sibylla de Cumas, visitada e descripta por S. Justino martyr, é difficil não reconhecer aquella onde nós estavamos (1). O grande apologista, vindo da Asia a Roma, quiz entrar n'esta celebre gruta, e falla della nestes termos: « Estando em Cumas, vimos um lugar em que se acha um sanctuario aberto na mesma rocha; é coisa verdadeiramente maravilhosa e digna d'admiração. Era alli que a Sibylla proferia os seus oraculos, nos diziamos que

(1) Alguns poem a gruta da Sibylla n'uma excavação mais visinha de Cumas: não tenho a pretensão de julgar o debate: *Videant doctiores.*

os tinham recebido de seus pais e os guardam como um patrimonio. No sanctuario nos mostraram tres tinas abertas na mesma rocha, que se enchiam d'agua e nas quaes ella se banhava. Havendo-se tornado a vestir, retirava-se á parte intima do sanctuario, aberto como tudo o mais no mesmo rochedo, e alli, assentando-se no meio n'um assento elevado, proferia os seus oraculos (1). »

Mas o grave philosopho, o illustre campeão da fé porque quizera ver por seus proprios olhos aquella tenebrosa caverna? Nós mesmos porque descrevel-a com tantas particularidades, permanecer n'ella por tanto tempo? é que a gruta da Sibylla de Cumas, que nada ensina ao archeologo, offerece um poderoso interesse ao viajante chris-

(1) Hanc (Sibyllam) Babylone ortam dicunt, Berosi Chaldaicæ historiæ scriptoris filiam; et cum in Campaniæ oras delata nescio quo pacto fuisset, ibi oracula edidisse in urbe quæ Cumæ dicitur, Batis, ubi sunt Thermæ Campanæ, sex lapidibus distans. Vidimus, cum in hac urbe essemus, locum quemdam, ubi sacellum maximum ex uno saxo excisum conspeximus, rem sane præclarissimam et omni admiratione dignam: ibi sua illam oracula edidisse narrabant, qui hæc a majoribus, ut patriæ suæ propria, acceperant. In medio autem sacello monstrabant nobis tria receptacula ex eodem excisa saxo, quibus aqua repletis lavare eam dicebant, et cum vestem resumpsisset in intimam sacelli ædem secedere, ex eodem saxo excisam, ac in medio aedis sedentem excelso solio, sic vaticinari. — S. Just. martyr. *ad Græcos Cohortatio*, c. XXXVII.

ção. Recordalhe aquellas virgens prophetas que a Providencia divina, segundo o pensamento dos Padres da Egreja, suscitára no meio da gentildade para conservar a salutar crença do Redemptor futuro. Em pé, sobre o assento da prophetiza, eu me puz a repetir aquelle oraculo famoso posto em verso por Virgilio: « Eis uma nova ordem de coisas que começa; eis a Virgem que volta; eis a antiga idade d'ouro; um menino, descido dos ceus, põe fim aos nossos crimes e torna a dar á terra a justiça e a paz (1). » E bemdissemos o Deus de bondade que jámais se deixou sem testemunho e que, neste mesmo logar, tinha feito sahir da bôcca da virgem pagan, como outr'ora da bôcca de Balaam, uma magnifica prophecia; e repetiamos, com S. Justino: « O' Gregos, se preferis a verdade ás vossas fabulas, acreditai pois a mais antiga das vossas Sibyllas cujo livro, espalhado por todo o universo, vos annuncia manifestamente a nullidade dos vossos deuses, e a vinda do nosso Salvador Jesus Christo (2). »

(1) Eglog. 17. — Estes versos de Virgilio bem como o oraculo da Sibylla foram lidos solemnemente no concilio de Nicea. — Euseb., *Vit. Constant.*

(2) *Vestram igitur salutem, o Græci, si falso de diis, qui nulli sunt, commento potio-rem ducitis, credite, ut jam dixi, Sibillæ antiquissimæ et vetustissimæ, cujus libri per totum orbem servantur, quæque ex patenti quodam afflatu deos qui dicuntur, nullos esse per oracula nos docet, ac de futuro Salvatoris nostri Jesu Christi adventu, ac de rebus omnibus quas gesturus erat clare et aperte prænuntiat. Id., c. XXXVIII.*

Sabindo da gruta, pagamos alegremente ás nossas cavalgadas. Ao receber o seu salario, o meu mariola me disse: « Padre, não esqueçais o vosso cavallo nas vossas oraçoens — Mas, lbe respondi eu sorrindo, o meu cavallo me levou ao caminhuho dos infernos! — Pois bem, orai por mim, Padre, e o cavallo e o cavalleiro irão para o paraizo! » Foi necessario separarmo'-nos; os nossos cavallos ficaram alli para offerecerem os seus serviços aos curiosos, e nós, tomando o caminhuho do lago Lucrino, chegamos outra vez à nossa embarcação. A praia de Baia, á qual iamos aportar, foi outr'ora celebrada por Horacio como a mais deliciosa do universo:

Nullus in orbe sinus Baiis prælucebat amœnis.

Que diria o poeta se visse esta costa, deserta, inculta, insalubre e coberta de ruinas? Para a direita distinguem-se os vestigios dos *Banhos de Nero*: estas grutas ferventes são ainda estufas de um effeito extraordinario. Segundo o seu costume, o guia se entranhou n'ellas e sahio um instante depois todo vermelho e escorrendo em suor. Eis, em seguida umas das outras, as ruinas de *villas* sumptuosas, cujo proprio nome pereceu; as ruinas d'um templo de *Venus Genitrix*, bem collocado n'estes logares; as ruinas d'um templo de *Mercurio* digno companheiro da deusa; as ruinas d'um templo de *Diana Lucifera*; ruinas eloquentes, habitadas por alguns pobres pescadores cujos filhos esfarrapados veem vender-nos, em pratos de barro vermelho, bocados de marmore precioso, ultimos restos dos templos, dos palacios e das *thermas* dos senhores do mundo! Dir-se-hia, á vista desta desolação, que Isaias prophe-

tizava contra Baia , quando dizia á soberba Tyro :
« Um dia virà em que os ricos navios das na-
çoens não aportarão mais ao teu porto..... Tu
mesma não seràs mais que uma miseravel aldêa,
habitada por alguns pobres pescadores que la-
varão as suas redes sobre a tua praia deserta (1). »

Como Baia , Cumas edificada sobre a collina
não offerece aos viajantes senão infortunios e nu-
merosos restos d'antiguidades gregas e romanas.
Mas recorda-lhe o primeiro estabelecimento fun-
dado pelos Gregos nas costas d'Italia , a famosa
Sibylla , Tarquinio o Soberbo , que foi alli mor-
rer depois da sua expulsão , e Petronio que alli
fez que lhe abrissem as veias. A uma legua de
distancia de Cumas , *Torre di Patria* , a antiga
Lioterna mostra o tumulo descoroadado de Scipião
Africano.

Voltando á praia , dobramos o promontorio
sobre o qual se ergue o castello de Baia. Cons-
truido pelo vice-rei de Napoles , Pedro de Toledo,
está favoravelmente situado para defeza do golfo
cuja monotonia corta. Mais looge a pequena al-
dêa de Bauli , antiga *Baccola* , se desenha no meio
do vasto panorama de ruinas que cobre toda a
costa. A sumptuosa *villa* de Manio não é re-
presentada mais que por algumas arcarias que-
bradas ; a pesqueira d'Hortensio , conhecida pelas
suas mureas , não offerece mais que duas sub-
strucçoens que se introduzem no mar. E' seguida
d'um monumento circular , meio arruinado , que
o guia nos indicou como o tumulo d'Agrippina ,
mãe de Nero. Entramos n'este monumento , cuja

(1) Isaias , c: XXII , 1 e seq.

origem e destino me parecem duvidosos; além disso o fumo dos archotes tem formado nas paredes tal camada de felugem, que a leitura das inscripções é quasi impossivel. Seja ou não seja tumulo, o porto de Bauli parece-se muito com aquelle que Tacito descreve na sua narração da morte d'Agrippina.

Quando iamos deixar a barca para subirmos ao cabo Miseno, os nossos remadores nos pediram por *Boa Mão* um prato de *Macaroni*. « Excelencias, nos disseram, não chorareis os vossos *tornesi*; ver comer o macaroni a' napolitana é uma coisa curiosa, digna de nobres estrangeiros.» E' facto que os viajantes de Napoles não deixam de se dirigir pela noite a' porta de *Massa* para gozarem uma representação desta scena nacional; gozal-a no mar nos pareceu ainda mais picante, e consentimos. No entretanto, trepamos a escarpada encosta do cabo Miseno e chegamos a' *Piscina mirabile*. Este monumento, o unico bem conservado de toda a costa, é digno do nome que tem e dos Romanos que o construíram. E' um reservatorio que fornecia agua doce a' frota estacionada no cabo Miseno. Forma um parallelogrammo e descansa sobre quarenta e oito pilastras dispostas em quatro fileiras d'arcos quadruplos de extraordinaria altura: o seu comprimento é de 216 pés. A abobada esta' furada por trezes aberturas pelas quaes se presume que se tirava a agua. Duas escadas conduzem até ao fundo; e o viajante pôde ver de perto, não só a belleza do edificio, mas tambem a solidez que lhe dá a forte camada de stalactite despositada em todas as partes. Foram necessarias sommas enormes para construir esta piscina, e mais enormes para con-

duzir a ella agua de muitas milhas, apesar de immensos obstaculos.

Mas comprehende-se que os Romanos não recuassem, nem ante as difficuldades, nem ante as despezas: a piscina era necessaria à sua frota, e a sua frota era necessaria á segurança do imperio. Tres grandes estaçoens maritimas, reunidas por pontos intermedios, formavam um vasto systema de defeza. A primeira, estabelecida em Frejus, *Forum Julii*, protegia a Italia do lado das Gallias: Augusto a formou primitivamente dos navios tomados na batalha d'Accio (1). A segunda era em Ravenna: dominando as costas do Adriatico, oppunha uma barreira ás incursoens dos Barbaros do Norte. A terceira, situada em Miseno, devia, reunindo-se á de Frejus, manter a segurança dos mares desde o estreito de Messina até ás Columnas d'Hercules. Estas tres frotas foram estabelecidas por Augusto a quem se deve a conclusão do porto de Miseno começado por Cesar. Este magnifico porto, entulhado em parte, tem o nome de *Mare Morto* que hoje lhe convem.

Se a vista da Piscina dà uma alta idéa da magnificencia romana, as ruinas pouco distantes dos *Cento camarelle* dão outra pelo menos igual da sua barbaridade. Os *Cento camarelle* são um edificio assim chamado por causa do grande numero de salas escuras e compridos corredores, egualmente privados de luz, que elle contem. Um viajante francez, que o visitara quatro annos antes de nós, o descreveu bem: deixal-o-hei fallar. « Depois de ter examinado bem este edificio, è difficil assignar-lhe outro destino que não seja o

(1) Suet., Aug., 49.

d'uma prisão, e então fica-se penetrado de tristeza ao ver com que barbaridade, com que esquecimento de todos os sentimentos d'humanidade, deviam os presos ser alli tractados. Quatro longos carcereiros principalmente, de dois metros de largura e cortando-se em angulos rectos, são horriveis. A inspecção dos logares faz crer que os detidos estavam alli assentados no chão, em fileira d'um lado e d'outro, e provavelmente encadeados, como os escravos africanos na entreponte d'um navio negreiro. No ponto de junção destes carcereiros, uma pequena camara permittia ver tudo o que se passava nelles, suppondo todavia que elles estivessem allumiados por lampioens; era um ensaio do systema panoptico adoptado em muitas prisoes modernas. Diante desta construcção, duas ordens d'arcadas parece terem sido destinadas ao aquartelamento dos soldados de guarda e aos carcereiros. Este horrivel monumento confirma uma observação já feita muitas vezes por diversos escriptores; é que os antigos, nos seus aperfeiçoamentos sociaes, não prestavam attenção senão ás necessidades das populaçoens consideradas em massa, e os interesses e soffrimentos das individualidades tocavam-os pouco. Foi o Christianismo o unico que, havendo proclamado que todos os homeas são irmãos, restituiu a sua importancia a cada membro da familia (1). »

Os famosos *Campos Elyseos* esteadem-se do *Mare Morto* até ao lago *Fusaro*, antigo *Acheronte*, situado do outro lado da planicie. Aquelles logares tam bellos sob a penna de Virgilio,

(1) M. Fulchiron, *Arredores de Napoles*, 1838, p. 290.

aquelles deliciosos jardins, regados por bellas fontes, plantados d'arbustos sempre verdes e adornados de soberbos tumulos, não são mais que um vinhedo bastante mal cultivado. Não quize-mos deixar Miseno, sem visitarmos as ruinas da casa de Lucullo, celebre pela morte de Tiberio. A 13 de março do anno 55 de Nosso Senhor, Tiberio, depois de haver assistido aos jogos dados pelos soldados da sua guarda, se achou atacado d'uma violenta dor de ilharga: entra na antiga villa de Lucullo. Trazem-lhe as actas do senado; elle irrita-se e medita novas crueldades. Macron, prefeito do pretorio, manda que lancem sobre o velho imperador almofadas e colchoens debaixo dos quaes o faz abafar (1).

Assim morreu Tiberio, de setenta e oito annos de idade, defronte d'aquella ilha de Capri que elle tornou tristemente immortal por dez annos de crueldades e devassidoens igualmente incriveis.

Durante a nossa excursão, os marinheiros tinham feito cozer o seu macaroni e o tinham levado para a barca. Apenas entramos n'ella, quando elles içaram a veia, e, deixando-nos ir vagarosamente á brisa da tarde, se pozeram a absorver, como estava convencionado, na nossa presença, a ignaria favorita do Napolitano.

Para fazer uma idéa desta scena gastronomica, é necessario representar-se aquelles pelotiqueiros de bêccos, que, com grande pasmo da multidão, engolem com uma destreza maravilhosa varas de fita ou espadas nuas. Com a mesma

(1) Tacit. VI, 50; Suet., Tib., 72, 73; Dion., lib. LVIII.

facilidade, os nossos marinheiros fizeram correr pelas profundezas das suas guellas os intermináveis *varme* de massa azeitada, que, do vaso onde estavam enrolados, subiam à bôcca dos que os comiam, passando-lhes pelas mãos elevadas acima da cabeça à maneira de polé. A operação, impossível a qualquer outro, foi executada n'um abrir e fechar d'olhos. « Excellencias, nos disseram elles então com ar satisfeito, não' é certo que vós jamais chorareis os vossos *tornesi*? Bem-dictos sejaes, nobres senhores; » e pozeram-se a cantar.

Em quanto elles repetiam as suas alegres coplas, nós deitamos ultimo olhar para os outeiros de Baia, como para fixarmos no nosso espirito, com a imagem destes logares celebres, as numerosas recordaçoes que elles suscitam. A costa parecia lançar-nos estas tres palavras: Luxo desenfreado! voluptuosidade! crueldade!

A antiga Baia, assentada no meio de bosquesinhos de myrtos e de loureiros, em breve foi insufficiente para todos aquelles que queriam ter n'ella casas, ou simplesmente allugar alojamentos. Ergueu-se pois segunda cidade tam consideravel como a primeira, toda composta de villas d'uma magnificencia real. Contiguas umas ás outras, dominavam o lago Lucrino, e até muitas se introduziam pelas suas ondas dentro. Não havia uma só que não custasse sommas enormes; a de Mario, que passou a Cornelia, mãe dos Grachos, foi vendida a Lucollo por 46,087 francos (1).

Nos primeiros dias da primavera chegava a multidão. Um paiz, que encerrava tantas aguas

(1) Plutarch., in *Mario*, c. 60.

saltares, não era, certamente, povoado senão por gotosos, paralyticos, feridos, gente de cara triste e pallida, n'uma palavra, de doentes de todas as especies. Talvez assim fosse ao principio; porem pelo fim da republica e sob o imperio, encontravam-se lá muitas mais pessoas de perfeita saude que doentes; e aquellas formosas campinas eram uma mansão de prazer muito melhor que de dor (1).

Caligula ia para alli para dar ao mundo o espectáculo das suas ruinosas extravagancias; Nero dirigia-se para lá acompanhado de mil carruagens e de duas mil mulas ferradas de prata; Poppea o seguia rodeada de quinhentas jumentas, cujo leite compunha o banho da cortesã, a fim de lhe fazer a pelle mais branca e macia (2). Todos os grandes do imperio seguiam as pisadas de seu amo, e variavam os prazeres segundo os seus caprichos. Uns mandavam abrir piscinas semelhantes a palacios; a sua felicidade consistia em criarem n'ellas, com grandes despezas, os peixes mais raros. Hortensio antes consentiria em tirar da sua cavallariça mulas de tiro para vol-as dar, que um só barbo velho da sua piscina. A saude dos seus peixes era-lhe mais cara que a dos seus escravos; quando aquelles estavam doentes, inquietava-se muito mais de que elles não tivessem agua bem fresca, do que de a ver beber aos ultimos (3). Crasso, que passava por homem grave, Crasso, homem censorial, tomou

(1) Strab., V, p. 255; Dion., XLVIII, p. 442.

(2) Plin., l. XI, 41.

[3] Varron., R. R. III, 17.

lucto por uma murea morta em sua casa, e a chorou como tivera chorado sua filha (1). Esta degradação era geral já no tempo de Cicero. « Os nossos grandes, escreve o celebre orador, mostram-se tam contentes como se fossem transportados ao ceu, quando teem nas suas piscinas barbos que veem comer á mão, e não se importam de modo nenhum com os negocios do Estado [2]. » Antonia, nora de Tiberio, punha brincos ás suas mureas a quem amava com paixão [3].

Mas, em geral, a sociedade que se reunia em Baia se entregava a uma vida mais que voluptuosa. A reputação deste logar estava tam bem estabelecida que bastava respirar-lhe o ar para perder todo o sentimento de pudor e de virtude [4]. « E' necessario fugir de Baia, dizia Seneca, pois é a cloaca de todos os vicios, *diversorium vitiorum*; a devassidão faz della o seu theatro, e em parte alguma se mostra mais emprehendedora e se põe mais á vontade, como se a licença fosse nestes logares uma divida indispensavel [5]. »

Conservavam-se encerrados durante o calor do dia; mas á noite toda a gente sahia. Então o Averno e o Lucrino se enchiam de banhistas masculinos e femininos que juntavam ao prazer do banho o da natação, e sulcavam a nado a superficie transparente e docil daquellas bellas

[1] Macrob., Saturn., II, 11.

[2] *Ad Attic.*, II, 1.

[3] Plin., IX, 53.

[4] Cicer., *pro Caelio*, 20; Mart. I, 63.

[5] *Epist.* 51.

aguas [1]. No meio desta multidão de homens e mulheres que se teriam tomado pelos tritoens e pelas nereides daquelles lagos, deslizavam milhares de barquinhos de todas as formas e cores. Os passeios prolongavam-se até muito tarde; ceava-se em cima da agua, e perfumava-se o lago com rosas desfolhadas, que quasi escondiam á vista as ondas.

Orchestras collocadas nas margens do lago, ou estacionadas no flanco circular das montanhas, acompanhavam com seus concertos estes passeios e banquetes; e durante toda a noite não se ouvia mais que symphonias e cantigas lubricas, repetidas pelos eccos d'em torno.

Engano-me: aos cantos da voluptuosidade ajuntava a crueldade a sua voz lugubre. Era alli, n'aquellas encantadoras margens, que corria o sangue humano em honra d'Augusto, que Macron abafava Tiberio, que Caligula lançava os seus cortesãos nas ondas e que Nero ordenava o assassinio de sua mãe.

Luxo, voluptuosidade, crueldade! taes foram as ultimas palavras com que Puzzoles e Baia resumiram, descendo nas sombras da noite, a deslumbrante sociedade que outr'ora habitou as suas praias.



[1] Propert., I, 11; V, 11.

22 de Fevereiro.

Pompeia. — Historia e ruina da cidade. — Aspècto geral. — Impressoens. — Exame dos edificios religiosos, civis e particulares. — Reflexoens.

« Em Pompeia, a antiguidade não é já essa antiguidade vaga, remota, incerta, essa antiguidade das ruinas mutiladas de Puzzoles, de Baia e dos outros paizes, ainda menos essa antiguidade dos livros, dos commentadores, e dos archeologos; é a antiguidade real, viva, em pessoa, se assim se póde dizer: a gente a segue, a vê, e a toca. » Antes de chegarmos a esta cidade, unica no mundo, pareceu-nos conveniente conhecer a sua historia. Pompeia situada na fralda do Vesuvio, sobre o rio Sarno, era uma das cidades mais importantes da Campania. A sua posição a fazia o centro commercial d'Herculanum, Stabia e Nuceria: contava uns vinte e cinco mil habitantes. Fundada pelos Etruscos ou pelos Gregos, foi convertida em colonia romana por Sylla, e veio a ser, como todos os arredores de Naples, uma mansão de delicias para a alta sociedade do imperio. Cicero, que tinha villas em todas as partes, tinha uma em Pompeia cujas graças elle eguala às de *Tusculum*: *Tusculum et Pompeianum valde me delectant*. No anno 63 da era christã, um tremor de terra causou grandes danos a Pompeia; mas os vestigios delles haviam desaparecido quasi inteiramente, quando a terrivel erupção do Vesuvio do anno 79 aniquilou esta desgraçada cidade, bem como Herculanum e Stabia: Herculanum diz-se que era uma cidade de quarenta mil almas; a população de Stabia é

incerta. Para assistirmos, em certo modo, á espantosa catastrophe cujos effeitos vamos reconhecer, depois de mil e setecentos annos, veio-nos a lembrança de lermos a sua descripção em Dion Cassio e em Plinio o Moço, testemunha ocular.

Eis aqui as palavras delles : « No primeiro de novembro do primeiro anno do reinado de Tito, á uma hora da tarde, divisou-se, do lado do Vesuvio, uma grande nuvem de forma singular, e que, semelhante a um pinheiro, se elevava primeiro a uma altura consideravel, e formava como um tronco d'onde sahiam varios ramos. Esta nuvem era ora branca, ora escura, e cheia de malhas. No entretanto tudo se tornava assustador na natureza ; tremia a terra, o cume dos montes ondulava, os estampidos subterraneos semelhantes ao trovão se juntavam a longos bramidos que faziam retumbar as costas do mar, o solo tornava-se ardente, o golfo de Napoles fervia, e o ceu estava afogueado : parecia que todos os elementos desentreados faziam entre si uma guerra de que os homens iam ser victimas. Desubito o fogo subterraneo, causa desta horrivel commoção, venceu os obstaculos e o Vesuvio arrojou aos ares pedras de tamanho prodigioso, que rolavam do alto da montanha. Columnas de chamma sahiram da cratera e foram em breve seguidas d'um fumo tam espesso, que obscureceu o sol e transformou o dia n'uma noite medonha. Então o espanto chegou ao seu auge : todos criam ser chegada a sua ultima hora. Imaginavam ver n'aquellas horriveis trevas gigantes e phantasmas armados uns contra os outros : parecia que o mundo ia voltar ao cahos aonde arrastava os mesmos deuses. Uns deixavam suas casas agitadas e promptas a derribar-se sobre elles,

para buscarem a salvação nas ruas e nos campos; outros fugiam dos campos para as cidades e para as casas: aquelles que andavam no mar esforçavam-se por alcançar a terra, e da terra se corria para o mar. »

Entretanto chegam immensas nuvens de cinzas que enchem o ar, a terra e o mar. Foram levadas até Roma em quantidade bastante grande para n'ella escurecerem o dia. A surpresa foi igual ao terror, porque a causa deste estranho phenomeno ainda não era conhecida senão na Campania. « Aqui, ajunta Plinio, cahiam ellas em chuva tam abundante e tam rapida, que estando em Miseno, afastado cinco leguas do Vesuvio, e vendo-me obrigado a assentar-me com minha mãe ao lado do caminho com medo que a multidão que fugia em tumulto nos esmagasse na escuridão, era necessario levantarmo-nos continuamente para sacudirmos a cinza que, a não ser esta precaução, nos teria coberto e até abafado (1). »

Em tanto que estas nuvens ardentes sepultavam debaixo d'uma camada de doze pés de espessura Pompeia e Stabia, torrentes de lavas vomitadas pela cratera e juntas com cinza, saibro e agua a ferver corriam pelas ruas d'Herculanium, penetravam nas lojas, elevavam-se aos quartos, e depois, esfriando, formavam uma massa compacta que não permittiu distinguir mais nem foro, nem edificios, nem cidade. O que augmentava o horror desta scena, era a medonha escuridão que reinava em todas as partes.

« A noite, continua a mesma testemunha,

(1) Lib. VI, *Ep.* XVI e XX *ad Tacit.*

estava, não o que é a noite mais escura em campo descoberto, quando se não vê nem lua nem estrellas, mas o que é n'um quarto bem fechado depois de se terem apagado todas as luzes (1). De vez em quando estas medonhas trevas, que duraram tres dias, eram illuminadas a intervallos, não pelo fulgor do dia, mas pelo clarão das chammas que sabiam da cratera. Depois voltava a noite, voltava a chuva de cinzas mais espessa e abundante. Por fim mostrou-se o dia, e todos fizeram uso dos olhos e dirigiram a vista para os objectos circumvisinhos. Tudo estava mudado, transtornado; o mar havia perdido os seus limites, e a terra coberta de montoes de cinzas, como o está às vezes pela neve nos dias d'inverno, apresentava o spectaculo mais afflictivo (2).

Resulta desta narração que a catastrophe se effectuou de vagar o sufficiente para permittir que os habitantes fugissem; d'onde o pequeno numero de esqueletos encontrados até agora nas excavações.

Como quer que seja, a recordação das infelizes cidades ficou na memoria dos habitantes do paiz, bem que a planicie uniforme de que ellas estavam cobertas fizesse esquecer a sua verdadeira situação. É sem razão, por exemplo, que as *guias* e os *cicerones* suppoem Pompeia encontrada sómente no seculo passado. « E primeiramente, o amphitheatro, sito fóra da cidade, no meio dos campos cultivados, eleva, ainda damnificado como está, a sua segunda ordem d'arcadas seis a sete metros acima da planura, e inclinando-se

(1) Id., id.

(2) Plin., *id.*, *id.*; in Dio. Tito.

a gente e estendendo a vista pela superficie da terra, vê-se que um metro pouco mais ou menos da primeira ordem deve ter apparecido sempre. De mais, a parte superior e a cimalha não foram destruidas senão successivamente e pela injuria do tempo. Deste modo, desde a catastrophe de Pompeia, esse amphitheatro, que existia tam perto de Napoles, n'um paiz tam povoado, não podia escapar ás vistas; era um signal sempre subsistente e que testificava que a antiga cidade devia estar sepultada nas visiuhanças. De mais, uma antiga inscripção parece indicar que o imperador Alexandre Severo mandou excavar as cinzas de Pompeia e que estas investigaçoes lhe alcançaram estatuas, columnas e preciosos marmores. No principio do seculo XVI.^o, esta cidade, como situação e ruinas ainda em pé, era tam conhecida como hoje.

Eis o que ácerca della diz Sannazar: « Esta cidade, que se nos apresenta aos olhos, chamada Pompeia e celebre n'outro tempo, foi engulida por um tremor de terra, tendo-lhe o solo, como penso, faltando debaixo dos alicerces: especie de morte estranha e horrivel para uma nação, o desaparecer a'um momento do numero dos vivos.... Fallando assim, estavamos já muito perto da cidade que servia de assumpto ás nossas reflexoens, pois se lhe podiam distinguir as terras, as casas, os theatros e os templos quasi intactos. Em 1572 o conde de Sarno, mandando abrir um canal subterraneo para levar agua a la Torre, atravessou e excavou em diagonal a praça da cidade; ainda n'ella descobriu casas, ruas, templos e outros monumentos. » Um seculo depois, Macrini, na sua obra *de Vesuvio*, diz que conjecturava que

o sitio chamado *Cività* devia ser Pompeia ; e ajunta que não é só o nome de *Cività* que o leva a crel-o , mas tambem porque reconheceu alli elle proprio construcçoens inteiras , ruinas de grandes muralhas e porticos em parte fóra da terra. E' pois evidente que esta cidade nunca foi esquecida desde a sua catastrophe , e que a tradição e monumentos ainda apparentes conservavam a recordação della ; mas o momento em que deviam occupar-se della seriamente não havia chegado. Finalmente , em 1748 , uns aldeoens , abrindo uma cova , descobriram ainda habitaçoens , estatuas e objectos que serviam aos usos da vida. Desde então Pompeia attrahiu a attenção de todos os sabios da Europa , e voltou á sua gloria (1).

Herculánum a havia precedido alguns annos somente. Em 1713 , o principe d'Elbeuf , Manuel de Lorena , mandando construir uma casa de recreio em Portici , descobriu , sem o esperar , grande quantidade de marmores , a sessenta pès abaixo do chão. O rei de Napoles , tornando-se proprietario da casa do principe d'Elbeuf , continuou as excavaçoens , e foi em 1736 que se reconheceu a existencia d'uma cidade inteira : era Herculánum. Quanto a Stabia , quasi que se limitaram a encontrar-lhe o sitio.

O desentulho de Pompeia foi continuado com actividade pelo rei Murat : oitocentos operarios trabalhavam n'elle sem descanso. Hoje contam-se apenas quarenta ; no andar em que vão as excavaçoens , ainda è necessario esperar coisa de quinhentos annos para gozar o aspecto' inteiro da ci-

(1) M. Fulchiron ; *Arredores de Napoles* , p. 336.

Jade; porque as muralhas, descobertas de 1812 a 1814, mostram que a quarta parte de Pompeia apenas está descoberta.

Chegamos pela manhã cêdo de carruagem a uma das portas da cidade selenciosa. Um veterano, com a carabina ao hombro, e um cicerone, com o chapéu na mão, caminharam para nos receberem. Segundo o nosso costume, quizemos ter uma idéa geral da cidade, antes de a examinarmos por meudo, e demos volta em roda das muralhas. Pompêa, situada ao sudoeste do Vesuvio, n'uma planicie ligeiramente irregular, descreve uma oval, mais grossa para o meio, e que se estende do noroeste ao sudeste: a sua circumferencia é de coisa de nove kilometros. A parte da cidade ainda sepultada está coberta de vintias e d'árvores de fructo, plantadas n'uma terra mivediça ou antes n'uma cinza pardacenta de prodigiosa actividade. E' alli, nos outeiros mais proximos do Vesuvio, que se colhe o *lacryma Christi*.

As muralhas de Pompeia teem todos os caracteres da mais remota antiguidade. Formam um recinto continuo, sem nenhum angulo saliente: esta disposição no systema militar dos antigos favorecia a defeza da cidade. Os bastioeus compoem-se em geral d'uma base chata e de dois muros; sobe-se a elles por degraus largos o sufficiente para permittirem a muitos soldados o passarem de frente. Parte do muro de recinto foi minado ou pelo tremor de terra do anno 63, ou por Sylla quando se apoderou da cidade no anno 666 de Roma. As muralhas são flanqueadas por onze torres, de tres andares com uma porta secreta para favorecer as sortidas. Pom-

peia tem cinco portas ; a d'Herculanum é precedida e seguida d'outras tres dispostas de maneira que se podesse prolongar a defeza, supposto que o inimigo houvesse forçado a primeira entrada. Era na parte exterior da muralha lateral a esta porta que se collocavam os editaes ; quer dizer que se escrevia alli com um pincel , em caracteres vermelhos ou pretos , o que se queria fazer saber ao publico. Na occasião da descoberta ainda alli se ham os restos d'um edital , pelo qual se annunciavam *dois combates de Gladiadores de Rufo e uma caçada no amphitheatro com velarium.*

Os edificios de Pompeia tanto publicos como particulares são de construcção nobre , elegante, sem ter a pureza da architectura grega. As casas, em geral, teem dois andares , mas os quartos são pequenos. Encontra-se quasi em todas as partes a mesma forma e a mesma distribuição : não ha differença notavel senão no tamanho e nas miudezas de luxo , proporcionadas à fortuna dos proprietarios : quasi todas as frontarias são pintadas de vermelho. Até agora teem-se descoberto vinte e duas ruas ; as que ficam visinhas do Foro e dos theatros são largas e regulares, e as outras são geralmente estreitas e tortuosas. Todas são calçadas de largas lajeas do Vesuvio e guarnecidas de passeios de ambos os lados. De distancia em distancia se vêem marcos que servem para consolidar os passeios ou para montar o cavallo. A maior parte das ruas , estabelecidas em calçada , são largas o bastante para que dois carros possam passar a par : cumpre sómente observar que os carros antigos não teem mais de quatro pés de largura. Por baixo dos passeios obser-

vam-se uns horacos pelos quaes corriam as aguas pluviaes para os canos e iam para o mar, cujas ondas banhavam os muros da cidade.

Em quasi todas as encruzilhadas se encontram fontes de boa architectura que recebiam as aguas dos longos aqueductos estabelecidos entre a cidade e os montes. São egualmente ornadas de baixos relevos que representam cabeças de deuses, e de animaes, a quem sem duvida eram dedicadas ou cujo nome tinham. Como as nossas cidades actuaes, uns marcos de granito cercavam as fontes e as protegiam contra as rodas das carruagens. Nas encruzilhadas vêem-se ainda pinturas ou altares consagrados aos deuses tutelares das ruas, chamados *Lares compitales*. Nas diferentes partes do pequeno sanctuario, alguns frescos representam os sacrificios offerecidos áquellas divindades: vê-se quasi em todas as partes uma ou duas serpentes que engolem as iguarias consagradas. O baixo povo sobretudo tinha particular devoção a estas especies de divindades, ás quaes se vê elle apresentar n'um prato fructas, flores, legumes, etc.

Depois deste lance de vista geral, descemos ao interior da cidade. Como descrever a impressão que se experimenta ao percorrer aquellas ruas solitarias onde os carros, que as atravessaram ha quasi dois mil annos, deixaram o profundo sulco das rodas; aquelles templos, com suas columnas e seus altares, mas orphãos de seus sacerdotes e de seus deuses; aquelles theatros, com seus *cuneos*, seus assentos, seu palco, seu proscenio e seus porticos, mas sem actores nem espectadores; aquellas fontes bem conservadas e que já não correm; aquellas basilicas e aquelles foros,

ruidosos pontos de reunião dos ociosos e dos homens de negocios, onde só se encontram alguns lagartos que fogem ao aspecto dos vivos? Eis as *Thermas* com suas salas de banho frio, de banho quente, de banho tepido, bem como os nichos onde se collocavam os strigilos e os vasos de perfumes; porem onde estão os banhistas voluptuosos que faziam uso delles? Eis as lojas com os pesos e as balanças, mas onde estão os compradores e os vendedores? Eis a hospedaria *d'Albino*; mas nenhum viajante nos quartos; nenhuma mula presa aos anneis de ferro diante da porta da cavalhariça.

Finalmente eis as casas particulares; passai sem temor por diante da casota do cão, que esse fiel animal não está lá; entrai na cozinha, vêde os fogueiros e utensilios, mas nada de fogo, nada de iguarias, nada de cozinheiro; penetrai no Exedro ou sala de recepção, percorrei o jardim e os quartos de dormir, ninguem que os occupe; e comtudo, tal é a conservação de todas estas coisas, tal a frescura das pinturas decorativas, tal o brilho dos mosaicos e dos pavimentos de precioso marmore, que se crê entrar n'uma casa construida na vespora. Tem-se tentação de assentar-se a gente esperando a volta dos donos; e ha dezeseite seculos que esses donos estão ausentes.... e não voltarão mais.... por todas as partes solidão profunda, silencio solemne a que apenas interrompem o fugitivo colloquio do cicerone e do estrangeiro vindo de longe para visitar esta necropole; ou o passo do veterano, ruina ambulante que vela sobre as muralhas; ou o alvião do coveiro que desatterra vagarosamente alguns cantos da cidade sepultada viva, e muito melhor conservada debaixo da

sua capa de cinzas que a mumia egypcia na sua triplicada ordem de faxas perfumadas.

Os edificios que visitamos em particular são os seguintes :

O *Pantheon* ou templo d'*Augusto*. Este soberbo edificio em forma de rotunda, servia de thesoiro publico e de salla de banquete; é sustentado por doze columnas e rodeado de onze quartos destinados aos sacerdotes ou aos principaes habitantes quando havia festins publicos. Os frescos que decoram o interior são d'uma pureza de desenho e d'uma frescura surprehendente; mas a maior parte representam assumptos lubricos ou scenas de meza: alem do recinto está o *Triclinium* dos sacerdotes.

O templo de *Venus*, um dos mais consideraveis da cidade, está situado na esquerda do Foro. As suas dependencias estão ornadas de pinturas e as inscriçoens que cobrem algumas das suas partes recordam os ricos presentes offerecidos á deusa, hem como a restauração do collegio dos sacerdotes consagrados ao culto da impura divindade.

O templo de *Jupiter* ergue-se não longe do de *Venus*, na extremidade do Foro. Forma um vasto quadrilongo, ao qual se chega por muitos degraus: a frontaria, virada para o Foro, produz uma bellissima vista.

O templo de *Mercurio* emparelha com o de *Venus*, mas é muito mais pequeno. O templo da *Fortuna*, a alguns passos de distancia do Foro, foi encontrado incrustado de preciosos marmores e carregado d'adornos. Sobe-se a elle por oito degraus; no sanctuario estavam duas estatuas: uma de mulher, e outra que se diz de Cicero, porque

as inscripções parecem recordar o celebre Orador.

O templo d'*Hercules* ou de *Neptuno*, sito no Foro triangular, apresenta um vasto parallelogrammo. A' entrada estão dois altares para a immolação e para o sacrificio das victimas: estes altares quadrados, pesados, massiços, elevados coisa d'um metro, apresentam ainda os canos por onde cahia o sangue das victimas.

O templo d'*Isis*, que tambem tem dois altares á entrada, é muito mais pequeno que o precedente; forma uma especie de vasto nicho, ao qual se chega por numerosos degraus; no fundo está um altar ôco no qual estava a estatua da divindade, e que servia de escondrijo aos sacerdotes que proferiam oraculos pela bôcca do idolo. A seguinte inscripção, gravada sobre a porta, recorda o tremor de terra do anno 63 e o concerto do edificio a expensas de N. Popidio Celsino, que os Decurioens agradecidos admittiram gratuitamente no seu corpo:

N. POPIDIVS. N. F. CELSIVS
ÆDEM. ISIDIS. TERRÆ. MOTV. CONLAPSAM
A. FVNDAMENTO. P. S. RESTITVIT. HVNC. DECVRIONES.
OB LIBERALITATEM
CVM. ESSET. ANNORVM. SEXS. ORDINI. SVO. GRATIS.
ADLEGERVNT.

Dos templos passamos aos edificios publicos: o primeiro em que entramos, foi o *Quartel*. Qual foi a nossa admiração ao lermos nas columnas e nas paredes nomes, palavras, desenhos mais ou menos extravagantes, gravados com a ponta de uma espada ou d'uma azagaia pelos soldados, na

ociosidade do corpo de guarda! A cozinha é bastante notavel, porque se encontram nella larvas bem conservados.

« Elles teem, diz M. Marois, a forma do que se chama, em termos culinarios, um *enxergão*, isto é uma especie de fogão levantado, e estendem-se ao comprido d'uma grande camara, de forma que permittam cozinhar a grande numero de pessoas. »

Junto do quartel se elevam o *Odeon* e o *Grande Theatro*, um e outro muito bem conservados. No primeiro, no fundo do *Proscenium*, lê-se, no pavimento, a seguinte inscripção em letras de bronze;

M. OCVLATIVS M. F. VERVS. II. VIR. PRO. LVDIS.

Em tanto que esta recorda o nome do magistrado inspector dos espectaculos, outra inscripção, gravada no marmore, diz que o theatro foi construido pelos Decemviro Quintio e Porcio, com consentimento dos Decurioens.

C. QVINCTIVS. C. F. VALG.

M. PORCIVS. M. F.

DVO. VIR. DEC DEGR.

THEATRVM. TECTVM.

FAC. LOCAR. EIDEMQVE. PROB.

Alguns bilhetes de entrada mostram que o preço dos logares não passava d'alguns soldos da nossa moeda. Eis o theor d'um desses bilhetes para o Odeon ou Theatro comico:

Cav. II.

Cuo. III.

Grad. VIII.

Casinai. Plavt.

O que quer dizer : « segundo espaço , terceiro assento , oitavo degrau para a representação de *Casina* , comedia de Plauto. »

O Grande Theatro é um bello edificio ao qual só faltam as estatuas de bronze de que era decorado : o estuque que cobre as paredes parece feito d'hontem. Uma inscripção , gravada no lado que fica defronte do templo de Neptuno , diz que este theatro se deve á liberalidade dos dois Marcos Holconios , Rufo e Celer , que o mandaram erguer para aformoseamento da Colonia.

M. M. HOLCONI. RVFVS. ET CELER.
CRYPTAM. TRIBVNAL. THEATR. S. P.
AD DECVS. COLONIE.

Fizeram-nos observar que os primejros logares eram occupados pelos Decurioens , pelos Augustaes , ou sacerdotes d'Augusto ; e pelos cidadãos que tinham o privilegio do *Bisellium* : sabe-se que o *Bisellium* era uma especie de banco coberto de coxins ornados de franjas , e no qual se assentava uma só pessoa no Foro ou nos espectaculos publicos , posto que houvesse logar para duas. Os segundos logares eram para os militares e para os diversos corpos ; os terceiros e ultimos para o povo e para as mulheres. Esta explicação encolerizou um dos nossos companheiros , verdadeiro cavalheiro francez , e , o que ainda é mais , parisiense de maneiras e nascimento ; clamou vivamente contra a incivilidade dos Pekinos do antigo mundo. Foi em vão que nós o quizemos socegar , recordando-lhe que as mulheres entre os pagãos eram escravas , e tractadas como taes : ainda mais se agastava ; de

forma que para dissipar a sua colera cavalleirosa, não achamos outro expediente que fazer-lhe tomar parte n'uma garrafa de *lacryma Christi*. « Eis aqui, nos dizia o homem que nol-o trouxe, vinho *antico e moderno*. » Alludia á origem deste excellente vinho, produzido pelas vinhas de que ainda está coberta a maior parte da infeliz Pompeia.

Alguns instantes depois estavamos nas *Thermas*. Estão bastante bem conservadas: distinguem-se n'ellas todas as partes conhecidas destas especies de estabelecimentos, onde tudo respira molleza e sybaritismo. Por um excesso de precaução, as de Pompeia são edificadas n'uma parte da cidade que está abrigada do vento norte, e fica-se muito surprehendido de encontrar alli o nosso systema moderno de caloriferos. Vê-se que o vapor, habilmente disposto, penetrava entre o estuque, e a parede, e se espalhava por um espaço vazio que existe em toda a volta do *calidarium* ou do *tepidarium*. De resto, as estreitas dimensoens deste estabelecimento fazem presumir que não é o unico da mesma especie n'esta voluptuosa cidade: as excavaçoens, pode-se affirmar-o, virão um dia transformar esta conjectura em certeza. Junto do Foro está a *Basilica*; era juntamente a bolsa, o ponto de reunião dos negociantes e o tribunal dos juizes. Este grande edificio, em forma de quadrilatero, tem tres naves; a do meio è descoberta; as outras duas são cobertas, e formam cada uma dois porticos sobrepostos: do portico superior podia-se ver o que se passava, tanto na grande nave como no tribunal. No fundo do monumento ergue-se, a seis pés acima do chão, o tribunal onde tinham as

sessoens os magistrados. Perpendicularmente, por baixo do seu banco está um carcere onde ainda encontramos muitos anneis de ferro chumbados na parede e aos quaes estavam seguras as cadeas dos presos. Elles eram, segundo se diz, interrogados por umas aberturas guarnecidas de barras de ferro e feitas no pavimento do abside. Esta odiosa forma de julgamento não devja empregar-se mais que para os estrangeiros e para os escravos, porque os cidadãos romanos tinham direito à publicidade. As prisoes publicas são junto do templo de Jupiter. Portas mui estreitas guarnecidas de barras de ferro, casinholas onde a luz não penetrava, testificam a doçura do systema penitenciario usado no paganismo.

Descemos ao *Amphitheatro* por uma larga via cujas lageas gastas provam ainda quanto era frequentado este logar de carnificina e devassidão: podia conter vinte mil espectadores. A *Cavea*, ou o conjuncto dos degraus, divide-se em tres partes: a primeira, *Prima Cavea*, por cima do podium, era reservada aos decemvros, decurioens, magistrados, sacerdotes e sacerdotisas. A segunda, *Media Cavea*, composta de doze bancos, era occupada pelas pessoas de distincção, pelos militares, etc. A terceira, *Summa Cavea*, era para o povo e para as mulheres.

Contam-se cem aberturas pelas quaes a multidão podia entrar e sahir. Assim, suppondo que duas pessoas sahisses ao mesmo tempo pelas oitenta grandes portas, e uma só pelas outras vinte, e dando a cada uma um segundo para transpor o limiar, vê-se que os vinte mil espectadores podiam estar fóra em dois minutos e meio.

Eis comtudo em que o paganismo empregava o seu genio e as suas riquezas. O monumento da *Sacerdotiza Rumachia* e o *Lavatorio* attrahiram um instante a nossa attenção, que foi em breve reclamada pela *Eschola publica*. Perto da parte oriental do Foro está uma bella camara em cujas paredes se lê: *Varna discentibus: Varna aos discipulos*. É a insignia do mestre, cuja cadeira de pedra, collocada n'um angulo, se parece, se quizerem, com a dos nossos regentes de collegio.

Um dos nossos companheiros se assentou n'ella gravemente, e parodiando o professor *Varna*, nos fez uma prelecção de rhetorica. O assumpto foi a primeira phrase da famosa *Catilinaria*: *Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?* O illustre professor nos fez conhecer toda a belleza do *quousque*, do *tandem* e do *patientia*; depois interrogou, desenvolveu, gesticulando, batendo na cadeira e chamando à ordem os seus discipulos, verdadeiros cabeças no ar que riam ás gargalhadas, e a quem o moderno *Varna* acabou por dar numerosos *pensums*, dos quaes a consciencia de nenhum está ainda carregada.

Da eschola passamos ao *Forno publico*. Este edificio, que deita para a grande rua, tem todas as dependencias necessarias d'um forno e d'um moinho. Até se encontra n'elle uma cavalhariça para as bestas de carga que traziam o grão e para as que moviam a mò. N'uma vasta camara estão quatro moinhos de pedra, nos quaes se observam duas partes bem distinctas: uma immovel, e outra movel. A primeira consiste n'uma base sobre a qual está fixo um cone solido: a segunda compõe-se d'uma pedra sobreposta á pri-

meira, e que apertada para o meio vae alargando para cima e para baixo e forma um duplo cone. O alargamento superior serve para receber o grão; e o alargamento inferior cobre o cone solido sobre o qual se adapta. Fazendo gyrar a pedra superior em torno da inferior, o grão cahido entre duas se triturava e moia. A farinha se espalhava em volta da parte inferior do cone solido, d'onde era recebida n'uma reborda circular em forma de gorja profunda, fixada na base. A' pedra superior estão adaptadas argolas ou aneis de ferro pelos quaes passava a travessa, movida pelas bestas de carga ou pelos escravos.

Junto dos moinhos está um grande forno, inteiramente semelhante aos nossos. N'uma das paredes do *Pistrinum*, onde se manipulava a massa, está pintado um sacrificio à deusa Fornax. Por cima desenrolam-se as duas serpentes que fazem um papel tam frequente entre as divindades de Pompeia. Mais longe estão dois passaros, com as azas estendidas, e bico aberto, precipitando-se sobre duas grandes moscas, cujo contacto poderia manchar a massa: umas grandes amphoras, encontradas neste forno de cidade, continham pão e farinha.

Do forno fomos á *Hospedaria*. Na frente está um portico, cujo fundo é occupado por muitas lojas, cobertas de pinturas grosseiras que representam os comestiveis ordinarios. No meio do portico acha-se uma fonte com um tanque, e para a extremidade certo numero de fogoes para cozinhar os alimentos. Das lojas, sobe-se por uma escada de madeira ao primeiro andar, atraz do qual se eleva um terrado de muitos degraus d'onde se gozava a vista do mar, dos Apenninos e

do Vesuvio. Na cavalhariça descobriu-se o esqueleto d'um burro com seu bocado de bronze, os restos d'uma carreta, os raios e a moldura das rodas. O portico exterior continha cinco esqueletos humanos, cercados de grande quantidade de moedas de prata e de bronze, tres anneis de oiro e brincos d'oiro em forma de balanças.

As lojas são mui numerosas em Pompeia, e revelam uma cidade de commercio e movimento. A maior parte parecem-se na forma do edificio e na distribuição das partes: ha em todas as partes uma ou duas camaras sem dependencia alguma, com um banco ora simples e liso, ora furado de boracos redondos nos quaes se vêem jarros de diferentes tamanhos destinados a receber os oleos, vinhos, etc. Estes bancos de pedra teem muitas vezes fogaens que serviam para aquecer as bebidas no grau desejado pelos amantes. Parece constante que os antigos em geral, e os Pompeianos em particular, bebião raras vezes coisas frias (1). Estas ultimas lojas muito mais numerosas que as outras chamavam-se *Thermopolia*. Coisa digna de notar-se! as lojas actuaes dos arredores de Napoles são exactamente moldadas pelas de Pompeia: é um novo facto que mostra quanto são tenazes os habitos populares. A *officina dos talhadores de marmore* nos ministrou uma nova prova. Neste local, descoberto em 1798, se achou um grande numero de figuras e de estatuas mais ou menos adiantadas, um relógio solar, um canto de marmore meio serrado e a

(1) Veja-se Bottari, *Pitture e Sculture sacre*, t. II, 170.

serra ao lado, esquadras, compassos, pez grêgo que tinha fervido n'uma cassarola, etc.

Finalmente, o que confirma a observação mais atraz enunciada, um ovo de marmore branco de tamanho ordinario. Collocado no ninho onde queriam que a gallinha fosse pôr, este ovo de marmore resistia às bicadas e tirava à gallinha a tentação de picar os seus e de quebral-os. Boas amas de Pompeia, consolai-vos; a excellentè receita de que vós ha mil e oitocentos annos fazieis uso, ainda hoje se pratica nas aldêas circumvisinhas.

Finalmente as casas particulares receberam a nossa ultima visita. Contento-me com citar a das *Dançarinas*, assim chamada por causa dos frescos que a adornam; a do *Cave canem* ou do *Poeta dramatico*, cuja entrada de mosaico representa um cão preso, em attitudo ameaçadora, tendo junto de si estas palavras: *Cave canem*, « cautela com o cão; » o que valeu à casa o nome que tem: a do Fauno, com o seu magnifico mosaico representando uma batalha d'Alexandre contra os persas: a de *Pansa*, habitação consular, notavel pela sua boa distribuição e pela habil mistura do util com o agradável: finalmente a mais bella de todas, a de *Diomedes*. Deve o seu nome a Marco Arrio Diomedes cujo tumulo foi encontrado nas visinhanças, mas na realidade o proprietario è desconhecido. Qualquer que seja o proprietario, a casa, situada á entrada da cidade, tem tres andares, com um jardim quadrado, no meio do qual está um bello reservatorio. A adega, em forma de claustro, reina em toda a volta do jardim e termina por uma porta que abria sobre o mar. Foi alli, junto d'aquella porta fatal, que

se encontrou com uma bolsa cheia d'ouro na mão, a mulher de Diomedes, com outras dezeseis pessoas surprehendidas pela erupção. Na adega vimos ainda longas fileiras de amphoras meio cheias d'azete e de vinho em estado solido.

Teem-se descripto tantas vezes as differentes casas de Pompeia, que para evitar repetiçoens eu me contentarei com fallar dellas em geral, a fim de que se possa ainda mesmo de longe fazer uma justa idea dellas. Todas as casas de Pompeia se parecem. As principaes divisoens consagradas pelo uso repetem-se em cada uma dellas, e não ha outra differença que as decoraçoens e as peças accessorias mais ou menos uteis que o luxo ajunta ao necessario. Cada casa é dividida em duas partes distinctas: a primeira comprehende todas as camaras d'oso publico, e a segunda é destinada ao alojamento dos donos e ás dependencias do serviço.

A parte publica compõe-se das peças seguintes:

1.º O *Protyrum*. Do limiar da casa, por cima do qual se lê muitas vezes: *Hæve*, «salve», entrais n'um pequeno portico ou corredor, que é o *protyrum*. É ordinariamente adornado de pinturas ou de pavimento de mosaico.

2.º O *Vestibulo* ou *atrium*. O corredor vos conduz ao *atrium*, espaço livre em forma de quadrilongo, em cujo centro está uma bacia de marmore, destinada a receber as aguas pluviaes; em torno do *atrium* reinam differentes peças para alojar os estranhos ou para receber os visitantes, esperando o momento da recepção.

3.º No fundo do *atrium* está o *Tablinum*, grande salla onde o dono da casa dava audiencia

àquelles que iam tractar com elle de negocios publicos ou commerciaes.

4.º A' esquerda do tablinum está o *Lararium*, pequeno sanctuario dos deuses do lar. N'elle se vêem ordinariamente pinturas representando os sacrificios offerecidos aos deuses lares; raras vezes um altar, mas muitas vezes um bofete sobre o qual se punham as offrendas ou uma lampada accessa.

5.º A' direita do tablinum, uma, às vezes duas camaras chamadas *alæ*, azas; especie de gabinetes particulares ou de trabalho.

6.º Finalmente á direita e esquerda duas passagens chamadas gargantas ou *fauces*, por onde se entra na parte privada da habitação. Perto d'alli se acha a camara do porteiro encarregado de guardar os quartos interiores. Tal é a parte publica das habitaçoens.

Na parte privada encontra-se :

1.º O *Peristylo*; é uma galeria sustentada por columnas e formando um quadrilongo, em volta d'um jardim ou d'um *Xistus*, isto é d'um tableiro plantado de flores e arbustos. No centro do jardim acha-se ordinariamente um grande tanque, onde brincavam peixinhos e cuja agua se elevava em repuxos graciosos e variados.

2.º O *Exedro*; ao lado do peristylo abre o *exedro*, ou salão onde o dono recebia a visita dos seus amigos.

3.º O *Triclinium* ou sala de comer, cujas paredes são cobertas de pinturas que representam os assumptos mais variados: scenas de vindimas, scenas mythologicas, caricaturas grotescas, etc.

4.º O *Œcus*, grande sala onde se reuniam as mulheres para trabalhar.

5.º Os quartos de dormir, adornados de pinturas, estatuas e mosaicos.

6.º Os gabinetes de toucador.

7.º O *Sacrarium*, especie de capella domestica, com nichos para as estatuas das divindades protectoras da familia.

8.º Os banhos, a cozinha, o celleiro, a adega para o azeite e vinho, bem como as outras dependencias necessarias d'uma casa, estavam isolados dos quartos e situados na parte exterior do peristylo.

Em geral, todos os aposentos da habitação privada são mui pequenos. Ao primeiro lance de olhos admira-se a gente de que, sob um clima ardente, os antigos podessem morar em semelhantes quartos; mas importa saber que elles passavam a maior parte do tempo debaixo de vastos porticos, nos theatros, no foro e nos outros edificios publicos: a vida de familia era quasi nulla. E' porque com effeito a mulher é a alma do lar domestico. Ora, em Pompeia como no resto do mundo pagão, a mulher era um poder desconhecido, que só o Christianismo revelou, uma escrava á qual só o Evangelho quebrou os ferros.

Esta distribuição symetrica e este plano uniforme das casas dão motivo a muitas observações, que eu resumirei em breve. No entretanto acabo por onde acabam todas as coisas humanas, assim as cidades como os homens: os tumulos. Em Pompeia, como nas outras cidades pagans, estão elles collocados nas margens das grandes vias. A idéa de afastar os mortos para campos isolados, desviados da vista dos vivos, não tinha occorrido a nenhum povo: era necessaria a philosophia do

seculo passado, que não duvidava de nada, porque não cria coisa alguma, para inventar uma anomalia tão menos contraria aos habitos geraes das naçoens que aos sentimentos da natureza e aos principios da religião.

Ao sahir da porta d'Herculanum, vê-se logo a guarita da sentinella. O soldado que estava de guarda, no momento da catastrophe, ficou fiel no seu posto, mas a sua fidelidade lhe custou a vida: achou-se morto, com a lança em punho. Perto da guarita está o banco circular onde os velhos *troupiers* daquelle tempo conversavam com os caminhanes, contavam as suas façanhas, e jogavam os dados; e *fumavam o seu cigarro*, ajuntava um dos nossos companheiros. A quinze passos, vê-se o hemicyclo, ou o logar da sepultura dada pelos Decurioens a Mammia, sacerdotisa publica, como diz a inscripção gravada no grande arco:

MAMMIÆ. P. F. SACERDOTI PVBLICÆ.
LOCVS SEPVLTVR. DATVS DECVRIONVM. DECRETO.

Em volta do assento sepulcral de Mammia existe uma banquetta semi-circular, junto da qual uma pedra de tumulo apresenta est'outra inscripção:

M. PORC. M. F.
EX. DEC. DECRETO.
IN FRONTEM. P. XXV.
IN AGRO. P. XXV.

O que quer dizer: « Marco Porcio recebeu, dos Decurioens, um logar de sepultura de vinte e cinco pés de largura por vinte e cinco pés de comprimento. » Estas inscripçoens provam pri-

meiro que um dos mais bellos testemunhos de reconhecimento e estima para um cidadão, era dar-lhe um logar de sepultura em nome da cidade. Provam tambem, da parte dos pagãos, o temor de que as suas cinzas fossem confundidas com as dos estrangeiros: milhares d'inscripçoens estabelecem a universalidade deste sentimento, cuja razão darei quando fallar das catacumbas. Entre muitas outras inscripçoens, contento-me com citar a do soberbo mauseu de Nevoleja Tyche e de C. Munacio Fausto:

NÆVOLEIA. I. LIB. TYCHE SIBI ET
C. MVNATIO. FAVSTO, AVG. EX PAGANO.
CVI. DECVRIONIS. CONSENSV. POPVLI.

BISELLIVM. OB MERITA. EIVS DECREVERVNT.
HOC MONVMENTVM. NÆVOLEIA. TYCHE. LIBERTIS. SUIS.
LIBERTAVSQ ET. C. MVNATI. FAVSTI VIVA FECIT (1).

Depois de termos percorrido a via dos tumulos, lançamos, antes de tornarmos a subir á carruagem, um derradeiro olhar para Pompeia. Adeus, cidade providencial; bem differente de tantas outras cidades cahidas, sem deixarem vestigios, aos golpes dos barbaros, tu foste reservada para instrucção das raças futuras: a espan-

(1) Quer dizer: Nevoleja Tyche, primeira liberta, a si mesma e a C. Munacio Fausto, do arrabalde d'Augusto (era o nome d'um arrabalde de Pompeia), ao qual os decurioens com consentimento do povo concederam; em razão dos seus merecimentos, a honra do Bisellium, fez este monumento. Nevoleja Tyche o fez na sua vida para seus libertos e libertas, e para C. Munacio Fausto.

tosa catastrophe que te lançou no tumulto, n'elle té conserva viva, sepultada debaixo d'uma camada de cinzas. Monumento antigo e novo, tu mostras não só nos livros, em recordaçõens e em ruinas, mas n'uma realidade palpavel, o paganismo tal qual elle era, voluptuoso, cruel e egoista. Apenas a quarta parte do teu recinto estará descoberta; e já nós havíamos contado nove templos, dois theatros, um amphitheatro, thermas, foros, uma basilica e um quartel; e nem um hospital! Por todas as partes nos teus templos, nas tuas encruzilhadas, nas tuas ruas, nas tuas casas idolos monstruosos e pinturas obscenas, testemunhas vivas da infamia do teu culto e da abominação dos teus costumes. Depois no luxo e na mesma distribuição das tuas habitaçõens, o sensualismo abjecto, o egoismo e a ausencia da vida de familia. Adeus, Pompeia, pagina da horrivel historia do mundo pagão, tu dizes mais sobre a degradação da humanidade que todos os livros dos sabios. Graças a ti, o milagre que regenerou o universo resplende aos meus olhos com um fulgor mais vivo que o bello sol que brilha sobre o teu tumulto semi-aberto.....

Comtudo, no meio desta Babylonia, é de crer que Deus contava alguns eleitos: um signal sagrado encontrado na casa de Pansa, parece provar que havia christãos em Pompeia. Sabemos alem disso que S. Pedro havia passado a Napoles em 44; que S. Paulo encontrou irmãos em Puzzoles em 59. E' crível que vinte annos depois da passagem de S. Paulo, e trinta e cinco depois da de S. Pedro, uma cidade tam importante como Pompeia, e apenas desviada algumas leguas, não possuísse nenhum discipulo do Evangelho?

23 de Fevereiro.

Os Studj, ou Museu Bourbon. — Vida religiosa. — Vida publica. — Vida privada dos antigos.

Em 1576, o celebre abbade Barthélemy escrevia de Roma: « Subo muitas vezes o Capitolio. A primeira vez que entrei n'elle senti o golpe da electricidade, e não posso descrever-vos a impressão que me fizeram tantas riquezas reunidas. Não é um gabinete, é a habitação dos deuses da antiga Roma, é o lyceu dos philosophos, é um senado composto de reis do Oriente, que vos direi eu? Um povo de estatuas habita o Capitolio: é o grande livro dos antiquarios. » Se o Capitolio é o grande livro dos antiquarios, o museu de Napoles pôde-se chamar o segundo volume deste grande livro; e não temo acrescentar que este segundo volume é muito mais interessante que o primeiro. Alli tendes a representação, aqui a realidade. A's estatuas dos deuses, dos reis e dos grandes homens que fazem do Capitolio um olympto, um senado, um lyceu, o museu de Napoles ajunta todos os objectos que serviam à vida religiosa, publica e privada dos antigos, e ate aos mesmos alimentos de que elles se nutriam. A impressão que experimentamos ao visital-o foi tanto mais viva quanto a vista dos Studj completava a visita de Pompeia e as recordações de Baia.

Ora, o museu de Napoles, verdadeiro bazar d'Herculanum e de Pompeia, é tam rico que, vista a multidão innumeravel de objectos de todas as especies que offerece à curiosidade do viajan-

te (1), é quasi impossivel visital-o com fructo, se se não visitar com ordem.

Hontem tinhamos estudado Pompeia debaixo do ponto de vista religioso, civil e domestico; era natural seguir o mesmo plano no exame do Museu. Assim referimos todos os objectos a tres grandes cathogorias: a vida religiosa, a vida publica e a vida privada dos antigos.

I. *Vida religiosa.* Os templos de Pompeia estão, é certo, muito bem conservados, mas estão orphãos dos seus deuses, dos seus sacerdotes e da sua mobilia. Entrai no museu Bourbon: eis o Olympo com seus habitantes; tornai-os a collocar pela imaginação nos nichos que vistes na vespera, e o templo está animado, o espectáculo é completo. Jupiter, Mercurio, Ganymedes, Baccho, Flora, Juno, Pallas, Venus, Ibis, Serapis, Apollo, os deuses publicos e domesticos, todas as divindades estão alli, de bronze, de marmore, em todas as dimensoens, com seus diversos attributos, e essa belleza *de forma* que sabia dar ás suas obras o sinzel creador dos Gregos. Depois dos deuses veem os instrumentos do seu culto. Eis altares de todas as formas; olhai o que está á vossa direita, elle vos mostra ainda alguns restos d'uma victima.

(1) Quando nós o percorremos, o museu Bourbon continha 1684 objectos de antiguidades egypcias; 110 grandes bronzes; 1830 estatuas, bustos, baixos-relevos de marmore; 6093 objectos de barro cozido; 1300 lampadas; 2197 objectos de vidro; 14,000 objectos pequenos de bronze; 2600 vasos gregos e etruscos; 2000 pinturas; 1700 papyros, etc., etc.

À lado estão dois *Lectisternium*, leitos sagrados ou grandes bufetes sobre que se collocavam os vasos sagrados e as imagens dos deuses; um soberbo rescaldeiro com sua tripode para uso dos perfumes e das libações; os cutellos dos victimarios; os vasos para receber o sangue; o pequeno altar dos aruspices com os instrumentos para mexer e examinar as entranhas das victimas; as palhetas para recolher as cinzas; os candelabros de tres, quatro e cinco braços; as pateras para as libações; os pifaros, as trombetas e todos os instrumentos de musica sagrada.

A fim de animar todos estes objectos, passemos à galeria dos frescos. Vêde os sacerdotes e os ajudantes, executando uma grande cerimonia no interior de um templo. Tudo parece em movimento, e por pouco que se esteja familiarisado com os usos antigos, segue-se em todas as suas particularidades a ordem do sacrificio e da festa; cré-se ouvir a harmonia das trombetas e das trompas, o som quebrado do pifaro, e vêem-se as posições mysteriosas do sacerdote, dansando à frente da orchestra que o segue. Finalmente o fumo, a chamma, os ibis e a boa ordem da multidão recolhida vos transportarão ao meio do templo e julgareis fazer vós proprio parte do cortejo.

Acabavamos de assistir a uma cerimonia solemne n'um templo publico; era necessario vermos o culto domestico executando-se no segredo de cada familia. Os *Lararium* e os *Sacrarium*, visitados na vespera, estavam presentes á nossa imaginação: hoje nada mais facil que contemplal-os taes quaes elles eram ha dezoito seculos a certas

horas da manhã e da tarde, quando toda a família se reunia n'elles.

Os pequenos altares dos deuses Lares, incrustados de prata; os mesmos deuses de bronze e de marmore, delicadamente trabalhados; os elegantes rescaldeiros, os vasos, as taças, a mesma cinza, e os restos das offrendas que ainda existem nos altares no mesmo estado em que foram apanhados pela erupção do Vesuvio: todas estas coisas que vêdes com os vossos proprios olhos, que tocais com as vossas proprias mãos, vos tornam presente ás ceremonias do culto domestico.

Se se ajuntar a tudo isto os emblemas religiosos, os amuletos, collocados por cima da porta das casas para as preservar das influencias dos meus genios, os cippos das encruzilhadas, dos foros, das fontes, n'uma palavra essa multidão de objectos religiosos dispostos a cada passo nas casas e nas ruas, acha-se a gente em pleno paganismo; e vê-se o pobre idolatra ora com a taça das libações na mão, ora com a patera cheia de flores, de fructos, de holo, incessantemente prostrado diante de deuses alternativamente crueis, hediondos, ridiculos e quasi sempre infames.

II. *Vida publica.* — Nos foros e nas basilicas não faltavam hontem senão passeadores, juizes e negociantes; nos theatros, actores e espectadores; no amphitheatro, gladiadores; nas thermas, banhistas; nos lavadouros, lavadeiras; nas lojas, commerciantes: hoje vamos ver esses differentes personagens com o seu trajo ordinario e de cerimonia: todos habitam o museu Bourbon. O que primeiro nos feriu a vista foi esse povo de estatuas, vivas imagens dos homens e das mulhe-

res que haviam percorrido como nós as ruas de Pompeia, que tinham enchido aquella cidade com o estrondo do seu nome, ou a quem o nascimento, a dignidade, a importancia historica havia admittido ao direito de cidadão.

Uns estão a cavallo, outros a pé, todos no traje do tempo, cumprindo algum dever publico ou entregando-se ás occupaçoens ordinarias da vida. Marco Nonio Balbo Junior, e Marco Nonio Balbo Senior, presidem ás representaçoens theatraes d'Herculanum. Periandro, Lycurgo, Cicero, Publicola, Demosthenes, Euripides, Sophocles, Herodoto, escrevem, fallam, commandam. Eis no foro nas Pompeianas que restauram as forças bebendo os liquidos então em uso; outros estão occupados em ler os annuncios, e em contemplar duas bellas estatuas equestres. Eis um que prova sandalias novas, que compra vasos novos e, por economia, velhos utensilios; aquelle come doces, este carne. Eis alli um negociante de vestidos agaloados que leva todo o seu armazem ás costas: diante d'elle, os freguezes que ajustam. A dois passos, meninos e meninas vão alegremente para a escola, e um joven artista copia uma estatua equestre que pende sobre o seu pedestal. Volvei á esquerda, e sois felizmente testemunha d'uma boa acção. Umás damas dão esmola a um pobre cégo conduzido por um cão. Quem sabe? essas talvez fossem christans. Outras mulheres correm ao encontro da multidão para vender e comprar; em tanto que as visinhas, seguindo o antigo costume, palram com as comadres do bairro.

Entremos agora no theatro. As cadeiras curvas, os *bisellium*, ás mesmas contra-senhas que

aquelles homens tomavam para se assentar, ha dezoito seculos, n'aquelles mesmos degraus que nós tinhamos occupado na vespera, estão alli, expostos à vossa vista, entre os pequenos bronzes. Os restos das machinas empregadas para estender o toldo do theatro de Pompeia se acham ainda no seu lugar. Quanto ao mesmo toldo que não podia resistir à acção do tempo, é conservado no fresco que representa o *Siparium*, ou toldo inteiro, de maneira que espanta os maiores entendedores em materia de antiguidades e bellas-artes.

Desejais conhecer as differentes profissoens e manejar as armas offensivas e defensivas, os utensilios, os instrumentos, as escrivatinhas, os pezos e as balanças daquelles homens mortos ha tantos seculos, tam differentes de nós pelos costumes, pela linguagem, pela religião, e talvez acreditemos, pelos usos ordinarios da vida? basta abrir os olhos e estender a mão.

Qual era o uniforme dos numerosos bandos de gladiadores que vendiam a vida para divertir o povo? qual era a armadura daquelles soldados romanos que conquistaram o mundo? olhai, tocai: as suas lanças, as suas espadas, os seus punhaes, os seus broqueis, os seus capacetes, as suas esporas, as redeas dos cavalloos estão alli, bem como as cadeias que lançavam aos pés dos legionarios indisciplinados. A'quella que vêdes suspensa debaixo de feixes d'armas, estavam atados cinco soldados cujos esqueletos foram encontrados na prisão militar.

Senhores membros das nossas academias e dos nossos institutos, sabios do decimo-nono seculo, tendes curiosidade de conhecer os vossos prede-

cessores, e de vel-os a trabalhar no seu gabinete? Entrai; eis aqui um que compõe, e tem n'uma mão o stylo, na outra a prancha untada de cera: a sua frente está cuidadosa; está concebendo algum nobre pensamento. O seu visinho percorre um papyro; algumas mulheres sabias estão alli na mesma attitude: penas, tinteiro, tinta, papel de diversas especies, e nes se papel phrazes e riscaduras; tudo está alli diante dos vossos olhos, e vós podeis, com licença do cicerone, tomal-o em vossas mãos. Pedis mais alguma coisa? Ai! tenho a mostrar-vos, nesse mesmo papel, os bichos da traça impertinente que attentaram contra as obras do genio; porem, em castigo do seu crime, estão carbonisados como o mesmo papel. Talvez vós gostáreis de ver uma bibliotheca do seculo d'Augusto? Eis aqui as suas estantes e as suas armaçoens com embutidos de madeira, de prata e de bronze, que podeis recommendar aos ensambladores de Paris.

Adeus á sciencia; saudação ao commerrio. Quereis comprar lampadas, e principalmente lampadas de dois bicos? Eis a tableta do negociante: é uma cabeça de boi sustendo uma lampada de dois bicos e d'uma proporção desmesurada, como a luva, o chapéu, a bota vermelha que servem de tableta aos nossos luveiros, aos nossos chappelleiros, e aos nossos sapateiros do decimonono século. Encontram-se, no armazem, lampadas. candalabros de barro e de bronze de todas as formas, de todos os tamanhos, envernizados, e não envernizados. São-vos necessarias lampadas de pé, lampadas sem pé, lampadas ornadas de baixos-relevos? ha muito em que escolher; eis uma que ainda conserva a torcida. Duas coisas vos

espantarão: é a perfeição do trabalho, é a similitude que teem os castiões d'outro tempo com os nossos. Tendes precisão de lanternas? é difficil encontral-as mais elegantes e solidas que as de Pompeia. Umas teem por cabo um lindo tigre; outras teem paredes de *talc*, especie de pedra transparente, ou de ponta, a fim de attenuar um pouco a luz e resistir ao choque.

Procurais azeite ou vinho velho? entrai n'um *Thermopolium*. As amphoras, os jarros estão cheios delle; e se temeis que o vendeiro vos engane, verificai os seus pezos, as suas medidas e as suas balanças: tudo está alli. O sesteiro e o triangulo, para verificar o nivel dos liquidos, parecem-se perfeitamente com aquelles de que ainda fazem uso os Napolitanos. Eis aqui o pé romano, que é de osso, bem como as outras medidas. A maior parte dos pezos são de pedra ou chumbo; estes ultimos teem escripto d'um lado: *Eme*, compra; e do outro: *Habebis*, terás. O que recorda muito bem a taboleta dos nossos cabelleiros francezes: *A'manhan corta-se aqui o cabello de graça*; ou a d'alguns logistas napolitanos: *Hoje não se fia; ámanhan sim*.

Mas estais doente, e em vez de bebida ou de comida são-vos precisos remedios: a botica está aberta. Uma linda caixinha cheia de drogas vos apresenta massas preparadas em forma de cylindro para fazer pilulas, e até pilulas já feitas. Uma operação é talvez indispensavel; é-vos preciso arrancar um dente, ou cortar um braço; eis o cirurgião. O seu estojo, mui volumoso, está estendido á vossa vista, e os unguentos, de que será necessario compor o primeiro aparelho, estão encerrados em elegantes bocetas de algibeira, jun-

tamente com pequenos instrumentos de cirurgia. Se o vosso cavallo tem precisão d'uma sangria, está alli o artista veterinario com as suas *lance-tas*; pôde até offerecer-vos fios muito bem conservados. A collecção dos instrumentos de cirurgia encontrados em Pompeia, faz ainda admirar os homens da arte: variedade, riqueza, elegancia; não deixa nada a desejar.

Ha muito tempo que viajamos, e a nossa roupa branca precisa de ser lavada; mas queremos que seja lavada à antiga, como se lavava a d'Augusto, de Tito, de Nonio ou de Munacio Fausto. Já vimos o lavadouro publico, e sua grande caldeira, as suas differentes peças para receber, conservar, bater ou seccar a roupa. Se isto não basta, um bello fresco, contemporaneo da operação, nol-a faz conhecer nas suas maiores particularidades.

Elle mostra que os homens, as mulheres e até mesmo as crianças trabalhavam na obra essencial da economia domestica. Uns tiram a roupa da caldeira e a mettem na prensa para espremer a agua que ella contem; ao seu lado está a lampada com a galheta d'azeite, a fim de poderem prolongar o trabalho pela noite adiante; outros levam os tecidos às lavadeiras que os passam em vasos de metal. Eis uns jovens que apertam os lençoes em conchas; alguns dos seus companheiros os estendem, e outros levam o banco de barrela parecido com o que nós conhecemos. Em quanto elles movem pendencia com umas mulheres occupadas no mesmo trabalho, a mestra lavadeira dá um bocado de panno a uma menina muito socegada, que o recebe escutando com attenção as recommendações da sua superiora.

Deixemos um instante a cidade da qual conhecemos os habitantes e as artes; um passeio ao campo nos será tanto mais agradável quanto podemos dal-o sem sahir do Muscu. Os bellos fructos da Campania não mudaram desde a destruição de Pompeia, e podem-se julgar tanto por aquelles que estão pintados como por aquelles que se conservam. A maneira de regar é a mesma. Vêde esse jardineiro que conduz o seu burro carregado de amphoras e coberto do simples arreio que podeis reconhecer todas as manhans na praça do *Mercato*. O dia em que se mata o porco é uma festa para a familia da aldêa, e o mesmo era no tempo d'Augusto. As regras da agricultura não tem variado mais que os principios da economia domestica. Os Pompeianos d'outro tempo lavravam como os Campanieenses d'hoje. Eis os seus instrumentos aratorios, os seus alvíoens, as suas pás, as suas sellas, os seus picoens, os seus croques, os seus forcados, os seus ancinhos, e até o raspador para alimpar a charrua.

Os pastores são inseparaveis dos cultivadores. Este fresco de dezoito seculos vos mostra, nos seus trajos e costumes, os pastores deste bello paiz de Napoles. Seguem o seu rebanho que salta na verdejante planicie; dois pastorinhos ordenham uma cabra, cujo leite o recebe o seu companheiro n'um vaso; outros espremem o leite e fazem delle a *ricotta*, ainda tam procurada pelos Napolitanos e até mesmo pelos Romanos: depositam-na n'um cesto; e eis, no museu, os restos daquelles antigos cestos, cuidadosamente conservados entre os objectos preciosos. Durante a operação, outro pastor toca charamella, e se este instrumento, feito d'uma simples canna, não pôde resistir ao

tempo, eis a gaita de folle, engastada em bronze e guarneçada d'osso: o odre, que era de pelle, foi consumido; mas podeis tocar a linda cadêsiinha de bronze que suspendia o instrumento campestre ao pescoço do pastor. Ser-vos hia agradável ouvir a campainha e o chocalho suspenso ao pescoço das cabras, das ovelhas, dos bois ou das vaccas do seculo dè Tito? puchai por este cordãozinho que pende do armario; prestai o ouvido, e escutareis um som ruco ou argentino, inteiramente semelhante àquelle que, todas as manhans, vos acorda, quando os pastores conduzem as suas vaccas e as suas cabras pelas ruas de Napoles.

Este espectáculo nos obriga a fazer uma reparação á honra do cantor das Eclogas. Tínhamos julgado que os pastores de Virgilio eram seres imaginarios, dos quaes creara o poeta o typo, os habitos, os costumes, os prazeres e a linguagem: não é nada ou quasi nada disso. Geographo quando descreve a gruta da Sibylla e o lago Averno, é Virgilio historiador quando canta a vida pastoril.

III. *Vida privada.* — Que eram no interior do lar domestico esses homens que nós vimos nos templos, nas cidades e nas aldêas? Quaes eram os seus habitos, os seus moveis, os seus utensilios, os objectos de luxo ou de necessidade de que se serviam? E' facil satisfazermos a nossa curiosidade. E primeiramente, podemos tomar parte nos brincos das crianças. Eis aqui bandos dellas que se divertem; segundo o costume, um ri, outro chora; aquelle salta, este joga tranquillamente em tanto que o seu visinho affaga um gatinho. Meninos e meninas jogam os garnizes,

e estes garrazes não estão aqui em pintura, mas em realidade: é-vos facil pegar n'elles e jogar como os que se serviam delles ha dezoito seculos. O mesmo succede com os *pioens*, e com as veneraveis *pitorras* que tanto fizeram correr os pequenos Pompeianos e que conservaram o privilegio de fazerem correr muitos outros. Tendes visto trotar nas alleas do Luxemburgo a carruagem de cabras que faz, todos os dias, a felicidade de muitos centenares de meninos parisienses: os meninos de Pompeia tambem a coheciam. As cabras morreram; mas a carruagem existe: olhai, é de bronze, de quatro rodas, e d'um lavor mui delicado.

Porem se ha tempo de recreio, ha tambem, ainda mesmo para as crianças, tempo de trabalho: vejamol-as de mãos á obra. Tendes precisão de sandalias? pedi-as a este joven sapateiro que trabalha com o rosto abaixado para a sua obra. E'-vos necessaria uma caixa? o aprendiz de carpinteiro vos faz uma: o mesmo succede com os outros objectos e officios. Isto não é tudo; as crianças de todos os paizes teem uma inclinação bem conhecida de imitar tudo o que vêem fazer: até muitas vezes teem um pendor particular para representarem as ceremonias da religião. Coisa bem notavel! as crianças de Pompeia tiham o mesmo gosto: tam certo é que o homem é naturalmente religioso. Eis aqui tres que estão todos occupados a offerecer uma libação em torno d'um monumento; outros celebram um sacrificio; e vós podeis tocar com as vossas proprias mãos os cutilinhos e as paterasinhas, os pequenos vasos e todos os outros objectos destinados à immolação da supposta victima.

Das crianças passemos às pessoas grandes : não fallo das caricaturas já conhecidas dos antigos, que cobrem os frescos das differentes camaras ; examinemos sómente os moveis e utensilios da casa. Na adega estão numerosas fileiras de amphoras, pardacentas, compridas, de pescoço estreito, simples ou com duas asas ; a maior parte de barro cozido não vidradas : aquellas conteem azeite, estas vinho e outros licores. Neste vaso furado por pequenos boracos e chamado *Glirarium*, se conserva o arganaz vivo ; engordam-n'o e comem-n'o quando querem. Est'outro vaso cheio contem trigo, cevada e favas ; podeis pegar n'eillas e até semeal-as. Eis os almofarizes com suas mãos, as escudelas com seus testos, as mostardeiras, os copos de meza com esta attractiva inscripção : *Bibe, amice, de meo* : « Bebe, amigo, do que eu contenho. » Entre estes copos, ha-os polidos e de diversas côres ; outros teem uma asa e muitos teem duas. As pequenas chicaras azues que vêdes ainda não serviram : iam partir no momento da erupção ; porque foram encontradas cuidadosamente empacotadas umas nas outras, rodeadas cada uma d'uma pequena camada de palha, segundo o methodo ainda seguido pelos nossos negociantes de copos e de louça vidrada.

No nosso seculo das luzes receberam-se não sei quantos privilegios de invenção por fornos economicos : é interessante ver a antiguidade desta descoberta moderna. Eis um forno semelhante exactamente aos que nós conhecemos, no qual se faziam cozer, ferver, assar varias coisas ao mesmo tempo ; unicamente é de bronze, quando os nossos são de ferro fundido : progresso ! A' direita e esquerda brilham as marmitas e cassa-

rolas, a maior parte prateadas no interior; as mós para as massas, os coadores, as bacias, e até as tenazes para pegar no lume. Quereis saber a quem pertencia o bello vaso posto em cima deste bofete? a inscripção vos diz que foi propriedade da senhora Camelia Schelidoni: *Cameliae Schelidoni*. Tenho o desgosto de nada mais vos poder dizer acerca desta dama pompeiana, cujo bom gosto é aliás incontestavel. A grande caldeira que está ao lado do vaso merece particular attenção. O registro collocado no bojo, muito acima do fundo, dá a facilidade de ter ora agua a ferver, ora um cozimento de flores ou plantas depositadas na parte da caldeira inferior ao registro. Olhai ainda este esquentador; é quadrangular, e o ambito representa as muralhas d'uma cidade com suas torres e ameias: todo este recinto é ôco; e contom a agua que, uma vez em ebullição, sahe á vontade por uma torneira collocada ao lado. As torres teem uma tampa, que se tira quando se tem precisão do vapor da agua a ferver, para temperar o ar demasiado rarificado pelo fogo.

Da cozinha é natural entrar no *Triclinium*, ou sala de comer. A meza está posta, e coberta de setenta e duas peças d'argenteria; os pratos, as terrinas, a bandeja, as colheres e os garfos são quasi semelhantes áquelles de que fazemos uso; somente os garfos teem o cabo todo direito, e os copos, de grande dimensão, são guarnecidos de duas azas: o que parecêra provar que os antigos bebiam grandes copazios e bebiam a duas mãos. Mas os alimentos? Eis farinha; fermento embrulhado no guardanapo, cuja marca é ainda visivel; pão com o nome do padeiro: *Eris. q. Cram. It.*

Ser. ; bolaxas e biscoitos ; queijo , cevada , milho meudo , arroz , sementes , legumes , linhaça , favas , lentilhas , alfarrobas , amendoas , castanhas , nozes , cebolas , tamaras , figos , azeite n'uma redoma , que ainda se liquefaz ao calor , carne n'uma cassarola de prata , finalmente ovos frescos..... de dois mil annos. Todos estes objectos , d'um uso diario , estão alli . taes quaes foram encontrados , a maior parte nas mesmas vasilhas de barro , bronze ou prata , onde os haviam depositado , ha tantos seculos , os infelizes habitantes de *Herculanium* e *Pompeia*.

Quanto aos objectos de luxo , o seu numero é immenso ; egualam , se não excedem , pela riqueza da materia e belleza do lavor , o que nós temos mais perfeito. A vaidade é antiga no sexo feminino ; e as damas de *Pompeia* parecem haver-lhe sacrificado largamente. Braceletes d'ouro , em forma de serpentes , para o alto do braço e para o pulso ; collares egualmente de ouro com pedras preciosas ; camapheus d'inestimavel valor : adornos de todas as especies : taes são os brilhantes testemunhos dessa enfermidade tantas vezes secular. N'este rico armazem de *novidades* , encontramos elegantes visitadoras , que se extasiavam , que exclamavam d'admiração e que , devoradas pelo desejo de terem braceletes ou collares á *Pompeiana* , perguntavam : « Quanto custaria isto ? como é lindo ! que exquisito lavor ! »

Deixando no seu gozo aquellas dignas filhas de suas avós , quizemos , antes de deixarmos o museu , percorrer o circulo inteiro da vida humana : restava-nos ver a morte e as ceremonias que a acompanhavam. Eis o funebre cortejo , com as carpideiras forçadas , e as imagens dos antepassa-

dos; são seguidas do *Silicernium*, e da urna que contem as cinzas do defuncto. Os baixos-relevos do mausoleu recontam as acçoens do morto; mais adiante está o *Triclinium* funerario, no qual multidão de Pompeianos, deitados em leitos, participam da comida consagrada á memoria daquelles que perderam. Para que este spectaculo não seja uma simples representação, vêde esses mortos de dezoito seculos..... Mumias meio descobertas, estão deitadas no seu tumulo, e esses esqueletos, negros como um carvão, ainda conservam parte dos cabellos.

Começada nas roinas de Baia, continuada nos edificios de Pompeia, completada nas gale-rias do museu Bourbon, a nossa viagem no meio da antiguidade pagan estava acabada: que impressão nos resta della? A' vista daquellas casas, daquelles moveis, daquelles usos, semelhantes aos nossos, bem que de idade de dois mil annos, diz a gente consigo: Não ha nada novo debaixo do sol; o que é, é o que foi e o que ha de ser. Encerrado n'um circulo de que lhe não é dado transpor os limites, o homem avança e recua alternativamente. O que sabia hontem, esquece-o hoje; amanha recorda-o e, crendo tel-o inventado, canta o seu progresso. Em materia d'artes, de construcçoens e de luxo, os antigos são ainda nossos rivacs e muitissimas vezes nossos mestres. Para egualal-os, faltam-nos duas coisas: a riqueza e a escravidão. Mas debaixo do brilhante veu d'uma civilisação material, elevada até aos ultimos limites, a vista divisa uma sociedade devorada de egoismo, gasta de devassidoens, e hedionda de crimes cuja só lembrança faz empallidecer. As provas palpaveis desta incrível degra-

dação estão alli, e parece terem sido conservadas não só para justificar os auctores pagãos e os Padres da Igreja, que traçaram o quadro dos costumes romanos; mas tambem para ensinar ao viajante espantado, que elles não disseram tudo, não poderam dizer tudo. Na presença destas irrecusaveis testemunhas, o christão bendiz em toda a effusão do seu coração o Deus cuja misericordia infinita renovou a face da terra, e ajunta, adorando a sua temivel justiça: Se as artes, a Religião, os espectaculos, os habitos geraes são a expressão d'uma epocha, d'um povo e d'uma cidade, Herculanium e Pompeia, mercciam o horrivel castigo que as aniquilou.

24 de Fevereiro.

O Vesuvio: — Resina. — A Ermida. — Recordação de Spartaco e Plinio. — Chegada ao cume do Vesuvio. — Descida á cratera. — Fertilidade dos terrenos vulcanicos. — Herculanium. — Portici. — O Corricolo.

Para completar a util lição que dão Herculanium e Pompeia, restava-nos visitar o Vesuvio, temivel agente da justiça de Deus, que destruiu por causa das suas iniquidades, e que conserva para instrucção das raças futuras, as cidades criminosas. Partindo pela manhã cêdo pelo caminho de ferro de Castellamare, chegamos em vinte minutos a Resina, pequena aldêa d'onde se sobe ao Vesuvio: dirige-se a gente, para arranjar guias, aos irmãos *Salvatori*. Esta familia, cujo só nome inspira confiança, goza de pais a filhos

o privilegio de acompanhar os viajantes na visita da terrivel montanha; partilha-o com outras sete familias, a quem fazem ensinar gratuitamente a lingua franceza. Acordadas as condiçoens, tomamos um frogal almoço, durante o qual prepararam os burros e machos que deviam servir-nos de cavalgaduta; cada um de nós comprou o bordão de rigor e a caravana partiu. A' frente caminhava o guia; no centro e na reclanguarda um grupo de lazzaroni de quinze ou vinte de differente estatura.

Uns conduziam as 'nossas cavalgadas pelo redea, outros lhes agarravam pelo rabo e iam para as guardar na fralda do Vesuvio; aquelles levavam cestos de laranjas e algumas garrafas de *Lacrima Cristi*. Adoradores do *farniente*, varios nos seguiam sem outra funcção conhecida que divertir as nossas Excellencias com suas pantomimas e alegres conversas; mas, na realidade, tentavam provar-nos a cada instante com indicaçoens artisticas, historicas e mineralogicas, a grande utilidade da sua presença, e a obrigação sagrada de reconhecermos os seus importantes serviços com alguns *tornesi*.

A meia legua de distancia de Resina, deixa-se a bella vegetação, os plantios de vinhas e oliveiras, e as brancas villas com suas cercas de laranjeiras. A encosta torna-se mais rapida; e um caminho pedregoso, difficil, serpenteando entre enormes camadas de lavas conduz a uma solidão terrivel. Alli, começa uma natureza triste e morta, á qual a vista de pequenas porçoens de terrenos escapados á destruição ajunta mais tristeza. Em breve se chega ás camadas de lava negras, calcinadas, vitrificadas, que cobrem a

base do Vesúvio cujo cone denegrido, semelhante à chaminé de uma immensa machina a vapor, se eleva a mil e trescentos pés acima do nivel do mar. Comtudo, no meio deste deserto, encontra-se um oasis: é a Ermida, chamada tambem a *hospedaria dos Tres Olmos*. A Ermida é uma pequena casa em que reside um sacerdote com varios carabineiros. O padre Thomaz, ao qual eramos enviados por um de seus amigos, estava infelizmente ausente, e as honras do logar nos foram feitas por um intelligente creado, posto que um pouco palrador. Do alto do terraço, o lance de vista é arrebatador, é o panorama napolitano visto do ponto opposto aos Camandulas.

Todavia, duas tragicas recordações veem assombrar o quadro. Pelo anno de Roma 680, um escravo, nascido na Thracia, estava encerrado em Capua, com tres ou quatro mil desgraçados destinados como elle aos jogos sanguetos do amphitheatro. Uma noite força a prisão, chega ao campo e se vê em breve à testa d'um pequeno bando de escravos fugitivos: de monte em monte, chega á encosta do Vesúvio. Cheio d'audacia e coragem, dotado de uma força d'alma que os maus tractamentos da escravidão duplicaram, Spartaco dirige aos seus companheiros, as energicas palavras que a historia recolheu e que parecem ainda repetir os eccos do vulcão: « Escorrias do mundo, sem patria, sem familia; condemnados a recrear nossos senhores com espectaculos barbaros ou a alimentar a sua molleza á custa dos nossos suores; tractados por elles como vis animaes, o chicote sanguento, o ferro vermelho, a cruz, são o premio dos nossos serviços: eis ahí o que nós somos. De nós depende mudar

a nossa sorte; temos a força, o numero e o direito; saibamos combater, e o destino será por nós. A estas palavras Spartaco estende as mãos para o ceu e para o mar; os seus companheiros o levantam sobre os escudos, e oito dias depois quarenta mil escravos, formados em batalha, batem os pretores e os consules, e fazem tremer a grande Roma: mas a hora da liberdade ainda não tinha soado para o mundo. Cinco annos depois Spartaco derrotado por Crasso ia morrer quasi no mesmo sitio onde tinha erguido o estandarte da emancipação.

Quando do cimo do mesmo terraço se dirige a vista para a banda de Stabia, crê-se divisar atravez d'uma chuva de cinzas, a fatal mortalha sobre que Plinio o velho, suffocado pelo fumo do vulcão, se fez estender, depois de ter pedido dois copos d'agua fresca. Crê-se sentir ainda o cheiro de enxofre que annunciava a columna d'ar abrasador, depois crê-se ver a chamma que a seguia; e bem depressa se distingue o corpo inanimado do grande naturalista, morto n'estes sitios por amor da sciencia, como Spartaco por amor da liberdade.

Bem que pouco tranquillizadora, a ultima recordação não impediu que continuassemos a nossa perigosa ascensão. É certo que o ceu estava socego e o Vesuvio perfeitamente inoffensivo. Se não tínhamos nada a temer do vulcão, parece que devíamos reccar os *sgrazatori*. Deixando a Ermida, o nosso pequeno bando foi escoltado por dois carabineiros de segurança. S. M. Napolitana os conserva n'este posto isolado, para acompanharem os viajantes, que se poderiam, de resto, despojar e até assassinar na fralda do Vesuvio

sem que ouvido humano escutasse os seus gritos de afflicção.

Por uma estreita vereda se desce a um profundo barranco que protege a Ermida contra as erupções do vulcão; depois sobe a gente a enormes camadas de lava, e chega em pouco tempo á base da montanha. A' esquerda ergue-se um cone chamado *Cone de Gautrey*, do nome d'um francez que alli se precipitou voluntariamente e cujo cadaver vomitou o Vesuvio dois dias depois. Alli é necessario pôr pé em terra; as bestas de carga não podem ir mais adiante: é aos viajantes, armados d'um bordão, que toca trepar a aspera encosta do monte. Chegados a certa altura, assentamo-nos para respirar e gozar um espectáculo que não era sem interesse.

Posto que eu o haja desejado muitas vezes, nunca vi o grande deserto do Sahará, nem a caravana asiatica ou africana bivacando no meio das areias ardentes; nem o Arabe vagabundo caracolando naquellas vastas soidoens para roubar o viajante perdido. Na falta de realidade, eu tinha diante dos olhos uma representação assaz parecida. Na fralda da montanha estacionavam, prezas pela redea a estacas fixas no chão, quarenta cavalgadas, burros, cavallos ou machos. Trinta lazzaroni, viva imagem dos negros, creados forçados da caravana oriental, guardavam as nossas bestas de carga, e algumas das nossas bagagens. Em torno de nós uma solidão não menos completa que a do deserto; na falta d'uma planicie d'areia, tinhamos debaixo dos pés uma planicie de cinzas e lavas. Até não faltavam os Beduinos; pois é costume encontrarem-se sempre, entre os officiosos criados de que sois acompanhado, alguns larapios.

Finalmente, se a caravana do deserto è protegida por soldados de comprida carabina lançada ao tiracollo, nós tinhamos a mesma vantagem.

Em tanto que eu pensava na minha visão africana, os remissos alcançaram o corpo de exercito, e continuou-se a trepar a difficil montanha: o Vesuvio apresentava então um phenomeno notavel. Como aquelles velhos de que fallam muitas vezes os moralistas, que, apezar dos seus cabellos brancos, teem no peito um coração onde fervem as paixoes; o antigo vulcão occultava as suas entranhas de fogo sob uma superficie coberta de neve gelada: antes do meio dia estavamos no termo da nossa ascensão. O cume do Vesuvio forma uma planura circular de um quarto de legua de diametro.

Da espessa camada de cinzas quentes sobre a qual caminhaes, sobem de distancia a distancia *fumorole* ou respiradoiros ardentes, nos quaes è impossivel conservar a mão. Aqui e alli algumas lavas esbranquiçadas, semelhantes a ossadas espalhadas entre as cinzas d'uma fogueira fune-raria, numerosas irregularidades de terreno com partes salientes, côr de telha, d'onde sahe incessantemente um ar inflammado; por todas as partes a imagem da destruição e da morte: tal è o es-pectaculo que fere primeiro os olhos do viajante. Demos a volta da planura sem pararmos, porque os pés nos ardiam, ao passo que o cheiro do enxofre se nos introduzia na garganta e o fumo da cratera nos fazia chorar os olhos. Chegados ao ponto do Vesuvio que olha Pompeia, paramos diante d'um respiradoiro, semelhante á abertura de uma fornalha cheia de vidro derretido; deu-nos na mania o mergulharmos n'elle os nossos bor-

doens, e de cada vez os tiravamos todos queimados. Cartas, papeis, bilhetes de visita apresentados ao orificio, ardiam-nos immediatamente nas mãos. Vêde todavia a temeridade humana! A crusta ardente que rangia debaixo dos nossos passos nos separava apenas alguns pés d'um abysmo de fogo. Que era necessario para entre-abrir o nosso fragil pavimento e engolir-nos? um ligeiro abalo de tremor de terra, um pouco d'ar comprimido; e nós não pensavamos nisso!

No centro da planura se abre a cratera; é um abysmo aberto em forma de funil, que póde ter duzentos pés de profundidade, por outros tantos de largura. As paredes abruptas, cobertas de cinzas, de enxofre e de cinabrio, offerecem um aspecto que cança a vista e leva o terror á alma. A visita ao Vesuvio não fôra completa, se se não descesse ao fundo da cratera. O guia consultado oppoz primeiro algumas difficuldades aos nossos desejos; comtudo affirmou-nos que, estando o tempo socegado, não tinhamos nada a temer, e seguindo-o nós começamos a aventurada excursão. Apoiados nos nossos compridos bordoens, desce-mos em zig-zag pelo flanco meridional do abysmo ardente, e depois de dez minutos d'uma marcha penosa achamo-nos a alguns passos da *chaminé*. No centro do abysmo está uma larga abertura da qual se eleva dia e noite uma vasta columna de fumo branco, saturada de chloro e enxofre.

No seio da terra ouve-se como que o susurro intermittente d'um enorme folle de forja, ou o jogo perfeitamente isochrono d'uma bomba de dots embolos. A cada pancada de embolo, sahe o fumo às baforadas a quinze ou vinte pés de elevação. As materias igneas vomitadas pela cra-

tera esfriam com o contacto da atmosphera e tornam a cahir nas bordas; depois, accumulando-se formam em volta do orificio um cone elevado muitos metros, ao qual se dá o nome de chaminé.

Havia algum tempo que nós contemplavamos, com uma curiosidade misturada com terror, este respiradouro do inferno, quando uma rajada de vento impelle para nós a columna de fumo. Um dos nossos companheiros vê-se suffocado; cahe, inteiriçam-se-lhe os membros, injectam-se-lhe os olhos de sangue, e a respiração não pôde ser-lhe mais penosa. Apressam-se em levantá-lo, afastá-lo, e içá-lo para o flanco da cratera; brevemente recobra os sentidos: mas o temor d'um novo accidente nos obriga a deixar promptamente o logar. De resto, tínhamos visto o que se pôde ver. Penetrados de um duplo sentimento de gratidão e susto, chegamos outra vez à planura, e, deixando-nos escorregar por uma crusta de lava coberta de um pé de cinzas, chegamos a' fralda do Vesuvio sem accidente pelo que toca ás nossas pessoas, mas com irreparavel damno para os sapatos. Queimados e espedaçados, não teriam podido conduzir-nos decentemente até Napoles se devessemos de andar o caminho a pé. Felizmente as nossas fieis cavalgadas nos esperavam na base do monte; com ellas tornamos a passar à Ermida, onde ficaram os nossos carabineiros, e duas horas depois estavamos nós de volta a Resina.

Apezar do justo medo que inspira o Vesuvio, apezar dos estragos que elle faz ha tantos seculos, não se pôde deixar, ao visitá-lo, de render homenagem aos seus beneficios. A cinza, de que elle inunda os outeiros e as planicies das vizinhanças, é tam fertil, que a população se eleva

a cinco mil almas por legua quadrada, no raio que ella rega. Alem da vista, que é arrebatadora, toda a especie de cultura alli se dá bem, e toda a especie de arvores alli crescem. Os trigos dão oito e dez por um, e, segundo o costume dos Romanos, a terra é lavrada sem demora para receber sementes d'outra especie. As arvores sustentam vides e dão fructos; colhem-se-lhes depois as folhas no outono, para alimentar os gados durante o inverno: entre as fileiras de olmos crescem meloens que se vendem antes de semear o trigo. Depois da colheita do trigo, revolve-se o restolho á pá para semear favas ou trevo, de flores purpureas. Por espaço de seis mezes as crianças vão todas as manhãs cortar com foiceira uma carga delle para alimentar as vaccas. Na primavera planta-se o milho sobre o restolho do trevo ou das favas; estrumam-se então as terras, e esta colheita que alimenta a familia, é um dia de festa nas aldêas. Apenas ella está acabada quando se remexe a terra para semear n'ella trigo, e, depois do trigo, legumes de differentes especies.

Dest'arte as terras produzem em abundancia vinho e fructos, grão e legumes para o homem; folhas e herva para os gados. Apezar disto o cazeiro é pobre em geral, principalmente na occasião d'uma má colheita (1). A miseria é por todas as partes companheira assidua da fecundidade do solo, porque attrahe e augmenta de tal modo a população que o solo, infinitamente subdividido, cessa em breve de poder manter, por si só, os

(1) Lullia de Châteaueux, *Cartas sobre a Italia*, p. 250.

braços que multiplicou demasiado. « Para o julgar, basta saber que aquellas terras vulcanicas alimentam uma familia de cinco pessoas com a terça parte do producto de cinco geiras; só na India se póde encontrar exemplo de tam grande população (1). » Tantas producções não esgotam a fecundidade do solo. Aos legumes, ás melancias, ás melhores laranjas da Europa com as de Portugal, as cinzas do Vesuvio ajuntam o *Lacrima Cristi*, excellente vinho, cujo nome um pouco triste inspirou estes lindos versos ao poeta italiano Chiabrera :

Chi fu de' contadini il si indiscreto ,
Ch'a sbigottir la gente
Diede nome dolente
Al vin , che sovra gli altri il cuor fa lieto ?
Lacrima dunque appellarassi un riso ,
Parto di nobilissima vendemmia ?

Não se póde deixar Resina sem visitar Herculaneum, sepultada debaixo da lava a sessenta pés de profundidade. Ao clarão dos archotes, percorremos as partes já desembaraçadas; o primeiro monumento que se encontra, é o theatro que passa pelo mais bem conservado que temos. Mas Dion Cassio parece haver-se enganado, quando affirma que os habitantes foram surpreendidos pela erupção no meio d'uma peça de comedia; o pequeno numero de esqueletos, encontrados no theatro, parece attestar o contrario. Como quer que seja, as proporções do edificio, o alinhamento das ruas, o numero dos papyrus, mostram que

(1) Id., id.

Herculanum era uma grande e bella cidade; assim como os frescos e os outros objectos de luxo e de religião estabelecem desgraçadamente que ella mereceu a sorte de Pompeia, cujas iniquidades partilhava. Junto de Herculanum brilha a residencia real de Portici, cujo pateo d'honra é atravessado pela grande estrada de Salerno e das duas Calábrias: não desarranjar a via publica e sacrificar o proprio repouso á facilidade das communações, é esse um sentimento paternal que honrará sempre o rei Carlos III. A elegancia dos porticos, a belleza das pinturas merecem a attenção dos viajantes. Depois de termos lançado um volver d'olhos para estas riquezas, verdadeiros thesouros em todas as partes onde fossem menos communs, entramos em Napoles, não sem admirarmos os numerosos *corricolo* que percorriam a estrada de largas lageas.

O *corricolo* é o vehiculo napolitano por excellencia. Habitantes da cidade e da aldêa, lazzaroni e burguezes, militares e artistas, homens e mulheres, parecem entrar n'elle com igual felicidade. Quanto á forma, parece-se com os nossos *cucos* dos arredores de Paris; mas o que com nada se parece, é a maneira como n'elle se collocam os viajantes em numero de dez, doze e até quatorze. Estão em todas as partes, dentro, adiante, atraz, por cima, por baixo; em pé, assentados, deitados, acocorados; riudo, cantando, tagarelando e sobretudo gesticulando com aquelle talento mimico tam vivo e variado, que permite aos Napolitanos entreterem a conservação sem pronunciarem uma só palavra e sem serem comprehendidos pelos estrangeiros. Quando o *corricolo*, ornado desta sociedade de traço pitoresco, passa

rapidamente por diante de vós, não se sabe se se vêem sombras chinezas ou um carro de máscaras.



25 de Fevereiro.

O Albergio dos pobres. — Carlos III. — Benedicto XIV. — O padre Rocco. — Charidade napolitana para com as crianças abandonadas. — Ponti-Rossi. — S. Januario dos Pobres. — Catacumbas. — Collegio chinez. — Gesù Vecchio. — Corpo de S. Chrysanto e de Santa Daria. — A Vestal martyr. — Piedade napolitana. — Costumes publicos. — Anecdota.

Haviamos acabado com o mundo pagão, antigo habitante de Parthenope e das suas encantadoras praias: os seus monumentos de todas as especies nos eram conhecidos e nós o tinhamos surpreendido nos impuros segredos da sua vida religiosa, publica e privada. O terrivel vulcão de que Deus se servira para exercer a sua justa vingança havia recebido a nossa visita: restavamos estudar o povo novo, filho e successor do povo que já não existe. Napoles, tornada christã, manifesta a sua fé pelos monumentos, pelas suas instituições, pelas suas leis e pelos seus costumes. Não fallemos das suas trescentas egrejas; passemos aos seus estabelecimentos de charidade.

O *Albergio reale de' Poveri* foi o primeiro objecto da nossa curiosidade. Para lá nos dirigirmos seguimos a grande rua de *Toledo*; os *Studj* se acham a dois passos; entramos alli para vermos a bibliotheca. Possui um numero bastante grande de edições prínceps, e uns tres mil manuscrip-

tos antiquísimos. O mais precioso de todos é o celebre authographo de S. Thomaz d'Aquino, que contem a exposição do Tractado de S. Dinis o Areopagita *De caelesti Hierarchia*. Outr'ora o conservavam religiosamente no convento de S. Domingos; para alli o transportam ainda todos os annos, para expol-o á veneração dos fieis no dia da festa do santo doutor.

Não lon: e dos *Studj*, incomparavel museu de antiguidades pagans, mostra Napoles com justo orgulho o seu *Albergo* dos pobres, um dos tres maiores hospicios da Europa. Um rei, um papa, um santo, trabalharam de concerto na fundação deste magnifico hospital da miseria: o rei, é Carlos III; o papa, Benedicto XIV; e o servo de Deus, o Padre Rocco, tam celebre em Napoles pela sua eloquencia e charidade.

Alliviar as enfermidades corporaes e espirituas dos pobres, tal é o pensamento que animava os tres fundadores. A inscripção gravada em letras d'oiro na fachada principal do edificio:

REGIUM TOTIUS REGNI PAUPERUM HOSPITIUM.

resume o pensamento creador que a carta do joven rei desenvolve inteiramente.

« O zelo, diz o excellente monarcha, que nos anima para assegurar a felicidade deste reino, não nos permite olhar com olhos indifferentes todas as desordens produzidas pela grande quantidade de pobres que entulham esta populosa cidade. Bem que entre todos estes indigentes, haja velhos, estropiados, cegos, incapazes de trabalhar, o que nos toca de profunda piedade, ha-os comtudo, e é o maior numero, que vivem na vá-

gabundagem ; esses homens são robustos e tenazes em professar o estado de mendigo , para levarem de proposito deliberado uma vida ociosa e libertina. Ha tambem orphãos e crianças abandonadas , que se habituam a mendigar sem nenhuma educação christan , sem tomarem nenhum estado , e veem-se a fazer não só entes inuteis, senão tambem scelerados damninhos á sociedade. Por consequencia , por uma justa commiseração para com os primeiros , e pelo cargo que nos está confiado de reformar os outros , temos resolvido fundar n'esta capital um hospital geral dos pobres de ambos os sexos , de todas as edades , e introduzir n'elle as artes mais uteis e necessarias , a fim de que esta obra seja agradavel aos olhos de Deus , e seja um beneficio para a cidade e para o reino (1). »

(1) Lo zelo che si nutre dall'animo nostro per la maggiore felicità de questo reame , non ci permette di piu riguardare con occhio indifferente tutti i disordini che derivano da' poveri , i quali inondano questa popolatissima città. Sebbene vari fra costoro sien vecchi , storpi , ceichi , inabili alla fatica , dalla miseria de' quali altamente è commossa la pietà nostra , pure gli altri , e fanno la maggior parte , son uomini vagabondi e robusti , fermi tutti nel professare la mendicità per menar di proposito una vita oziosa e libertina : son fanciulli orfani e derelitti , i quali avezzandosi al mestiere del limosinare , senza cristiana educazione , e senza apprendere arte alcuna , riescono col tempo non solo inutili , ma facinorosi e perniciosissimi allo stato. Quindi per giusta commiserazione de' primi , e per dovuta providenza ed

Mas para elevar o collossal edificio, emprendido pelo architecto Fernando Fuga, eram necessarias sommas immensas, e o reino estava esgotado. O joven rei não perdeu animo; começou por offerecer generosamente os recursos de que podia dispôr: depois creou outros novos sem aggravar os impostos. Certas corporaçoes do reino estavam sujeitas a uma contribuição annual de que até elle só se haviam aproveitado os vice-reis. Quando os deputados da cidade de Napoles, os chefes das corporaçoes e os superiores de conventos foram depor as suas offertas aos pés do throno, o rei lhes disse: « Meus bons vassallos, sabeis que eu faço construir um grande asylo para os pobres do reino; tenho precisão para isso da vossa ajuda, e experimento um verdadeiro prazer em mudar o destino de todos estes presentes, fazendo-os servir primeiro para a conclusão e depois para a dotação do *Albergo* dos pobres. »

Benedicto XIV, informado das generosas intenções do joven principe, consentiu de boa vontade em supprimir onze conventos d'Agostinhos reformados, cujos rendimentos consagrou á construcção e á manutenção do real palacio da charidade. Neste mesmo tempo o rei Carlos encontrou um homem que lhe foi de grande auxilio para o complemento da sua obra: era o famoso

emenda degli altri, abbiamo deliberato di fondare in questa capitale un generale albergo de' poveri d'ogni sesso ed età, e quivi introdurre le arti piu utili e necessarie, affinche tale opera sia grata agli occhi di Dio, e di benefizio alla città ed al regno.

Padre Rocco, dominico, missionario do povo. **S. Bernardo** pela eloquencia, **S. Vicente de Paulo** pela charidade, o **Padre Rocco** era omnipotente sobre o povo napolitano. Verdadeiro tribuno christão, sabia, pelo seu accento inspirado, subjugar o coração e o pensamento dos seus numerosos ouvintes, e cada um, sem dar por isso, lhe concedia um poder providencial; servia-se delle para ajudar os charitativos projectos do monarcha. Quando se lhe perguntava que se havia de fazer para encontrar sempre o dinheiro necessario para a conclusão d'um edificio que devorava thesoiros, elle respondia sorrindo: « Continuai, que o dinheiro não hade faltar, eu vol-o darei: *Fate, fate, il denaro non mancherà, ed io velo porterò.* »

A sua confiança não foi van; e em 1764, abriu-se o magnifico asylo a todas as especies de miserias. Lá encontramos umas tres mil crianças de ambos os sexos cujas cathogorias e trabalhos recordam o hospicio apostolico de **S. Miguel**. Lá se vêem differentes teares para os tecidos d'algodão, para as fazendas de seda, para o bordado e para a passamanaria; ha uma escola de musica, de desenho, de calculo, uma fundição de typos, uma imprensa, uma officina de lithographia e um instituto para os surdos-mudos. Uma fabrica de coral emprega mais de trescentas donzellas; as outras occupam-se nos trabalhos de agulha, em tecer, fiar, etc. Deste modo ha trabalho, e trabalho livre, para os adultos de todas as edades, escolas para todas as artes e para todos os officios, e instrucção para todas as capacidades. Visitamos, com viva satisfação, esse povo inteiro de infelizes dos quaes o paganismo

não se dignava occupar-se, cujas dores aggravava muitas vezes a philantropia, e aos quaes só a charidade catholica cerca de assiduos cuidados e cobre com a sua aza maternal.

Durante o curso desta visita interessantes pormenores nos foram dados ácerca da charidade napolitana; é-nos grato fazel-os conhecer. Em cada concelho do reino de Napoles, a administração municipal recolhe, sem se informar da sua origem, todas as crianças que lhe são apresentadas, e as põe a criar em casa de particulares: a capital de cada provincia possui um hospicio especial para as crianças achadas. Um pequeno balcão coberto, *Ringhiera*, faz as vezes de roda, e a criança depositada é immediatamente recolhida, ao som d'uma sineta que avisa a vigia. Recebem-se, n'estes hospicios, todas as crianças sem difficuldade. É rarissimo que os filhos legitimos sejam expostos, mas por outro lado ha poucos filhos naturaes que não sejam levados para aquelles asylos. A *Annunziata*, fundada em 1815, recebe as crianças achadas de Napoles e dos arredores. Os rapazes, na idade de sete annos, são enviados ao *Albergo de' Poveri*, onde são educados com os orphãos. As meninas são igualmente recebidas no recinto que lhes está reservado, e segundo o excellente costume da Italia, habitam alli até à morte, a não ser que se casem; n'este caso, recebem um dote conveniente. De resto, é raro que ellas não cheguem a estabelecer-se; porque é costume do povo ir, por devoção, buscar esposa ao meio dellas.

Dirigindo-nos a *S. Januario dos Pobres*, visitamos os *Ponti-Rossi*, magnificos restos do aqueducto construido por Augusto para conduzir, a

trinta e cinco milhas de Napoles, as aguas do Sebeto, destinadas á frota de Miseno. O hospicio de S. Januario conta quatrocentos pobres homens ou mulheres, tractados, dirigidos, consolados pelas nossas irmans pardas, d'origem do Franco Condado. Apraz-me repetil-o: as nossas religiosas são destinadas a fazer abençoar o nome da França até ás extremidades do mundo, e a conciliar-nos a estima e afeição necessarias á nossa missão providencial.

Junto de S. Januario está a abertura das catacumbas cujas vastas galerias percorremos. A altura das abobadas, a largura e regularidade das ruas, o numero e a solidez das columnas, tudo annuncia um trabalho executado de vagar e com todos os recursos da arte. Este só facto attesta origem pagan: a tradição invariavel sobre este ponto, é-o tambem sobre o uso que nossos pais fizeram. Bem que Napoles não tenha sido theatro de nenhuma perseguição, comtudo os christãos desta cidade, ao verem o sangue de seus irmãos correr não longe dos seus muros, devêram muitas vezes de occultar os seus mysterios aos olhares dos pagãos; estes subterraneos tornaram-se o seu asylo. Ainda n'elles se encontram pias baptismaes, uma capella e uma cadeira pontifical, testemunhas authenticas da passagem dos primeiros fieis.

O espirito do christianismo, que respira nas catacumbas, se manifesta brilhantemente na fundação do *Collegio Chinez*, unico na Europa. Pelo fim do XVII seculo, o P. Matheus Rifa, missionario napolitano, embarcou para a China. Habil pintor, soube merecer as boas graças do imperador e ardendo em zelo pela salvação daquelle

vasto paiz, quiz perpetuar o bem que havia começado. De volta á patria, em 1726, fundou um collegio destinado á instrucção dos jovens Chinezes.

O estabelecimento foi dotado por piedosos christãos e pela Propaganda de Roma. Os discipulos são para alli enviados da China pelos missionarios da idade de treze ou quatorze annos; tornam a partir quando a sua educação está terminada, e prégam o Evangelho aos seus compatriotas. Vimos os retratos d'um numero bastante grande com inscripções indicando os seus nomes, o anno do seu nascimento, da sua chegada a Napoles, da sua partida para a China e da sua morte, quando é conhecida; finalmente a especie de martyrio que muitos soffreram. Bem que pouco numeroso, o Collegio chinez tem feito importantes serviços á religião, ás sciencias e ás artes.

Deixamol-o saudando os futuros martyres que elle escondia á sombra dos seus claustros, e fomos render as nossas homenagens a dois martyres dos primeiros tempos, que a cidade napolitana cerca de profunda veneração e de confiança inteiramente filial: quero fallar dos santos Chrysanto e Daria, cujos corpos descansam debaixo do grande altar da igreja popular do *Gesù Vecchio*. Guarda deste veneravel sanctuario, um santo sacerdote, Dom Placido, recorda, pela sua dedicação e altas virtudes, os mais bellos exemplos dos tempos primitivos. Levantando-se ás duas horas da noite, celebra os santos mysterios ás tres, e uma multidão de povo assiste a elles. A missa é seguida da meditação e d'uma instrucção familiar. O bom sacerdote não desce do pulpito senão para entrar no confessionario, onde está parte do dia;

audiencias de charidade occupam-lhe, com a oração, o resto do tempo. Graças á sua benevolencia, o relicario dos martyres nos foi aberto, e podémos venerar á nossa vontade aquellas piedosas reliquias, cuja vista recorda vivamente um dos mais bellos triumphos do Evangelho.

Chrysanto, filho d'um senador romano, tinha nascido no Egypto. Ainda moço, acompanhou seu pai á grande Roma, onde em breve a sua elevada intelligencia foi apreciada. Convencido da vaidade dos idolos, procurava, por todos os meios, conhecer a verdade, a fim de livrar a alma das duvidas que a torturavam. Um velho lhe é indicado como um sabio; Chrysanto dirige-se a elle. O velho, que era christão, não tem difficuldade em desvendar os olhos do joven neophyto. A verdade conhecida é no mesmo instante abraçada com ardor: Chrysanto torna-se apostolo. Seu pai espanta-se, irrita-se, e jura fazer abandonar a seu filho o que elle chama as suas superstiçãoens e os seus erros. Caricias, rogos, ameaças, tudo é posto em acção; mas tudo fica inutil. Cedendo então ás instigaçoens de seus parentes, o pai de Chrysanto encerra o filho no palacio, e arma á sua virtude a mais perigosa rede. Não tendo podido abalal-o as pessoas levadas para o seduzirem, escolhem uma Vestal, egualmente famosa pelos seus attractivos, pelos seus conhecimentos e pelo encanto da sua elocução. Sacerdotiza d'um idolo, cujo culto era considerado como o salvo-conducto do imperio, Daria desenvolve todos os seus artificios para corromper o joven christão, e leval-o como uma conquista ao altar dos deuses; porem ella propria vem a ser conquista da graça. Chrysanto e Daria, vendo-se unidos pelos laços da fé,

da esperança e da charidade, se unem então pelos vinculos sagrados d'um matrimonio virginal. Esta resolução põe Chrysanto em liberdade, e dá-lhe, assim como à sua casta esposa, meio de continuarem a prégar Jesus Christo. Numerosas conversoens nas altas classes da sociedade, veem a ser o fructo do seu apostolado; uma das mais notaveis foi a do tribuno Claudio, com sua mulher, seus dois filhos, seus criados e setenta soldados.

São levadas queixas ao prefeito Celerino que manda prender os jovens esposos. Chrysanto é encerrado na prisão Mamertina, e Daria exposta n'um logar de devassidão. O Senhor véla por elles como velou por tantos outros; e sahem intactos e puros. Para acabar com elles, o imperador irritado os condemna a serem enterrados vivos.

E' verosimil que este horrivel supplicio fosse escolhido a fim de fazer soffrer a Daria a especie de morte reservada ás Vestaes inchieis (1). Esta conjectura torna-se tanto mais provavel quanto fizeram expirar os santos martyres junto da porta *Salaria*, logar designado para o supplicio das Vestaes (2). Um estremecimento de terror vos percorre todos os membros, e lagrimas de compaixão nos correm dos olhos, quando na presença desses veneraveis corpos, vos recordaes das hor-

(1) Una cum Chrysanto in foveam altam demissa, occluso aditu, instar Vestalium delinquentium, extra portam Salariam, eo modo ambo mori coguntur. — Bar. an. 284, N. VII, A.

(2) D. Halycar., II, 17; Plutarch., in *Numa*, 18.

riveis torturas quê lhes mereceram a gloriosa immortalidade.

A Vestal, julgada e condemnada pelo collegio dos pontifices, era açoitada, e depois coberta de ornatos mortuorios. N'este estado a faziam entrar em uma *lectica*, reservada para estas horriveis ceremonias, e forrada exteriormente de almofadas apertadas com correias, a fim de dar a esta tumba dos vivos toda a surdez d'um tumulo. Os gritos do desespero expiravam contra estas paredes, e os juizes e os verdugos não tinham a temer nem sentirem-se commovidos a seu pezar, nem verem excitar entre os assistentes uma commoção que teria podido arrancar-lhes as victimas. O medonho enterro atravessava o *Forum*, o *Comitium*, e dirigia-se vagarosamente pela via *Salaria* para o *Campo Scelerado*, logar do supplicio. A consternação reinava na cidade; as lojas, as tavernas, as basilicas estavam fechadas, e o silencio da multidão não era interrompido senão pelos soluços dos parentes e amigos da condemnada (1).

No meio do Campo Scelerado se achava aberta uma loja subterranea, á qual se descia com o auxilio d'uma escada. Um pequeno leito estava armado debaixo d'uma abobada, e, junto desta cama da morte, luzia uma lampada sepulcral, não longe da qual estava depositado um pouco d'azete, um pouco de pão e agua e um pouco de leite, provisoens de um dia para uma infeliz condemnada eternamente a esta prisão tumular (2). Entretanto os lictores desatavam os fechos da *lectica* depositada diante do subterraneo, o *Flamen*

(1) Plutarch., id., id.

(2) Id., id.

dialis conduzia a victima à escada, e logo depois se retirava deixando a desgraçada nas mãos do algoz. Este lhe offerecia a mão para ajudal-a a descer; apenas era chegada ao fundo do seu tumulo, quando o verdugo se apressava a tirar a escada, e uns escravos, tam impassiveis como a morte, enchiam a entrada do subterraneo até ao nivel do chão, egualando o terreno, porque não era mister que a Vestal criminosa deixasse vestigios da sua presença, nem entre os vivos nem entre os mortos (1).

Porem os christãos, testemunhas intrepidadas do martyrio de seu irmão e de sua irman, não esqueceram o seu glorioso tumulo. Lá se reuniam no dia anniversario da sua morte (2), e quando foi dada a paz à Egreja, o papa S. Damasio restituiu à luz do sol Chrysanto e Daria, e é uma grande alegria para o fiel dos ultimos tempos associar às suas humildes homenagens às que o mundo catholico offerece solemnemente, ha dezeseis seculos, aos heroes das edades primitivas (3).

Uma vez que estou a fallar dos monumentos e objectos da piedade napolitana, eis aqui alguns pormenores que completarão o que já tenho dicto sobre esta materia. A piedade toma o caracter

(1) Id., id. — E *Quæst. rom.* 96.

(2) Ao fallar das catacumbas, referirei o que se passou n'uma destas synaxes.

(3) Os nossos santos martyres foram mandados matar no tempo de Numerio no anno 284, e os seus actos escriptos pelos dois irmãos *Armenio e Verino*. Vêde, *Trattenimento storico su le gloriose gesta de' santi conjugii Crisanto e Daria vv. e mm.* — Napoles, 1831.

das naçoens como dos individuos; mais fria, mais reservada em França, é mais viva, mais expansiva e mais ingenua na Italia. Eu via no *Gesú Vecchio* uma mulher do povo, alternativamente ajoelhada e assentada, e fallando muito alto á Santa Virgem cuja milagrosa imagem corôa o altar mór. Com os olhos constantemente fitos em Maria, ella lhe chamava: *Mamma, mamma*; contava-lhe com uma simplicidade de criança as suas penas domesticas, os seus desejos, as suas esperanças, e os seus temores, depois chorava, depois enviava-lhe beijos; depois saudava-a com amor, e terminava, para ainda recomeçar, ajuntando: Disse-vos tudo; andai agora, eu vou-me, conto comvosco, entendeis-me bem? *addio, mamma, mamma, addio*. Finalmente sahio enviando-lhe o ultimo beijo.

O que fazia esta pobre mulher faziam-o vinte outras ao mesmo tempo; ninguem se occupava dellas, tam natural é este modo de orar ao povo de Napoles.

Na classe elevada a piedade, e principalmente a confiança filial para com Maria, conserva o mesmo character de fé viva e de tocante ingenuidade. Um dos magistrados mais distinctos de Napoles compoz para sua familia uma obra muito estimada, na qual falla assim á Santa Virgem: « Vós talvez acheis, minha mãe, que já me tendes dado muito, e eu não o nego; mas deveis-me ainda mais do que me tendes dado. Permitti-me que ajuste hoje as minhas contas comvosco. Todas as legislaçoens do mundo, d'acordo com a mesma natureza, dão aos filhos um direito sagrado a todos os bens de sua mãe, especialmente quando essés bens não foram concedidos á mãe

senão em consideração de seus filhos. Assentado este principio; vêde quam rica sois! As vossas riquezas não são thesoiros, porem minas inesgotaveis. Vós sois a rainha do ceu e da terra, a dispensadora da graça, o poder que se faz obedecer pelo proprio Deus. Ora, pensai bem, eu vol-o rogo, que todos estes bens não vos foram dados para vós só, mas para vossos filhos, e para mim ultimo de todos. Por ventura serieis o que sois sem mim, e sem os peccadores como eu? Acaso não foi para resgatar-nos que o filho de Deus se fez homem e vos escolheu para sua mãe? Vêdes pois que tudo o que tendes, me pertence. Ora, o que me tendes dado não é nada em comparação do que possuis; deveis-me pois, e deveis-me muito! que tendes que responder?... »

E n'outra parte: « Escutai-me, minha Mãe, é preciso que me concedais o que vos peço. Se m'ó recusasseis que diriam de vós? Ou que não podestes attender-me, ou que o não quizestes. Que o não podestes, ninguem o acreditará, pois vos conhecem muitissimo bem; que o não quizestes, confesso que antes quizera ouvir dizer que o não podestes. Pois que! minha Mãe, a Mãe de graça, de misericordia e de clemencia, não querer attender um de seus filhos! mas que seria da vossa reputação? Pensai n'isso; e sahi della se podeis (1). »

A fé, mãe dessa piedade filial, se manifesta de muitos modos. Contentar-me-hei com citar o exemplo seguinte, que me é particularmente conhecido. Um conego francez, e um dos seus

(1) Maria, *stella del mare*. Dal sig. de Conciliis, Giudice alla G. C. C. de Napoli. In—18.

collegas de Napoles, passeando no campo, entram n'um jardim para comerem figos frescos. Depois da *mangiata*, pedem á dona agua para lavarem os dedos e uma toalha para se limparem. Antes que trouxessem a toalha, o conego francez pega no primeiro panno de mãos que encontra: « Não, não, Padre, lhe diz a excellente mulher, elle não é digno de limpar dedos que todos os dias tocam o corpo de Jesus Christo. » Depois corre ao seu armario e tira o lenço de cambraia mais branco e fino que pôde encontrar, e o apresenta ao sacerdote.

De resto, a fé dos Napolitanos é proverbial na Italia. Um dos nossos amigos despedia-se do Santo Padre Gregorio XVI: « Já que ides a Napoles, lhe diz Sua Santidade, trazei-me um pouco da boa fé napolitana: *Apportate mi um poco di féde napolitana.* » Cumpre dizer que os sacerdotes zelosos, de que Napoles se honra, trabalham immenso para couservarem esta piedosa disposição. A' noite abrem os *oratorj* para o povo. Ha instrucçoens, confissoens, oraçoens até ás onze horas e meia da noite: ninguem escapa à sua charidade. Acreditar-se-ha em França que eu vi os forçados, atravessando as ruas de Napoles e indo, como seminaristas, aos exercicios do retiro que se lhes dá todos os annos para preparal-os para a Paschoa? O mesmo governo, que, em certos casos, toma um ar de despotismo religioso, apoia aqui o zelo do clero. Uma lei põe a cargo de todas as municipalidades a despesa necessaria para terem um prégador durante a Quaresma. Estes honorarios, cujo maximo fixa a lei, não podem passar de 60, 40 ou 30 ducados, conforme a importancia da localidade. Esta lei foi publicada,

muito menos para remediar o indifferentismo dos habitantes, que para pôr limites à sua generosidade.

As auctoridades municipaes não se occupam, pois, unicamente do aformoseamento e do bom estado do seu concelho, mas tambem consagram uma parte do rendimento publico ao bem moral dos seus administrados: eis ahi de certo uma instituição popular e verdadeiramente catholica. Apezar de tudo isto ha maldade em Napoles; porrem ha remorsos: os dois elementos estão em lucta. Com uma fé robustissima, os nossos homens da idade media se deixavam arrastar de tempos a tempos a graves desordens, e depois, recobrando a religião o seu imperio, voltavam a si, golpeavam o peito, reparavam as suas iniquidades e morriam como penitentes e santos. Tal é, salvas algumas differenças, o estado actual das populaçoens napolitanas. Os punhaes que se encontram suspensos diante dos altares da santa Virgem são uma prova deste facto, e uma homenagem ao poder da religião. Em todos os paizes, o coxo curado deixa as moletas no altar do seu protector; é um monumento da bondade d'um e da gratidão do outro. Em Napoles, o assassino-, o vingativo, esse doente moral, que Maria curou e desarmou, vai depositar a arma homicida ante a imagem da sua libertadora. Com este espectaculo geme-se sem duvida pela perversidade humana, mas tambem se admira e bendiz o poder da religião, sem a qual um daquelles punhaes teria sido talvez para nós.

A lei obra ainda d'um modo muito consolador sobre os costumes publicos. Quatro grandes symptomas annunciam a decadencia das naçoens,

e provam o excesso da immoralidade do espirito e do coração : nomeei o infanticidio , a loucura em consequencia das paixoes , a impiedade final e o suicidio. Ora , em Napoles o infanticidio é rarissimo. Até mesmo a exposição não é mais que d'um por sete , ao passo que em Paris é de mais d'um terço , e em Londres eleva-se a perto da metade dos nascimentos. Apesar do ardor do clima , Napoles conta sete vezes menos doidos que Paris , e dez ou doze vezes menos que Londres. De quatrocentos mil habitantes , não vê Napoles annualmente mais que vinte e cinco a trinta suicidios , ao passo que Paris dá , termo medio , um e meio por dia. D'onde parece que nós somos bastante injustos em censurar aos napolitanos as suas desordens moraes. Não quero negal-as ; sómente as cifras que precedem mostram quanta exaggeração ha nas narraçoens de certos viajantes.

Como voltassemos à hospedaria , uma mulher do povo pediu ao nosso guia , a quem conhecia , que entrasse em sua casa ; elle accetou e nós seguimol-o. Em breve nos vimos rodeados de muitas criancinhas que , reconhecendo-me como sacerdote , vieram beijar-me as mãos. Perguntamos à mulher se todos aquelles meninos lhe pertenciam. « Sim , nos disse ella , sómente ha dois que são *figli della Madonna*. » Não é raro em Napoles ver a gente mais pobre encarregar-se , por devoção , d'um ou até de dois meninos achados , ou adoptal-os em lugar daquelles que perdera. Era o que tinha feito a virtuosa mulher , e aquellás crianças , designava-as ella debaixo do tocante nome , consagrado pelo uso napolitano , de *filhos da Santa Virgem*.



26 de Fevereiro.

Viajem a Mugnano. — Cemetino. — Catacumbas. — Egreja. — Christo de Constantino. — Instrumentos de Martyrio. — Gruta de S. Felix. — Forcas Caudinas. — Mugnano.

Muito antes de ser dia, a nossa ligeira caruagem voava pela bella estrada que atravessa as planicies irregulares da Campania septentrional: o objecto da nossa romaria era *Mugnano*. Esta villa, sita a distancia de dezenove milhas de Napoles, fez-se celebre ha alguns annos. Alli descança o corpo d'uma joven martyr dos primeiros seculos, que Deus se apraz de glorificar por meio de numerosos milagres. O seu nome é conhecido por todos os historiadores: chama-se *Santa Philomena*. Como tantos outros peregrinos, nós tinhámos que depôr a seus pés a homenagem dos nossos votos e das nossas acçoens de graças.

A tres leguas e meia de distancia de Napoles, encontramos a pequena povoação de *Cemetino*. Não é indicada em nenhuma carta geographica, nem e' conhecida por nenhum visjaute; assim deve ser, pois não se acham n'ella senão anti-guidades christans.

Um sacerdote Napolitano nos havia dicto: « Os *toristas* teem escandalizado de tal forma os nossos cicerones, que, para não deitarem perolas a porcos, estes quasi nunca fallam aos estrangeiros dos objectos religiosos; recusam até os pormenores que se lhes pedem, a não ser que o vosso traje ou uma recommendação particular os tranquillize. » Foi o que nos succedeu na aldeia de *Cemetino*.

« Onde estão as catacumbas, onde está a

grutz de S. Felix ? perguntamos nós ao guarda da egreja. » Os seus olhos fitos em nós, a sua bôcca munda, o seu ar cuidadoso pareciam interrogar-nos e dizer-nos: Quem sois vós? posso eu sem profanação mostrar-vos os monumentos dos martyres? Finalmente nós lhe fallamos do abbade D. B.; e o bom mancebo se apressou a introduzir-nos em catacumbas de grande riqueza e immenso interesse.

Residencia do governador da Campania, foi Nola, que contava uma população de 50,000 almas, por diversas vezes theatro de sanguinolentas perseguições; além de seus proprios filhos, viu martyrisar os christãos das vizinhanças levados ao tribunal do governador. Deste numero foi S. Januario, bispo de Benevento, lançado n'uma caldeira ardente que brevemente veremos. Com S. Felix, bispo de Nola, pereceram tres mil e duzentos fieis, entre outros as illustres virgens Julia e Jucunda. O seu martyrio teve logar no governo de Valeriano, no anno de 259. Ora, as execuções faziam-se em *Cemetino*, distante dez minutos pouco mais ou menos da cidade. Os corpos dos campeões da fe foram alli depositados, n'uma cátaumba chamada *Cœmeterium in Pincis*. Tornou-se ella celebre pela innumera concorrencia de peregrinos que là se dirigiam de todas as partes do Occidente e até mesmo do Oriente, como testifica S. Paulino. Elle proprio augmentou a gloria daquelle veneravel logar, passando n'elle muitos annos da sua vida junto do corpo de S. Felix e dos martyres. Circo egrejas se ergueram sobre esta catacumba; a do meio dedicada a S. Felix, brilhava como uma perola engastada em perolas:

Et manet in mediis quasi gemma intersita gemmis,
Basilicas per quaque sacri spatiosa sepulcri
Atria diffundens. (1).

Entra-se hoje nestes veneraveis sanctuarios passando por baixo d'um arco monumental, chamado o *Arco Santo*, que tem na esquerda a seguinte inscripção :

Siste gradum, quamvis properas, en siste, viator,
Te cogat pietas, religioque loci.
Ingredere, et cineri manibus da lilia plenis
Felicis; felix posce, et habebis iter:
Quemque Augustinus, Paulinus, Bedaque dictis
Concelebrant, flexo tu venerare genu.
Ingredere, at mundo corde, et simul excute plantas
Sanctorum quando corpora mille premas!

A igreja dedicada a S. João Evangelista apresenta tres altares, ou *arcosolium*, bastante parecidos com os das catacumbas de Roma. O do meio tem a antiga inscripção :

ARA VERITATIS.

A > P < Ω

Junto deste altar secular, vê-se d'um lado a cadeira pontificia, de simples madeira, do illustre bispo de Nola, S. Paulino; do outro, uma grande bacia de marmore destinada a receber o sangue dos martyres que se degollaram nestes logares. A' esquerda da mesma basilica está uma vasta

(1) S. Paulino, *Epist.*

gruta de obra reticulada, *opus reticulatum*, que forma uma sala quadrada, um angulo da qual é occupado por uma larga caldeira, grosseiramente construida de *maltoni*. N'ella é que foi deitado, para ser queimado vivo, S. Januario, bispo de Benevento; porem, como o discipulo querido, o veneravel pontifice sahio são e salvo do meio das chammas: estava reservado para outros combates. De cada lado abrem duas pequenas camaras ou antes dois carcerees solidamente abobadados, onde foram encerrados S. Januario e os companheiros do seu martyrio, Festo, Desiderio, Proculo, Eutyches e Acacio. Defronte da caldeira, n'uma especie d'arca, vêem-se as columnas onde os martyres eram flagellados: as nodos de sangue são ainda muito reconheciveis. Seguindo o piedoso costume dos peregrinos, beijamol-as com respeitoso amor, recommendando-nos ás poderosas oraçoens das corajosas testemunhas da nossa fé.

Restava por visitar a parte das catacumbas que está à direita da egreja. Atravessamos, para alli nos dirigirmos, o actual cemiterio. No meio dos tumulos modernos, conserva a piedade em pé o patibulo dos martyres: compõe-se de duas columnas antigas, nas quaes se enforcavam, por uma corda atravessada d'uma á outra, os christãos que o cutello não devia immolar.

Povo estranho que era aquelle povo pagão cujo capricho, muito mais que a vontade dos juizes, ordenava aquellas differentes especies de mortes! queria sangue; mas, para bebel-o com delicia, exigia variedade nas torturas: pôde satisfazer-se, porque a nova crypta aonde nós des-cemos foi um verdadeiro açougue. Uma compri-

da inscripção recorda os nomes e os combates dos heroes christãos que triumpharam n'aquelles subterraneos escuros, como seus irmãos de Roma, á clara luz do amphitheatro. Não longe d'alli se acha a profunda cova que recorda um dos factos mais gloriosos da nossa historia primitiva.

S. Felix, sacerdote de Nola, havia-se encarregado do governo daquella egreja durante a ausencia do bispo S. Maximo, escondido nos montes, por causa da perseguição. Felix foi preso, flagellado, lançado, de pés e mãos atados, n'um tenebroso carcere, armado de bocados de vidro e panellas quebradas. Libertado por um anjo, dirige-se junto do seu bispo, a quem salva a vida, e volta ao theatro do combate: os soldados do governador o encontram, e a menos de um milagre não póde escapar. No caminho encontra uma caverna onde se lança. Chegam os perseguidores; mas uma tãa d'aranha, milagrosamente estendida na entrada da gruta, lhes faz perder a pista; passam, e o santo, alimentado n'este subterraneo por uma corajosa christã, sahe d'elle ao cabo de seis mezes para tornar a começar em paz o seu glorioso ministerio. Vimos a abertura da gruta e a propria gruta. Eu conhecia o facto antes de visitar o logar que foi seu immortal theatro; por isso nunca senti melhor a differença que ha entre ler ou ouvir a narração d'um milagre, e ver com os proprios olhos, e tocar com as proprias mãos o logar mesmo onde elle se realisou. Com a alma vivamente agitada, sahimos d'aquelles subterraneos, molhados primeiro com o sangue dos martyres, e depois banhados, durante muitos seculos, das lagrimas de

innumeraveis peregrinos idos do Oriente e Occidente (1).

A egreja que se ergue hoje sobre o solo é rica de marmores e inscripçoens antigas. No meio brilha o altar do SS. Sacramento, cheio d'ossos de martyres; n'um armario, ou antes n'um vaso dyptico collocado por cima do altar d'uma capella lateral, conserva-se o primeiro Crucifixo, feito por ordem de Constantino; a tradição o faz remontar ao anno de 316. E' de prata, e pela posição do tronco e pelo caracter grandioso da figura recorda o typo bysantino, de que Roma conserva alguns bellos monumentos (2).

Alem de *Cemetino*, a estrada serpentêa entre montanhas ferteis, cuja cima estava então coberta de neve. E' no centro destas montanhas, não longe de *Grotta Minarda*, antiga *Crypta Minarda*, que se acha o valle d'*Arpajo* (3). Entranhamo'-nos n'elle a fim de visitarmos as *Forcas Caudinas*, theatro famoso da maior humilhação romana. Dois desfiladeiros, formados por uma cadêa de montanhas circulares; depois, no fundo do valle alternativamente largo e apertado, um regato correndo com pouco murmuro: tal é o aspecto dos logares. Ora, transportando-nos ao anno de Roma 433, parecia-nos ver os Romanos, enganados pelos soldados de Poncio disfarçados em pastores, e entranhando-se temerariamente naquelle perigoso passo, para chegarem mais depressa em soccorro

(1) S. Paulino., *Natalit.* 6, etc.

(2) Boldetti, *Osservaz.*, etc., lib. II, c. 19, p. 607 e seg.

(3) Vêde a sabia dissertação do P. Danielo, 1779.

de Luceria sitiada pelos Samnitas. Transpuzeram o primeiro defiladeiro; mas chegando ao segundo, acham-lhe a sahida fechada por uma muralha de troncos d'arvores e de cantos de rochedos. Levantam os olhos, e todas as alturas estão cobertas d'inimigos; querem retroceder, mas uma barreira, semelhante á primeira, acaba de fechar a sahida do desfiladeiro. D'um lado, vemos os altivos Romanos, desconcertados, indo, vindo, interrogando-se, e não sabendo o que haviam de resolver; do outro, ouvimos os Samnitas que os enchem de zombarias, e que fazem resoar estes logares selvagens com seus cantos de triumpho. Finalmente é chegado o momento fatal: duas lanças, espetadas no chão, sustentam terceira, e formam o jugo da vergonha; e eis os consules, despojados das armas e das insignias da sua dignidade, que são os primeiros que caminham e que passam por baixo do jugo; depois as legioens, não levando outro vestido que uma simples tunica, soffrem por seu turno a ignominiosa cerimonia. Os Samnitas, descendo das alturas, formam duas fileiras por entre as quaes passam os vencidos debaixo do fogo de motejos crueis. Nem tudo é côr de rosa na procura do poder e das honras: aviso aos ambiciosos.

Saudando á direita *Avellino*, terra classica da excellente avelan que lhe deve o seu nome, e patria de Santo André, gloria dos Theatinos, deixamos á esquerda Benevento, cidade de 13,000 almas, não menos celebre pela sua porta *Aurea*, toda feita de marmore de Paros, e pelas suas pontes de pedra lançadas sobre o *Calore*, que pelas suas numerosas recordaçoens. A milha e meia de distancia d'*Avellino*, avista-se o *Monte*

Virgine, sobre o qual se ergue um dos sanctuarios mais frequentados da Italia. Finalmente descobrimos, situada entre duas serras, a pequena aldêa de *Mugnano*. A egreja, afastada da estrada alguns centenaes de passos, se desenha graciosamente na extremidade d'uma alameda plantada de arvores novas: uma escada suave conduz até á frontaria do edificio. A' esquerda da nave está a capella da illustre martyr. As riquezas que o aformoseam, as numerosas promessas que cobrem as paredes, testificam eloquentemente o poder da Santa e a piedade dos fieis. Em torno da pedra tumular, trazida das catacumbas com o corpo da moça heroína, vêem-se promessas enviadas da China, com inscripções honorificas que attestam a gratidão dos reis e das rainhas de Napoles e dos outros paizes. N'esta pedra, a inscripção da Santa, gravada em forma de bandeirola, apresenta-se assim :

LVMENA IN PACE FI,

e deve lêr-se :

FILVMENA IN PACE.

O guarda do tumulo é um venerando sacerdote, que nos recebeu como irmãos; seguindo-o entramos na capella da Santa. Apenas estavamos prostrados aos pés do altar quando se fez ouvir o orgão, acompanhado do timido harmonioso das campainhas atadas aos cordoens do veu que cobre o relicario. Este signal annunciava aos numerosos peregrinos ajoelhados na egreja, que se iam expor as reliquias. Com effeito, tirado o veu, appa-

receu a gloriosa Martyr a todos os olhos, re-
poisando n'um leito de velludo, adornado de pe-
dras preciosas. Em sua cabeça, cercada de au-
reola, brilha uma corôa de perolas; os seus bra-
ços estão ornados de braceletes d'ouro, e na mão
tem a palma do martyrio: a esta vista toda a
gente se prostrou e o *Credo* e a doxologia do
Deus dos martyres foram tres vezes repetidos em
côro. O venerando gardeão, revestido do ro-
quete e da estola, abriu então o tabernaculo de
onde tirou o vaso do sangue; deu-o a beijar a
cada fiel pronunciado esta simples formula que
encerra todos os votos: *Per intercessionem beatæ
Filumenæ virginis et martyris liberet te Deus ab
omni malo. Amen.* « Pela intercessão de Santa
Philomena virgem e martyr, o Senhor te livre de
todo o mal. Assim seja. »

Terminadas as nossas oraçoens, pedimos de
merendar. Indicaram-nos a estalagem, cuja ta-
boleta dou em proveito daquelles que forem depois
de nós: *Locanda e Trattoria de' devoti di S. Fi-
lomena, di Domenico Stincone.* Ora, devo pre-
venir os nossos successores de que o sr. Domin-
gos Stincone faz ás vezes passar fome aos seus
hospedes. Um ovo fresco e algumas folhas do
inevitavel broccoli, eis tudo que nos foi possível
obter. Aproveitamol-os bem, pensando em que
um pouco de penitencia não prejudica a oração.

Estava decidido que fariamos uma excursão á
Capitanata. Porque nos afastavamos assim do
objecto primitivo da nossa viagem? Que nos
chamava a um paiz raras vezes percorrido pelos
estrangeiros? Os nossos novos bachareis ainda
não tinham esquecido que alli é o campo de bata-
lha de Cannas; e nós queriamos visital-o. Sete

horas davam quando chegamos a Cerignola, grande villa conhecida pelo seu commercio d'amendoas, onde passamos a noite. Um dos nossos jovens amigos, havia pouco chefe dos Carthaginezes no seu collegio, a achou muito comprida, tanto desejava ver com seus proprios olhos o novo theatro da dominação romana.

27 de Fevereiro.

Campo de batalha de Cannas. — Marcha d'Annibal. — Nota. — S. Paulino. — Augusto. — Os sinos. — Volta a Napoles.

Pela manha cêdo toda a gente estava a pé, e pouco tempo depois a carruagem parava no famoso campo de batalha.

Està situado duas leguas pouco mais ou menos para cá de Barletta, antiga *Barulum*, cuja forte cidadella domina as praias do Adriatico. Duas collinas correndo parallelamente uma á outra, deixando entre si um largo valle, formam o circo immenso onde Roma e Carthago disputaram o imperio do mundo. Chegados para sermos testemunhas daquella grande lucta, assentamo'-nos n'uma das collinas; junto de nós corria uma abundante fonte onde viamos alternativamente saciar-se os cavallos d'Emilio e os elefantes de Annibal. As trombetas soaram; abalam-se os exercitos; um longo tinido de lanças, batendo umas nas outras, gela a alma de terror e abala os echos d'entorno. A desordem se introduz bem depressa nas fileiras do exercito romano, e o encarniçamento reduplica de uma e outra parte: pela

quarta vez é Annibal vencedor. Oitenta mil Romanos são derrotados, e pela maior parte deixam os cadaveres n'aquelle valle que, ha mais de vinte seculos, conserva ainda o nome de Campo de Sangue, *Campo di Sangue*.

No theatro deste novo triumpho admira-se vivamente o genio d'Annibal; mas não se sabe como explicar a sua marcha militar pela Italia. Havia derrotado os Romanos nas margens do Trebia e do lago Trasimeno. Depois desta ultima victoria, a estrada de Roma lhe estava aberta; estava só a vinte e oito leguas de distancia desta capital. Por que razão, em vez de para alli se encaminhar rapidamente, se afastou della sessenta leguas e se dirigiu ás costas do Adriatico? Seria que uma mão invisivel, a mão daquelle que reservava a Roma o imperio do mundo, desviava mysteriosamente o vencedor? Annibal aproximava-se do mar, a fim de receber mais facilmente de Carthago os soccorros tornados necessarios depois de tantos combates e fadigas? Queria destruir os Romanos a pouco e pouco, e não deixar nenhum exercito na rectaguarda, para não ser apanhado entre dois fogos, quando pozesse assedio a Roma? A questão ficou para nós indecisa apesar d'uma *sapientissima* discussão que teve o defeito de durar até Nola, e de fazer-nos esquecer de saudarmos de longe Venosa, patria de Horacio:

Nam Vesinus arat finem ab utrumque colonus.

Nola é uma das mais antigas cidades da Campania; deve a sua origem aos Etruscos, e conta hoje nove mil almas. Grandes recordações se

ligam a esta humilde cidade, demasiado desprezada pelos viajantes. Os tumulos que cobriam as planicies circumvisinhas, forneceram a maior parte dos vasos etruscos que se admiram no Museo de Napoles. Defendida por Marcello, teve Nola duas vezes a gloria de resistir ao vencedor de Cannas; porem heroes d'outro genero a fizeram cahir sob o imperio da Cruz. S. Pedro foi o primeiro que alli plantou o estandarte consolador que a sua mão victoriosa ia arvorar no topo do Capitolio (1). Depois delle legioens intrepidas defenderam a bandeira christã atacada em Nola, como no resto do mundo. No terceiro e quarto seculo, Maximo, Felix, Acacio, Aurelio, e mil outros sustentaram alli os terriveis combates que seguraram o triumpho do Christianismo. A este

(1) Remundini, *Historia eccles. Nolan.*; Struvius, p. 1406, etc. — Como se tracta muitas vezes n'esta obra da origem apostolica das egrejas d'Italia, julgo dever citar aqui o testimonho de S. Leão: « Manifestum est, inquit, in omnem Italiam nullum instituisse Ecclesias, nisi eos, quos venerabilis apostolus Petrus aut ejus successores constituerint sacerdotes. » *Epist. XXV. ad Decentium Eugubrum*, n. II. — O sabio Mamachi ajunta que estas egrejas remontam evidentemente aos tempos apostolicos: « Distulisse autem eos ad tertium quartumve sæculum, ut, in Italia, religioni latissime propagandæ operam darent, cum in remotissimis regionibus adeo propagatæ secundo sæculo esset, ut ne vicus quidem esset, in quo Christus minime coleretur, nunquam credam. » — *Orig. et Antiqu. Christ.* t. II, lib. 2, p. 245, nota.

campo, tam bem regado, vêmos chegar, no IV.º seculo, o illustre cultivador, cujo nome recorda todas as glorias.

O filho dos senadores, o consul; o prefeito de Roma, o rico, cujas propriedades se chamavam reinos, *regna Paulini*; o amigo de Santo Ambrosio, de Santo Agostinho, egual àquelles grandes homens pelo genio, pela eloquencia e virtude, S. Paulino, bispo de Nola, era nosso compatriota. Que nobre recordação para viajantes francezes!

Estavamos nos logares que ainda enche de delicioso perfume a sua memoria imperecedoura. Sabendo que eramos francezes, os conegos reunidos na sacristia se apressaram a fallar-nos d'aquelle grande homem e a fazer o elogio d'uma terra fecunda em semelhantes fructos: « Os nossos Padres, diziam elles, o viram chegar ao tumulo de S. Felix, com suas duas companheiras queridas, a humildade e a pobreza. Toda a sua ambição se cifrava em ser porteiro da egreja do Santo; varria-a pela manha, fechava-a á tarde, e guardava-a durante a noite. Todos os annos compunha um poema que offerencia, á guiza de presente, ao santo Martyr, no dia da sua festa (1).

(1) Temos quinze desses poemas dignos dos mais bellos seculos da antiguidade litteraria; são thesoiros para o apologista e até para o artista christão. S. Paulino poz em dois versos todo o dogma da presença real:

In cruce fixo caro est, qua pascor; de cruce sanguis
Ille fluit vitam quo bibo, corda lavo.

Em outra parte falla da pintura moral das egrejas, á qual faz um magifico elogio chamando-lhe o grande livro dos ignorantes, etc.

Quantas lagrimas elle derramou , quando , depois de quinze annos passados no exercicio da mais humilde funcção ecclesiastica , foi necessario subir , vindo a ser bispo , á primeira classe da gerarchia ; mas a humildade e a pobreza lá subiram com elle.

Na vespera da sua morte , como estivesse estendido sobre o seu pobre leito , o sacerdote Postumio foi dizer-lhe : « Padre , devem-se quarenta peças de prata pelos vestidos dos pobres. » — « Tranquillisai-vos , lhe respondeu o Santo sorrindo , o meu banqueiro pagará. » Apenas tinha terminado , quando chegou um sacerdote de Lucania , trazendo cinquenta peças de prata da parte d'um bispo e d'um piedoso christão. « Postumio , diz o Santo velho , agradecei comigo a Nosso Senhor ; dai duas dessas peças de prata ao mensageiro , e com as outras pagai o que se deve aos mercadores que vestiram os pobres. » Sendo chegada a noite , dormiu um pouco ; depois acordou os padres para dizerem matinas , segundo o seu costume , e ficou em silencio até à hora de Vesperas. As lampadas estavam accesas , elle estendeu docemente as mãos dizendo em voz baixa : « Eu preparei uma lampada para o meu Christo. » *Paravi lucernam Christo meo* ; e adormeceu no somno dos bemaventurados : era no anno do Senhor 431. « Se fosse permittido aos filhos querer mal à melhor das mães , ajuntou o deão do capitulo , nós quereríamos mal a Roma que fez transportar , para junto dos Apostolos , o corpo do nosso Padre. Quando voltardes a essa cidade peço-vos que lhe façaes uma visita em nosso nome ; achal-o-heis na egreja de S. Bartholomeu na Ilha. »

Alguns daquelles veneraveis collegas tiveram a bondade de conduzir-nos á crypta onde descansam as reliquias de S. Felix. Como o do propheta, o corpo do glorioso martyr, reverenciado pelo mundo inteiro, continua a operar prodigios: de seus ossos desseccados corre um oleo milagroso que cura os doentes.

Ao sahirmos da egreja, visitamos algumas ruinas pagans, talvez as do palacio onde morreu Augusto; mas não se póde affirmar-o, tam informes ellas são. Por que secreto conselho quiz a Providencia que os mesmos logares vissem expirar o heroe do paganismo, o soberbo senhor do mundo, e o heroe do Evangelho, opulento descendente dos mais illustres Romanos, tornado voluntariamente humilde e pobre por amor de Deus e de seus irmãos? Porque nos conservou ella os pormenores exactos destes dois trespassos? Não seria a fim de que a posteridade se instruisse, contemplando no mesmo theatro, às mãos com a morte, aquelles dois homens, que se podem chamar a personificação da sua fé religiosa e do mundo que representam? Tivamos assistido aos ultimos instantes de Paulino, e a doce serenidade do seu rosto, e a alegria da sua alma, e a unção das suas palavras, e a ternura dos seus adeuses, e a deliciosa confiança entre cujos braços elle adormeceu, nos faziam dizer: Oxalá nós assim morramos!

Percorrendo as ruinas pagans, contemplavamos Augusto moribundo: que desejos póde inspirar o seu fim? Molestado por Livia, que elle tinha roubado a Druso Nero, seu marido, o velho imperador desherda seu neto Agrippa Posthumo, e lega o throno do universo a Tiberio, filho de

Livia. A inquietação o domina ; procura diversão nos prazeres e nas viagens. Livia lhe persuade que acompanhe até Benevento Tiberio que parte para a Illyria : o senhor do mundo , feito escravo de uma mulher , obedece. Tiberio embarcou, e Augusto quer voltar a Roma ; porem violentas dores de estomago e intestinos não lhe permitem passar de Nola. A historia diz que a fim de segurar o imperio a Tiberio , Livia apressara o fim do velho imperador , envenenando figos n'uma arvore aonde elle costumava il-os comer [1]. Como quer que seja , esta mulher , tam ambiciosa como devassa , expede promptamente um correio a Tiberio , para ordenar-lhe que volte ; depois dispõe em torno do palacio guardas que lhe fecham todas as sahidas : nenhuma noticia chega ao doente sem permissão de Livia , e nada do que se passa no palacio imperial transpira para fóra.

Entretanto na manhan de 19 d'agosto, do anno de Roma 766 , o chefe do mundo pagão , sentindo-se morrer , pede um espelho , e manda que lhe pentêam o cabello e que lhe enfeitem as faces desfallecidas. Depois , mandando chamar alguns amigos para junto do seu leito : « *Não representei eu bem , lhes disse , a farça da vida ? ora então bem ! applaudi* [2]. » Depois de tal adeus , faz sahir a todos , e expira. Eram tres horas da tarde , quando Augusto dava o ultimo espectaculo na mesma camara onde tinha morrido seu pai Octavio : era no anno 14 de Jesus Christo. Graças

[1] Diod. LVI , p. 675.

[2] Amicos admissos percucctatus : Ecquid iis videretur mimumvitæ commode transegisse , adjecit et clausulam , etc. — Suet. Aug. 99.

a Livia, que mandava tranquillisar sempre o povo ácerca da saude do principe, souberam tomar tam bem as medidas exigidas pelas circumstancias, que o mesmo instante trouxe a nova da morte d'Augusto e da exaltação de Tiberio [1].

A vida humana não é mais que uma farsça e o homem um comediante; eis ahi o dogma supremo que Augusto lega ao universo! Nestas palavras que abjecto materialismo! Como se a gente afasta com horror do moribundo que as pronuncia! Como se hemdiz o Deus redemptor que veio rehabilitar o homem tam profundamente decahido, e ensinar-lhe que a vida do tempo é o tirocinio decisivo da vida da eternidade!

Haviamos deixado Nola, sem pensarmos nos sinos, porem este esquecimento foi bem depressa reparado. Apenas estavamos no campo quando tocava ás *Ave Marias* na cathedral. « Estrangeiros, que levaes destes logares tantas recordações, pareciam dizer-nos aquelles sinos, não esqueçaes que nós somos d'origem campania: Nola nos viu nascer, Roma nos conservou, e o mundo christão, que nos adoptou, nos ama e abençoa. Viajantes que passaes, abençoi-nos tambem vós. A nossa voz deve ser-vos chara; desde o berço até o tumulo, ella se associa ás alegrias do homem para animar-as, ás suas dores para abrandal-as; porque canta sempre a immortal esperanza, fundada nos consoladores mysterios que só ella repete neste momento. » Todos juntos saudamos com os sinos, o Archanjo mensageiro da Incarnação, e Maria, e o Verbo feito carne.

Ainda nos occupavam a historia e a poesia

[1] Tacit. *Annal.* I, 5.

dos sinos, quando se fez ouvir uma voz rouca à portinhola da carruagem: *I passaporti*: Os passaportes? Nós não os tinhamos; e o aguazil que vigiava na barreira de Napoles quiz a principio prender nossas Excellencias e conduzi-las ao corpo da guarda; depois abrandando, exigia alguns carlinos para nos deixar passar. Nós resistimos, e elle acabou por se retirar chamando-nos *Francesacci*: tal foi a unica desgraça desta longa e bella jornada.



28 de Fevereiro.

Preambulo. — Anecdota ácerca de Santo Affonso de Liguori. — Nocera. — Frei Philippe. — Quarto de Santo Affonso de Liguori. — Pormenores sobre a sua morte. — Seu retrato. — A Cava. — A Bibliotheca. — Volta a Napoles. — Prégadores nas ruas.

Todos sabem que no seculo passado uma formidavel liga de escriptores licenciosos e impios ameaçava a religião, a sociedade, as crenças, e os costumes: a espantosa catastrophe que abalou o mundo, foi o resultado desta infernal conspiração. A essa devastadora torrente, teve Deus cuidado de oppor poderosas barreiras. Homens de genio, e santos foram suscitados para conter as ondas do erro; e, protegendo o deposito das santas doutrinas, conservar às raças futuras o unico meio de voltarem à ordem. Paris coroou o corypheu da licença e da impiedade: a Europa applaudiu, e, nos nossos dias ainda, Ferney, habitação manchada do cynico velho, é objecto d'uma peregrinação forçada para grande numero

de viajantes. Com os olhos abertos, as orelhas fitas, a bôcca escancarada, o coração agitado, entram no quarto do philosopho anti-christão. E' com trabalho que ousam tocar com a ponta do dedo nas cortinas rotas do seu leito, ou na velha canna que lhes dà um jardineiro centenário por ter pertencido ao dono da casa. Notam todos estes particulares, têm orgulho de os haverem recebido, e gloriam-se de os contar: a sua viagem de Ferney é uma epocha memorável da sua vida.

Apesar disso, ou antes, por causa disso, certos homens ficarão talvez muito admirados de vêrem o viajante christão procurar com desvelo os logares habitados pelos nossos santos e grandes homens; visita-os com felicidade e fallar com enlevo das commoçoas que lhe fazem experimentar; o mundo é assim. « Se, como tantos outros, dizia eu aos meus jovens amigos, nós corressemos a Italia para vermos quadros, estatuas, ruínas pagans, e logares celebres, theatro das acçoens muitas vezes pouco honrosas dos heroes da antiguidade, achar-se-hia isso muito simples. Passariamos por curiosos, talvez por conhecedores, e não deixariam de exclamar: Que encantadora viagem elles fizeram! Mas porque nós pomos cada coisa no seu logar; porque ás recordações pagans que estamos longe de desprezar, preferimos as recordações christans; porque as catacumbas de Cemetino, por exemplo, esse campo de batalha onde nossos pais venceram gloriosamente o paganismo, nos inspiram mais interesse que as Forcas Caudinas e o valle de Cannas, vereis que terão difficuldade em perdoar-nos. Não importa, continuaremos como principiámos. Salve ás ruínas pa-

gans, mas predilecção pelos monumentos e sanctuarios christãos: admiração pelas obras-primas do genio; mas, primeiro que tudo, respeito, amor, admiração pelos nossos santos e martyres, ao sangue, aos suores, aos trabalhos dos quaes não são os nossos criticos menos devedores que nós das luzes, das instituicoens, e da superioridade social de que o mundo actual tem tanto orgulho. »

Fazia eu este preambulosinho, correndo, pelas tres horas da madrugada, pela estrada de Portici. Era inspirado pelas circumstancias: iammos a Nocera. Nocera é o logar eternamente charo ao christão, onde viveu, escreveu, soffreu e morreu o S. Francisco de Sales da Italia, o grande esteio da fé e dos costumes contra os erros do seculo passado: nomeei Santo Affonso Maria de Liguori. Uma das nossas alegrias era visitar o seu quarto e offerecer os augustos mysterios sobre o seu glorioso tumulo. Alem dos documentos contidos na sua vida, varias vezes impressos, tinhamos a respeito do santo bispo numerosos pormenores conservados na memoria dos velhos. De idade de dezeseis annos, foi Affonso recebido por unanimidade doutor da universidade de Napoles; este brilhante triumpho não o deslumbrou nem um instante. Desejoso de conservar a pureza virginal do seu coração, cujo mais perigoso inimigo é o orgulho, o santo mancebo se retirava muitas vezes à solidão para n'ella fortificar a sua virtude. O seu asylo privilegiado era a casa dos Lazaristas, conhecidos em Napoles pelo nome de *Missionarj della Virgine*.

Ora, eu havia frequentado muito em Paris um destes veneraveis filhos de S. Vicente de Pau-

lo, que residia então em Napoles. Alguns dias antes da viagem de Nocera, tinha eu ido fazer-lhe uma visita. Com uma cordialidade que nunca esquecerei, o bom padre F... me fez as honras da casa. Depois de ter-me mostrado a igreja, a capella interior, os jardins, os claustros, etc. : « Agora, me disse, é necessario que vos faça ver uma cella que é para nós um precioso santuario; » e abriu-me o modesto quarto onde o joven Liguori ia fazer o seu retiro annual. « Talvez, ajuntou o amavel velho, não desgostasseis de tomar conhecimento com o prégador que *converteu* Santo Affonso? Está em minha casa, vinde. »

Entramos no quarto do missionario, que me fez assentar ao pé de si, defronte d'um quadro coberto com um espesso veu. « Este quadro, me disse elle, pertence á Missão ha cerca de cem annos; foi-nos enviado por um dos nossos Padres de Florença. A verdade do facto que elle recorda é attestada por provas sempre visiveis, pelo testimonho dos nossos Padres de Florença e pelo depoimento jurado do heroe desta horrivel historia: conservamos nos nossos archivos o processo verbal authentico de tudo isto. Um velho de Florença conservava havia muito tempo relações criminosas com uma mulher. Depois d'uma tenaz resistencia á graça, converteu-se; mas a mulher permanece impenitente: morre. Ora, uma noite que aquelle homem estava em oração no seu quarto, aos pés d'uma grande imagem de Nosso Senhor crucificado, ouve em volta de si como o ruido d'um furacão, e do meio do ruido uma voz lugubre, a voz da mulher, que brada: *Estou condemnada!* Por permissão de Deus, venho

dar-vos uma mostra da actividade do fogo que me queima. No mesmo instante, duas mãos de fogo são impressas, com os cinco dedos, no quadro, que traspassam de parte a parte. » Pronunciando estas palavras, o Padre levanta o veu, e eu vejo, com effeito, na velha gravura, a marca de duas mãos ardentes, que arrancaram, como um saca-bocado, o papel tocado, em tanto que as partes visinhas estão perfeitamente intactas: circumstancia que, mesmo aos olhos da sciencia, torna o facto humanamente inexplicavel. Os pulsos assentaram sobre o caixilho, que carbonisaram com a mesma precisão: tudo isto é horrivel ver-se.

« N'um retiro, continuou o padre F...., mostrou-se publicamente este quadro. Fareis idéa da impressão que elle produziu n'um coração como o d'Affonso. Posto que já todo de Deus, o santo mancebo não cessava de repetir: E' ao meu retiro nos *Missionarios della Virgine*, que eu devo a minha conversão. »

Entretanto tinhamos passado Pompeia assim como sua irman, a desgraçada Stabia; em breve a estrada desce a um largo valle em cujo fundo apparecia a pequena cidade de Nocera. Como as cidades visinhas, Nocera, fundada pelos Gregos, fez-se colonia romana, e foi saqueada por Anniba?. Mais tarde cahiu em poder dos Serracenos que a occuparam por espaço de muitos seculos: d'onde lhe veio o nome de *Nocera dos Pagãos*, como a Santa Agatha, sua visinha, o de *Santa Agatha dos Godos*. Se o viajante profano não vê n'ella coisa alguma que lhe excite a curiosidade, outro tanto não succede ao peregrino catholico. Tudo alli falla de Santo Affonso; e tudo o que toca a este grande homem inspira vivo interesse. Nos

humildes religiosos do *Santissimo Redemptor* encontramos nós irmãos cheios d'attenção e cordialidade, que nos concederam, da melhor vontade possível, o favor de celebrar missa sobre o tumulo de seu pai. O illustre bispo descança na egreja que mandou edificar; o seu corpo está collocado debaixo do altar da capella que forma a parte esquerda do transepto. Quando n'ella entramos, essa capella estava rodeada d'uma multidão de peregrinos que derramavam as suas lagrimas e as suas oraçoens diante do *bom santo*, cuja inalteravel doçura, pobreza evangelica e charidade inteiramente paternal, tanto tempo tinham admirado seus pais.

Da egreja, passamos ao refeitório. A primeira coisa que nos fez observar o Padre superior, foi o logar de Santo Affonso. Parecia-nos ver ainda o venerando ancião, assentado n'um pequeno banco de pau encostado á parede, e depositando, n'um prato collocado diante de si, as premicias da sua comida, que offerencia a Nosso Senhor na pessoa d'um pobre.

Uma sopa de broccolos, acompanhada d'um bocado de carne de vacca e de carne salgada, tal foi, com duas laranjas por sobremeza, a lista do frugal almoço que nos esperava. A roupa da meza e a baixella não estavam menos em harmonia com o espirito de mortificação e pobreza que distingue os dignos religiosos. Frei Philippe ajuntou com a sua conversão um novo tempero ás iguarias que a sua mão nos havia preparado. Frei Philippe! é a admiração do paiz e a alegria da casa. Sabendo que eramos Francezes, obteve licença de fallar-nos, e contou-nos a sua historia. Velho soldado do Imperio, ferido em vinte batalhas,

ficou inconsolavel com a queda do Imperador. Desgostado do mundo, buscou o repouso no serviço do unico amo a quem ninguem pôde des-thronar, e fez-se religioso na congregação do Santo Redemptor. A vida dos campos não lhe permittiu aprender nem latim, nem theologia: não é pois nem prégador, nem confessor, nem escriptor: é cozinheiro. Cheio d'alegria, conserva no seu humilde emprego algum tanto daquelles modos militares e daquella brusca franqueza que ficam, o melhor que é possível, com o habito preto e o avental branco.

Ao almoço succedeu a visita da casa. Examinamos com respeito aquelle claustro, aquelles corredores, aquelles patios interiores que o Santo havia percorrido tantas vezes, e chegamos ao *piano nobile*: alli se acha o quarto do glorioso fundador. Uma portinha de madeira lisa, que abre para o corredor, dá passagem para uma cella de coisa de dez pés de comprimento por 8 de largura. A gente não pôde defender-se d'um sobresalto religioso, ao ver aquellas paredes frias e nuas, aquelle soalho de tijolos grosseiros, aquelle tecto de barrotes salientes, coberto d'uma camada de gesso apenas sufficiente para fechar a passagem ao pó; aquella pequena janella, mal fechada, diante da qual o grande doutor compoz a maior parte das suas pias e sabias obras; aquelle altar elevado desde a epocha da canonisação e que recorda pela sua pobreza o despego de que fez sempre profissão o santo.

Um tabique, guarnecido d'uma porta envidraçada, separa o gabinete de trabalho do quarto de dormir. Entrando n'esta segunda peça, fiz o seu inventario. Um pequeno leito composto d'um

simples cobertor e d'um colchão delgado como uma taboa, descansando sobre um fundo de madeira sustentado por quatro pés de ferro de trinta centímetros d'altura; tres velhas cadeiras de palha; duas poltronas seculares guarnecidas de pelle, uma dellas de rodas que servia para levar o santo velho pelos corredores da casa; uma pequena meza, uma lampada de cobre, uma vela que ardia junto do seu leito de morte: tal é a mobilia do moderno doutor da Egreja, do filho dos grandes da terra, do illustre bispo de Santa Agatha. Coisa bem significativa! só a religião catholica inspira semelhante desprezo das coisas creadas e do bem-estar material.

N'este venerando quarto, disposto como no mesmo dia em que o santo expirou, os Padres que nos acompanharam nos fallaram dos ultimos momentos d'Affonso: « O nosso bemaventurado Padre, diziam elles, desejava sempre morrer ao meio de seus filhos. A sua confiança em Maria era tam grande, que elle não duvidava que ella lhe obtivesse esta consolação. « Meu Deus! es-
« crevia elle mesmo no meio da sua carreira, eu
« vos agradeço d'antemão a graça que me haveis
« de fazer de morrer cercado dos meus charis-
« simos filhos, que não terão então outra solli-
« citude que a minha salvação eterna, e todos
« me ajudarão a bem morrer. » A sua esperança não foi van: à primeira noticia da sua doença, os nossos Padres e os nossos Frades chegavam sem cessar de todas as nossas casas; e, qual outro Jacob, Affonso entrou na sua ultima agonia rodeado da sua numerosa familia que abençoou com effusão: e este quarto onde estamos, e os

corredores que percorremos, foram inundados de lagrimas.

« O Padre reitor e o padre Buonapane estavam à cabeceira do seu leito; aos pés estava ajoelhado o padre Fiore.

« Um delles lhe apresentou uma imagem da Virgem, dizendo-lhe que a invocasse para a boa morte. Ao nome de Maria, o santo abriu os olhos, pegou na imagem, contemplou-a por muito tempo, e entrou n'um doce extase que o conduziu á eterna bemaventurança. Não se lhe notou nem revolução no corpo, nem contracção nos membros, nem angustia de peito, nem suspiro doloroso: e contudo estava morto. Foi no 1.º no d'agosto de 1787, pelas onze horas da manhã, de idade de 90 annos, 10 mezes e 5 dias, que o nosso Padre, rodeado de seus filhos, adormeceu nos braços do Senhor e da Santissima Virgem, no momento em que tocava ás *Ave-Marias*. »

Dando-nos como premio da nossa visita o verdadeiro retrato do Santo, os Padres accrescentaram ácerca da sua pessoa alguns particulares, impressos depois nas *Memorias* do Padre Tannoja (1). « O nosso Padre era de estatura mediana; tinha a cabeça grande, cor vermelha, testa larga, olhos agradaveis e azues celestes, nariz aquilino, bôcca pequena e sempre o sorriso nos labios. A barba era espessa e o cabello preto; trazia-o curto, e muitas vezes o cortava a si proprio. Era myope e servia-se d'oculos, que tirava sempre quando estava no pulpito ou fallava a mulheres. A voz era clara e sonora: por mais

(1) 3 Vol. in—8.º Paris, 1842.

espaçosa que fosse a igreja e por mais longa que fosse a missão, nunca ella lhe faltou, e a conservou assim até á morte. Tinha um porte respeitavel, maneiras graves e graciosas ao mesmo tempo, de forma que tudo n'elle concorria para fazel-o amavel. »

Chegára a occasião de dizer adeus áquella santa casa. Depois de nos termos de novo prostrado ante o altar do glorioso doutor, recebemos o abraço dos bons Padres, e partimos para la Cava. Esta villa, edificada no pitoresco valle de *Monte Metelliano*, é celebre pelo seu convento de Benedictinos, um dos mais interessantes da Europa. Durante as guerras intestinas que, na idade media, assolaram a Italia, o mosteiro de la Cava foi o thesoiro onde os particulares depositavam as suas cartas e os seus titulos de nobreza ou de propriedade. O universal respeito de que eram objecto os religiosos, formava uma barreira em torno da sua habitação, a qual nem o homem d'armas, nem o paladim, nem o senhor, por mais alto e poderoso que fosse, ousava transpor. A estas duas circumstancias se deve a riqueza scientifica do celebre convento. N'elle se conservam uns 60,000 pergaminhos originaes; depois um codigo de leis dos Lombardos, que Muratori não conheceu, quando publicou a sua collecção. Admira-me que alguns dos nossos alumnos da eschola das cartas não vão estabelecer-se naquelles sitios, e explorar aquella fecunda mina.

A julgar pelo acolhimento que nós recebemos, elles podem contar com a cordial recepção e bondade a toda a prova dos excellentes religiosos. Conduzidos pelo Padre archivista, nós visitamos a bibliotheca, que é certamente, segundo a ex-

pressão de M. de Bonald, o vasto sepulcro da intelligencia humana; unicamente está em poder dos vivos o resuscitar os mortos, e nós evocamos alguns. O seu saber, bom senso, a vivacidade da sua fé, a ingenuidade da sua linguagem, nos fizeram deplorar vivamente o não termos que dar-lhes senão alguns fugitivos instantes; porem o tempo instava-nos: deviamos regressar a Napoles antes da noite. Todavia o Padre archivista nos deteve: « Vêde ainda, nos disse, esta Biblia do VIII.º seculo. » Depois abrindo-a de proposito no evangelho de S. João, ajuntou: « Se em França ha socinianos, tende a bondade de dizer-lhes que lestes com os vossos proprios olhos a famosa passagem: *Tres sunt qui testimonium dant in cælo, Pater, Verbum et Spiritus sanctus, et hi tres unum sunt.* Ao menos sabereis que elles não teem razão de rejeitar o mysterio da Santissima Trindade, porque não leram esta passagem em algum antigo manuscripto. »

Graças a actividade do nosso postilhão, chegamos ao caes Napolitano ao sol posto. O golfo, de cor azul celeste, alumiado pelos ultimos claros do dia, semeado de vasos de diversas cores e sulcado por ligeiras embarcações, apresentava uma vista magnifica e animadissima: o proprio caes offerencia outro espectáculo. Numerosos passeadores enchiam os largos passeios; os cafés estavam rodeados de freguezes que bebiam, liam, e conversavam em volta de mezinhas postas na rua. No meio desta multidão agitada como as ondas do mar, vimos nós, nos vãos formados de distancia a distancia pelas casas visinhas, prédadores ao ar livre, subidos ao *Palco*, especie de estrado de simples taboas; tinham na mão

um grande crucifixo e annunciavam com fogo a palavra que salvou os pobres e os pequenos. Havia multidão ao sermão; e o que é melhor, o silencio, respeito, attenção entre os ouvintes, todos em pé e de chapéu na mão. Nem o ruido do *corricolo* que fazia faiscar a calçada, nem os gritos das crianças que brincavam nas vizinhanças, nem as conversas dos transcutes que, de mais a mais, iam e vinham como as ondas impellidas em diversos sentidos, nada distrahia o auditorio, suspenso em certo modo dos labios do prégador. Taes são ainda as cidades da Italia; sem temer o ultraje ou o desprezo, póde a religião mostrar-se nas ruas e praças publicas; póde até espalhar n'ellas a divina semente com a consoladora certeza de encontrar uma boa terra para recebê-la.

Todos os prégadores eram jesuitas. Na mesma noite tive occasião de encontrar um daquelles religiosos e lhe manifestei a admiração que me causara o singular espectáculo, do qual tantas vezes ouvira fallar, mas que acabava de ver pela primeira vez.

« Vós não temeis, lhe disse eu, expor a palavra santa á irrisão, e as nossas augustas verdades ao desprezo? Alem disso, que fructo podeis vós esperar dos discursos feitos em semelhantes logares, a semelhantes ouvintes, e em semelhantes circumstancias? — Não sois vós o primeiro a quem tem occorrido essas reflexões. Os estrangeiros censuram de boa vontade o que não é conforme aos usos do seu paiz; e aqui diz-se que os viajantes francezes não são os ultimos que se fazem notar por esse espirito de critica cujo menor defeito é a leviandade. Quanto ao desprezo que vós temeis, podestes convencer-vos de que

não existe. Eu tenho desempenhado muita vez a mesma funcção que os nossos padres, e se houvesse observado algum signal de irrisão, não receria dizer-vol-o. Entre nós, o respeito à religião ainda não é uma palavra van: será duradouro? Ignoro-o; mas até agora podemos conservar os nossos costumes hereditarios sem temermos o inconveniente que vós indicaes. Perguntais-me depois que fructo nós podemos esperar destas prégaçoens ao ar livre? O resultado não é da nossa conta; mandam-nos prègar e nós prégamos. Como os nossos pescadores do golfo, os pescadores evangelicos lançam as suas redes um tanto ao acaso; ás vezes tiram-se vastas, mas outras vezes encontram-se n'ellas bellas peças: o espirito de Deus sopra onde quer. Um homem que, sob um ou outro pretexto, não iria á egreja para ouvir um sermão, pára ao passar diante dos nossos *Palchi*; escuta, um bom pensamento lhe cahe no coração, e n'um tempo dado produzirá seu fructo: fallo-vos segundo a experiencia. Bem preciso é que esta experiencia seja fundada, pois que os nossos maiores santos de Roma e Napoles animaram e praticaram este ministerio popular. Só vos citarei Santo Affonso, cujo tumulo hoje visitastes. Seguindo as pisadas de semelhantes modelos nós caminhamos com confiança e com conhecimento de causa. Tereis a bondade de o dizerdes da nossa parte a alguns dos vossos compatriotas? »

Prometti-o ao bom Padre e nos separamos.



1.º de Março,

Ischia. — Procida. — Vesperas Sicilianas. — Gruta Azul. — Capri. — Recordações de Tiberio. — Monte Solaro. — Recordações dos Francezes. — Salerno. — Tumulo de S. Matheus, — De S. Gregorio VII. — Amalfi. — Cathedral. — Recordações historicas. — Atrani. — Portas de San Salvatore. — Sorrento. — O Tasso. — Quisisana. — Castellamare. — Virgem de Pozzano. — Barca mercante. — Piedoso costume.

Encontram-se em Napoles barcos a vapor que dão n'um dia a volta do golfo. Aportam muitas vezes e deixam aos passageiros tempo de verem os pontos notaveis da costa. Pela manhã cêdo embarcamos n'um lindo pyroscapho que, por excepção, devia percorrer os dois golfos de Napoles e Sorrento. Levantaram ancora no meio dos gritos d'alegria de uma numerosa e brilhante comitiva. A fim de evitar toda a repetição, não fallarei do espectaculo encantador que os olhos gozam constantemente durante o decurso deste delicioso passeio.

Chegados ao mar alto, saudamos, à esquerda, Ischia e Procida, ilhas meio gregas e meio romanas, que se desenhão para a ponta occidental do cabo Miseno. A primeira conta vinte mil habitantes. A excellencia das suas aguas thermaes attrahe a ella grande numero de doentes, e o amante de paisagens a visita para gozar o espectaculo dos seus pitorescos valles, da sua vigorosa vegetação e do pico do Epomeo. Do topo desta agulha vulcanica dizem que ha uma vista que não cede em nada á do Pico de Teneriffe. Finalmente Ischia, a *Inarima* de Virgilio e de Homero, e a *Pythecusa* de Plinio e Strabão, re-

cordam ao peregrino catholico a milagrosa chegada de Santa Restituta, conduzida áquellas praias pela poderosa mão do Deus dos martyres.

Por cima de Procida, paira uma sombra sanguenta, cuja vista faz estremecer o viajante francez. Do meio da ilha se erguem os pannos arruinados de altas e tristes muralhas. Hoje simples ponto de reunião de caçada, estas ruinas seculares foram outr'ora a temivel habitação do cruel João de Procida, senhor da ilha, e principal auctor da matança dos nossos compatriotas, conhecida pelo nome de *Vesperas Sicilianas*. Honrado com a confiança dos reis de Napoles, foi João de Procida privado do valimento por Carlos d'Anjou, e jurou vingar-se. Habil medico, aproveitou-se das numerosas relações que lhe proporcionava o exercicio da sua arte, para tramar uma vasta conspiração que deu na matança dos Francezes, então senhores da Sicilia. A fim de que nenhuma victima pudesse escapar, os conjurados faziam repetir a todas as pessoas a palavra *cicerone*, cuja difficil pronuncia trahia o estrangeiro que era immediatamente morto. Começada em Palermo, dia de Paschoa, à sahida das Vesperas, a matança foi tam completa, que produziu a queda da dominação franceza; era o anno de 1284.

A ilha de Procida não conta mais de doze mil habitantes; goza comtudo de certa celebridade, devida á habilidade dos seus marinheiros e á belleza dos seus faisoens.

Em quanto que nós tinhamos os olhos fitos naquelles dois oasis do mar, o pyroscapho caminhava com toda a força do seu vapor: bem depressa se annuncia a *Gruta Azul*. Um barco

chato se desprende da praia e vem buscar os viajantes, curiosos de visitarem o phenomeno subterraneo. Graças a um vento oeste que agitou as ondas até então muito tranquillias, fomos lançados sem accidente á abertura da gruta. Debaixo de uma abobada mui elevada, d'onde pendem aos milhares graciosas stalactites, está um lago d'uns trinta metros de circumferencia por quatro de profundidade. A agua, os rochedos, a areia, e as conchas, tudo parece d'um azul claro; em tanto que a transparencia da agua é tam perfeita, que a gente cré poder pegar com a mão nas conchas cujas variadas formas se desenhm graciosamente no fundo do lago: tal è o phenomeno que os olhos admiram, e que a scieacia explica ou cré explicar por meio de arrazoados cuja simples exposição me levaria muito longe.

Junto da Gruta Azul, a ilha Capri veio chamar a nossa attenção. Não sei que movimento de medo e de piedade se experimenta ao trilhar pela primeira vez a mui celebre Caprea: a sinistra imagem de Tiberio vos segue por todas as partes. No topo d'um pequeno outeiro vêem-se as ruinas bem conservadas do palacio deste principe. Os mosaicos, os ricos ornatos, as sumptuosas thermas, recontam perfeitamente a vida maculada do senhor do mundo; mais eloquente é a rocha solitaria em que estava assentado o torreão imperial. Com uma voz que os seculos não teem podido enfraquecer, accusa elle a sombria desconfiança e as baixas crueldades do filho de Livia. Para dizer tudo n'uma palavra, Caprea, ilha voluptuosa e inaccessivel, devia ser a habitação de Tiberio.

A historia teve cuidado de justificar esta in-

dução. Eu recordava-me daquella passagem em que Suetonio e Tacito contam que Tiberio, cansado do constrangimento que lhe impuza a residencia da capital, deixou Roma para nunca mais voltar. Mandou prohibir, por um decreto affixado publicamente, a quem quer que fosse o ir perturbar o seu repouso. Rodeado de soldados que impediram aproximar-se a elle, passeou por muito tempo pelos logares remotos da Campania; mas em parte nenhuma encontrou uma solidão bastante profunda. Molestado pela vista dos homens e das cidades, abandonou a terra firme e passou á ilha de Caprea: nenhuma residencia podia convir-lhe melhor. Rodeada de escolhos, Caprea é só accessivel por um sitio; de forma que ninguem lá pôde aportar sem ser visto; de resto, é uma habitação deliciosa. Abriçada contra os ventos do norte, e refrescada durante o verão por uma brisa perfumada. O golfo de Napoles está em perspectiva e os viajantes ainda são acordes em considerar a vista de que se goza do *Monte Solaro*, como a mais bella de toda a Italia. Tiberio mandou alli construir doze magnificos palacios, que vieram a ser doze casas d'incriveis devassidoens, e doze sangrentos pretorios, d'onde partiram por espaço de onze annos sentenças de proscricção e de morte (1).

O feroz imperador se achava pois á vontade, porque, separado do resto do mundo, podia entregar-se sem constrangimento ás suas viciosas inclinaçoens. Tal é, accrescentam os bistoriadores, o motivo da preferencia que elle deu á residencia de Caprea.

(1) . Plin. , lib. III, 6.

Entre outras provas, refere Suetonio a aventura d'um infeliz pescador, que nos veio á memoria. Tendo este bom homem pescado uma bella sarda, o seu primeiro pensamento é offerecel-a ao imperador; trepa por uns rochedos muito escarpados e se apresenta inopinadamente a Tiberio. Irritado, assustado, este principe manda agarrar o infeliz pescador, e ordena que lhe esfreguem o rosto com o peixe. Em tanto que executam a tyranica ordem, o pescador se felicita alto de não ter levado um grande caranguejo que apanhara com a sarda: o barbaro imperador se aproveita do aviso para augmentar o rigor do supplicio. Manda buscar o caranguejo e substituido-o á sarda, faz pôr o rosto do pescador todo a escorrer em sangue (1).

Conforme o invariavel procedimento da Providencia, a ilha de Caprea, manchada por tantos crimes, devia ser purificada. E foi-o; é o ainda pela presença secular de santos religiosos, e por uma notavel parte das reliquias da illustre virgem e martyr, Santa Agatha (2). Outra aproximação se apresenta ao viajante francez: Capri lhe recorda uma das mais illustres façanhas dos nossos compatriotas. De victoria em victoria, acabava Murat de subir ao throno de Napoles; todo o paiz lhe obedecia à excepção da inexpugnavel Capri. Murat ordena ao general Lamarque que conquiste esta fortaleza. Lamarque parte com 1600 homens escolhidos, e, depois de prodigios de audacia, obriga os sitiados a capitular.

(1) Suet., lib. LX.

(2) S. Greg., lib. I, *Epist.* 54, *ad Jo. Episc. Surrentinum.*

N'esta occasião Salicetti, ministro de Napoles, escrevia de Capri: « Encontrei aqui os Francezes, mas não posso crer que elles aqui tenham entrado. » Ora, o que defendia este novo Gibraltar, era o futuro carcereiro de Santa Helena, sir Hudson Lowe!

Dobramos rapidamente o cabo *Campanella*, e algumas horas bastaram para nos pôr na praia de Salerno. Vêde esta cidade d'umas doze mil almas, graciosamente assentada na encosta das montanhas, dominando o golfo que tem o seu nome. As suas ruas irregulares, estreitas, calçadas de lageas do Vesuvio, os seus edificios de paredes salpicadas de varias côres, parecem indicar uma cidade moderna e d'uma importancia secundaria; contudo é a antiga *Salernum*, filha dos Gregos, escrava dos Romanos, dos Lombardos e dos Normandos; a cidade sabia cuja escola medica é conhecida do mundo inteiro. Porem o tempo e os homens, mais temiveis que o tempo, mutilaram, transformaram a sua antiga physionomia. A Universidade ainda existe, mas já não despede brilho; e os preciosos aphorismos da escola de Salerno foram traduzidos em versos burlescos (1).

A cathedral, d'origem gothica, é inteiramente moderna pelos ornatos e decoraçoens do artista *San Felice*. O que resta a Salerno, é a

(1) Foram escriptos em versos latinos no principio do seculo XII.º por João de Milão, a favor de Roberto, duque de Normandia. Este poema de que não resta mais que a terça parte (373 versos de 1239) foi desfigurado em versos burlescos por L. Martin, em 1653.

gloria de possuir o corpo do apóstolo S. Matheus e do papa S. Gregorio VII. Transportadas do paiz dos Parthos, onde o pescador evangelico lançára as suas redes e terminára a sua carreira, as reliquias de S. Matheus foram depositadas em Salerno, no anno de 1080. O reconhecimento authentico deste precioso thesoiro teve logar pelos cuidados do bispo d'Alfano. Este prelado escreveu nesta occasião uma eloquente carta ao papa S. Gregorio VII, que Baronio teve cuidado de nos conservar com a resposta do Summo Pontifice (1). Apoiado n'estes dois testemunhos que são justificados pela constante tradição e pelo brilho dos milagres, o viajante catholico se prostra respeitosamente diante do tumulo do glorioso Apóstolo, e não se ergue senão para expandir a alma diante d'outro tumulo egualmente illustre.

Na mesma egreja está o mausoleu do papa S. Gregorio VII. Uma estatua de marmore representa o illustre pontifice em pé, n'uma attitude cheia de força e magestade: crê-se ver ainda o Moisés da idade media, protegendo Israel contra os furores ambiciosos dos Pharaós do Norte. O seu historiador protestante nos dispensa de respondermos às vis invectivas arrojadas, por certo guia na Italia, contra o Santo Pontifice que, com doze annos de luctas continuas, conquistou a liberdade da Egreja e salvou a sociedade. Apraz-se a gente de ver descançar, um ao pé do outro, S. Matheus que morreu martyr por haver prégado o Evangelho; e S. Gregorio VII, que morreu no exilio por haver sustentado o edificio abalado

(1) *Annal.*, t. XI, an. 1080. C. D.

da religião (1) : os mesmos combates, e a mesma gloria.

Para continuar o triumpho de S. Matheus sobre o paganismo, numerosas columnas de verde antigo e outros marmores preciosos, tirados dos templos de *Pæstum*, decoram a cathedral; em tanto que a immortal victoria de S. Gregorio VII, contra os oppressores da Egreja, è recordada n'uma inscripção contemporanea. Sobre um baixo-relevo antigo, que serve d'ornato ao tumulo do cardeal Caraffa, amigo e admirador do poderoso Pontifice, lêem-se estas palavras que alludem à estatua de que fallei: *Hic mortuus jacere delegit vivus, ubi Gregorius septimus Pontifex maximus libertatis ejusdem (ecclesiasticæ) vigil assiduus excubabat adhuc, licet cubet* (2).

Deixamos Salerno para nos dirigirmos a Amalfi. A Athenas da idade media, e a rival de Veneza pela extensão do seu commercio, não é hoje mais que uma pitoresca aldea. Ao recordar-se tanta gloria eclipsada, é com difficuldade que se podem admirar as bellezas arrebatadoras da paisagem, os bosques de myrtos e oliveiras, as grutas, as ruinas, as casas brancas em volta das quaes serpenteam os tortuosas cepas da vide e os ramos dourados da lorangeira. Edificada no sitio de um templo pagão, a cathedral é o unico vestigio da

(1) « *Dilexi justitiam et odivi iniquitatem, propterea morior in exilio;* » taes foram as ultimas palavras deste grande papa.

(2) « *Em vida, quiz repouzar depois de morto no sitio onde Gregorio VII, Summo Pontifice, guarda vigilante da liberdade da Egreja, a protege ainda em pé, posto que deitado no tumulo.* »

magnificencia da antiga Amalfi. N'ella vimos duas bellas columnas de granito vermelho, dois sarcophagos antigos, um baixo-relevo da esculptura grega e um vaso antigo de porphyro que serve de baptisterio. Mas possui um thesoiro que vale mais que todas as riquezas da arte: n'um soberbo tumulo repouza o corpo do apostolo Santo André. Foi o cardeal Pedro de Capua, que, depois da tomada de Constantinopla pelos Francezes, o trouxe para a Italia e o depositou na cathedral d'Amalfi (1). Como os d'Eliseu, os ossos do Apostolo prophetizam: sahe delles uma virtude milagrosa que cura os doentes e uma voz que repete as immortaes palavras do Martyr ao ver a sua cruz: e Eu te saudo, cruz preciosa, cruz tanto tempo desejada. Recebe-me nos teus braços, e apresenta-me ao meu Senhor. »

Bem que não seja mais que uma sombra de si mesma, Amalfi exerce ainda grande influencia sobre o viajante pelas suas nobres recordações, e sobre o mundo por uma descoberta famosa de que foi theatro. Em 1020, os seus ricos navegadores fundaram em Jerusalem um hospital que foi origem da ordem para sempre illustre dos cavalleiros de Malta. Tres seculos depois, outro navegador d'Amalfi, Flavio Gioia, inventou a bussola. Maravilhoso genio do homem! Uma agulha tocada com irman tornou-se a chave que abre o universo, e um pouco de vapor o agente irresistivel que aproxima todas as distancias. Para ensinar á posteridade que a bussola era devida a um subdito do rei de Napoles, então filho segundo da casa de França, Gioia marcou o norte

(1) Ughelli, *Italia sacra*, t. VIII.

com uma flor de lys., Este uso é ainda imitado por todas as nações que mui felizmente para a nossa gloria esqueceram a sua origem ! (1) Imortalizada pela invenção da bussola, Amalfi pôde dormir em paz no tumulto sanguento que lhe abriram os Pisanos. Todavia possui outro titulo á recordação da posteridade : nos seus entulhos fumegantes se encontraram as *Pandectas* de Justiniano, que, salvas da destruição, deram tam feliz impulso ao estado do direito romano.

A pouca distancia d'Amalfi, atravessamos quasi a passo acelerado a pequena aldea d'Atrani, patria de Mazaniello ; foi-nos somente possível lançar um volver d'olhos aos baixos-relevos das portas de bronze da egreja de *San Salvatore*. Fundidas em 1087, são as portas de bronze mais antigas da Italia ; não tendo tempo de as estudar como artistas, examinamol-as como christãos. Uma inscripção nos disse que ellas foram encomendadas por Pantaleão, filho de Pantaleão Viaretta, pela *remissão da sua alma* (2).

Tornando a dobrar o cabo Campanella com toda a força da machina, o nosso pyroscapho passou rapidamente por diante de Sorrento, do qual saudamos o magnifico sitio ; as ruinas dos seus templos, dedicados a Neptuno e Diana ; a piscina d'Antonino Pio, e a casa, ou antes o logar da casa onde nasceu o Tasso. Bem depressa se succederam o *Quisisana* (aqui se sara), magnifico

(1) Tem-se pretendido que a bussola foi inventada pelos Chinezes ; esta opinião cheira um pouco de mais a *philosophia* para ser acreditada.

(2) Pro mercede animæ suæ.

casino do rei de Napoles, afamado pela salubridade do ar que alli se respira; depois Castellamare, substituto de Stabia, terceira victima do Vesuvio, com as suas aguas mineraes, as suas fabricas e encantadoras villas, espalhadas na vertente assombrada do monte; por fim, a celebre collina de Pozzano onde a milagrosa imagem de Maria tem por pedestal um altar de Diana.

Como singrassemos para o porto de Napoles, eis que chega uma forte embarcação onde vinham grande numero de pessoas. Os gritos e os gestos inteiramente napolitanos dos remadores e até dos passageiros attrahiram todos os olhares. Um marinheiro que viamos circular por entre os grupos, e que tinha na mão uma especie de mealheiro, pintado de chammas, foi objecto da mais viva curiosidade. Perguntei quem era aquelle personagem e o que fazia. « Aquella barca, me disse o capitão, é uma barca mercante que vai de Napoles a Sorrento. Leva a bordo alguns viajantes para a ultima destas cidades, d'onde volta carregada de laranjas. O marinheiro que vêdes, faz peditorio, para mandar dizer missas pelas almas do purgatorio. E' um antigo costume religiosamente conservado pela piedade para com os mortos, que é aqui completamente popular. » Este tocante espectáculo foi o ultimo de que gozamos no golfo de Napoles: meia hora havia apenas decorrido, quando estavamos de regresso na hospedaria da *Speranzella*.



2 de Março.

Partida de Napoles. — Observações sobre o povo Napolitano. — Capua. — Anecdota. — Calvi. — Ponte-Storto.

Era o dia da partida, e por conseguinte o dia dos adeuses. Adeus a alguns dos nossos companheiros de peregrinação, que iamos deixar por muito tempo!... para sempre!... adeus ao Toledo, adeus á Speranzella! adeus em breve a Napoles; Adeus! esta palavra repete-se todos os dias nas viagens: palavra cheia de melancolia, que nos recorda, a pezar nosso, que o homem n'este mundo não é mais que um ente d'um dia, diante do qual tudo passa como uma van sombra, e que passa elle proprio, deixando apenas alguns vestigios, em breve apagados, da sua rapida passagem. Já estavamos no caes de *Chiaja*, esperando um viajante remisso. Os *lazzaroni*, que eram os primeiros que haviam saudado a nossa chegada, eram os ultimos que assistiam á nossa partida. Saíam aos grupos, e se dirigiam ao porto, ao mercado, ás praças, a toda a parte onde podesse exercer-se a sua industria.

Um d'elles, alto mancebo de modos desembaraçados, e physionomia superiormente mimica, veio á portinhola, saudou respeitosamente a nossas Excellencias, e nos exprimiu mil desejos de boa viagem e feliz regresso para junto de nossos pais, nossas mães, nossos irmãos, nossas irmãs, e de nossos avós até á quarta geração. Por tudo isto, que pedia? uma simples *bottiglia*. Ajuntai que elle nos expressava o seu pedido, não por palavras, mas por gestos tam poeticos, que va-

liam dez vezes mais que o objecto da petição. Demos-lh'o de boa vontade, dei até com um pronunciado sentimento de agradecimento. Eis porque: ao partirmos de Roma, haviam-nos anunciado que não sahiriamos de Napoles sem sermos roubados. Pelo que se ouvia ás más linguas, não se podiam percorrer as vias napolitanas sem acotovellar larapios, e, a não se prender o lenço na algibeira, era impossivel ficar possuidor delle por espaço d'um dia. Estes dictos pareciam-se demasiado com as narraçoens de certas guias na Italia, pelo que não podia deixar-se de achal-os pelo menos estranhos. Os meus jovens amigos apostaram pela probidade dos lazzaroni: a aposta consistiu em duas garrafas de Champanhe, pagaveis em Roma, se voltassemos com armas e bagagens: ora, a aposta estava ganha. Tivhamos visitado Napoles em todos os seus bairros; não tivhamos nem prendido nem escondido os lenços; e, ao fazermos as malas, todos tivham respondido á chamada; finalmente estavamos bem e devidamente fechados no carro de viagem: portanto acabára-se o perigo.

Como não havíamos de acolher graciosamente o lazzarone e como não havíamos de dar com que beber um *fiasco* do seu vinho assucarado, aquelle cuja probidade nos valia duas garrafas de vinho de Champagne?

Em quanto se estacionava na barreira para cumprir as formalidades de policia, eu examinavá aquelles lazzaroni, aggrupados em volta da nossa carruagem. Verdadeiros filhos dos Etruscos e dos Gregos, chegados áquellas praias ha dois mil e quinhentos annos, teem conservado em grande parte o traço, os habitos, e os gostos de seus

avós. Acreditar-se-bia que trazem ainda o barrete phrygio, tal como aquelles com que se haviam coberto os nossos classicos demagogos de 93? Este barrete de lã vermelha se eleva em forma conica e cahe para diante, ou para traz, ou sobre a orelha, conforme o capricho ou a moda. Bem cego quem não visse alli uma prova sem replica da tenacidade dos habitos populares; Napoles fornece muitas outras, varias das quaes me veem á memoria. Sabe-se que os Romanos calçavam as suas vias de largas lageas, e cobriam de pinturas a fresco todas as partes das suas habitaçoens. Pompeia é monumento irrecusavel destes dois factos. Ora, vêdes ainda as ruas de Napoles e as grandes estradas que lá vão terminar, calçadas do mesmo modo: o amarello substitue nas casas mais pobres os antigos frescos. A linguagem figurada dos Campanienses (1), a forma dos armazens, o genero de vida e de cùltura, dil-o-hei? a sede dos prazeres e até do sangue, são outros tantos testemunhos que não podem escapar á vista exercitada do observador.

A' vista desta admiravel fidelidade, não póde a gente deixar de dizer consigo mesmo: « Se o homem se apega com tanta força a habitos puramente materiaes, que a experiencia, a moda, um conhecimento mais profundo do bem-estar pessoal, tendem constantemente a modificar: com que energia não se devia apegar, ha dezoito seculos, a habitos moraes, charos ás suas paixoens, for-

(1) Todos sabem que o illustre conego Jorio encontrou, na mimica do povo de Napoles, a explicação mui natural das figuras e dos emblemas pintados nos vasos etruscos.

tificados pela educação e consagrados pela mesma religião? Se, aprofundando este pensamento, se reflecte no character e temperamento daquelle povo, na natureza do clima e magnificencia do paiz que habita, o milagre da sua conversão ao christianismo alcança proporçoens immensas. Estas proporçoens attingem o infinito quando se ajunta: E comtudo o christianismo mudou os hábitos, as crenças, as leis e os costumes não só dos Napolitanos, senão de todos os povos!

Mal conduzidos por um caleceiro muy pesado, só chegamos a Capua ás onze horas. Os cavallos, já velhos e gastos havia muito pelo cansaço, recusavam andar: continuar com semelhante carruagem, era expormo'-nos a toda a especie de desgostos, o menor dos quaes era dormirmos ao relento. Os nossos receios eram tanto mais bem fundados quanto deviamos voltar a Roma pela difficil estrada e quasi deserta dos Abruzzos e do monte Cassino. Rogamos ao conductor que nos desse cavallos frescos, ou pelo menos tomasse um cavallo de reforço, como haviamos convenciona-do. Elle recusou seccamente; nós fizemos queixa ao *Podestà*, que mandou chamar o nosso auto-medonte. Ouvidas as partes, o juiz decidiu a causa a nosso favor, e terminou o seu veredicto com estas palavras: « Estes Senhores são padres, e por isso merecem toda a confiança; tu, tu és um vadio. » Ao que o boleeiro respondeu: « Mas se elles são padres, eu sou christão: *Se sono sacerdoti, sono cristiano io.* — *Birbante*, tornou o juiz, calla-te, e faz o que te ordeno. » Tivemos mais um cavallo.

A distancia de tres milhas de Capua, a estrada bifurca-se. Dos seus dois prologamentos,

um dirige-se para Roma por Mola e Terracina; nós o tínhamos seguido vindo para Nápoles. O outro, que volta à direita, conduz a Aquila por Isernia e Venafro. No ponto de secção, se ergue, entre ruínas, uma villa insalubre e porca: è todo quanto resta da antiga Calvi, cidade outr'ora celebre, cujo vinho, cantado por Horácio, egualava o de Falerno. A nova estrada que tínhamos tomado atravessa constantemente planícies guarnecidas à direita por uma cadeia de montanhas bem cultivadas; mas a raridade das habitações espalha n'estes logares certa tristeza e inspira quasi medo. Era noite fechada quando chegamos a uma hospedaria isolada, chamada, creio eu, *Ponte-Storto*.

Se as relações dos viajantes no Oriente são fieis, podemos lisongear-nos de termos visto uma verdadeira caravanzara: casa completamente solitaria, estabelecida na margem d'um caminho: vasto patio quadrado, semelhante a um claustro de-convento, menos a elegancia dos porticos; *locanda* aberta para os quatro ventos, e povoada passageiramente por toda a especie de homens e quadrupedes, burros, cavallos, bois, bufalos e machos: não faltava senão o dromedario. Lá encontramos cem e cinquenta recrutas; uns, dispostos em volta d'um grande lar, guardavam tristemente silencio; pobres mancebos, pensavam talvez em suas mães! outros, assentados a compridas mezas, conversavam àcerca do paiz, faziam estrondosas saudes, ou prestavam attenção ao sargento recrutador, soldado velho que tinha mais d'uma que contar. Entre os nossos companheiros de viagem, achava-se um joven pintor escocez. O espectáculo desta scena fracamente al-

lumiado pelas chammas da fogueira quasi apagada, lhe pareceu digna do seu craião; é difficil, em verdade, ainda mesmo na Italia, encontrar assumptos mais pitorescos. Da ceia que nos serviram, não tenho nada que dizer, visto que nos foi quasi impossivel tocar-lhe. As provisoes tinham sido esgotadas pelos nossos numerosos predecessores; e apezar da nossa patroa, excellente mulher aliás, foi-nos mister sentir o adagio: *Tarde venientibus ossa*. Em quanto ao somno, o mesmo silencio; foi detido durante toda a noite, a uma distancia mais que respeitosa, pelo barulho continuo dos carros, pelos gritos dos arrieros que chegavam ou partiam, pelos cantos dos recrutas, e pelo movimento confuso que reinou em todas as partes da *locanda*, até ao romper do dia: nem tudo é cor de rosa nas viagens!

3 de Março.

San Germano. — Ruinas. — Monte—Cassino. — Egreja. — Bibliotheca. — Recordação. — Anecdota. — Hospedaria dell'Amalfi.

Antes do alvorecer estavam nós na estrada de San-Germáno e do Monte-Cassino: a mesma paizagem que na vespera. Sómente o valle se estreita, e de distancia em distancia vêem-se pequenas aldêas, ou antes grupos de casas brancas suspensas da encosta dos montes, como ninhos de andorinhas das paredes ennegrecidas d'um velho castello. O tempo estava magnifico, e já tam suave que a innocente cotovia cantava por cima das nossas cabeças a volta da primavera. Que

differença, entre as suas graciosas melodias e os gritos selvagens e o tumulto horrivel que abalaram tantas vezes os eccos do valle solitario! Aqui passaram successivamente, como vencedores e como vencidos, os Samnitas, os Romanos, os Lombardos, os Sarracenos e os Normandos; e o solo coberto de ruinas mostra ainda o espirito de destruição de que elles foram animados.

San-Germano, que descobrimos ao voltar do valle, offerece a primeira prova disto. Esta villa elegante, edificada em 866, por Bertacio, abbade do Monte-Cassino, se ergue sobre as ruinas da antiga Cassinum. Cidade importante dos Samnitas, Cassinum veio a ser conquista dos Romanos, depois presa dos Barbaros. Do seu antigo resplendor não restam senão recordaçoes, algumas columnas de granito collocadas na egreja de S Germano, e um amphitheatro bastante mal conservado. Ummida Quadratilla o fez construir à sua custa e o deu aos habitantes. Alguns seculos depois, esta mulher teria talvez prodigalisado a sua fortuna a edificar hospitaes: vêde comtudo a influencia das doutrinas religiosas! Como quer que seja, a inscripção que recorda a fundação do sangrento edificio se conserva no Monte-Cassino. E' assim concebida:

VMMIDA C. F.
QUADRATILLA
AMPHITHEATRVM ET
TEMPLVM CASINATIBVS
SVA PECVNIA FECIT.

Quanto ao templo pagão cuja existencia revela a mesma inscripção, não restam vestigios d'elle.

Depois d'um frugal almoço, descemos ao pátio do Albergó, onde nos esperavam as pacíficas cavalgadas que deviam levar-nos ao mosteiro, assentado no cume do monte: estas cavalgadas, com vossa licença, eram burros.

Nada de zombarias, se fazem favor; quem quer que sejaes, philanthropos, viajantes, curiosos, o burro deve ser para vós respeitavel. E' o cavallo do pobre e quasi sempre a cavalgada forçada do peregrino dos montes: talvez um dia reconheçais que os seus humildes serviços egualam muitas vezes os dos corceis do deserto. A nossa caravana compunha-se d'Europeus e Americanos: os dois mundos se haviam emprazado para fazerem juntos uma romaria ao antigo sanctuario da sciencia e da civilisação. Visto do fundo da montanha, apresenta o mosteiro do Monte-Cassino o severo aspecto d'uma cidadella. As suas largas abobadas, as suas altas paredes, e todo aquelle apparatus da força são bem justificados pelas circumstancias que acompanharam a sua fundação e pelos acontecimentos de que elle foi theatro durante os primeiros seculos da sua existencia.

A' fralda desta montanha, cujo cimo aguçado domina todas as montanhas em roda, chegava, em 529, um homem ainda moço: chamava-se Bento. Vestido com uma longa veste preta, com um bordão na mão, vem só, a pé, do deserto de Subiaco: mas aonde vai? Talvez elle proprio o ignore. Tudo o que sabe, é que vai, como aquelle conquistador famoso, aonde Deus o impelle, *quó Deus impulerit*. Com effeito, Deus o conduz pela mão; pois uma grande missão lhe está confiada. No tempo em que elle atravessava

solitariamente os profundos valles do Apennino, ouvia-se, d'uma parte, o estrondo do imperio romano que cahia com estrepito debaixo dos repetidos golpes dos barbaros; da outra, os gritos selvagens de novas hordas que acudiam do fundo da Asia para repartir os farrapos ensanguentados do velho colosso: a destruição caminhava apoz elles, e em todas as partes por onde elles haviam passado reinava o silencio das ruinas. Ora, Deus queria salvar deste vasto naufragio a sciencia e a civilisação, preciosos penhores d'um mundo novo. O humilde peregrino recebera ordem de os tomar nos pannos da sua veste de borel e de nella os esconder, como Israel, partindo para o captiveiro de Babylonia, escondeu na terra a centelha do fogo sagrado. Ora, Bento procura um asylo para n'elle depositar os seus dois thesoiros. Chegado à fralda daquella montanha, sabe do Ceu que é alli que deve parar. Sobe ao cume e derriba um templo d'Apollo, e o substitue por um sanctuario ao verdadeiro Deus, acompanhado d'uma humilde habitação para os seus servos. Ainda hoje um bello fresco da egreja recorda este memoravel facto.

O Monte Cassino não tardou a ser o asylo da sciencia e da civilisação sua irman, bem como da Religião sua mãe commun. A Italia, a Inglaterra, a Allemanha foram successivamente esclarecidas por missionarios descidos da celebre montanha. Como não se havia de ficar tocado com a conveniencia que conduzia no mesmo dia, á mesma hora, áquella cima esguia, antigo foco das luzes do Occidente, tres Francezes, um Prusiano, dois Inglezes e um Americano?

No meio da encosta se ergue um templo de-

dicado a Santa Escholastica, irman gêmea de S. Bento; depois segundo consagrado a S. Mauro, um dos primeiros e mais gloriosos filhos do venerando patriarcha; finalmente, antes de chegar ao convento, encontra-se a hospedaria. E' vasta e muito asseada; os estrangeiros são n'ella recebidos gratuitamente com aquella cordialidade que caracteriza os seculos de fé. Uma longa e sombria gruta, feita de seixos, serve de entrada para o mosteiro. O patio, a escada do primeiro atrio, a grave fachada da Basilica erguida no cume da montanha e na solidão selvagem do Apennino, teem alguma coisa de solemne que produz grande impressão. A' direita e esquerda do atrio apparecem as estatuas colossaes de S. Bento, de Santa Escholastica sua irman, e de Santa Abbondantia sua mãe. Ante os olhares desta familia de heroes, chega-se por uma soberba escada ás grandes portas da egreja: são de bronze e adornadas de baixos relevos d'um lavor notavel.

A do meio foi trazida de Constantinopla em 1066. Na da esquerda estão inscriptas em letras de prata as doações de terras, de aldêss e de castellos feitas à abbadia. A terceira apresenta a historia chronologica das reedificaçoens da egreja e do convento. Digna irman de S. Martinho de Napoles pelas suas riquezas, a Basilica do Monte Cassino brilha com uma gloria exclusiva pelas suas esculpturas em madeira e pelos seus magnificos livros de côro. Foram precisos Benedictinos para escrever, illuminar, e ornar de milhares de vinhetas umas mais poeticas e brilhantes que as outras, aquellas enormes folhas de velino cujo desenvolvimento talvez cobrisse a terça ou quarta parte d'uma geira de terreno.

Por cima da crypta ou *Soccorpo* na qual estão os tumulos de S. Bento, Santa Escholastica, S. Mauro e S. Placido, se ergue o altar-mor, todo resplandecente de marmore, pedras preciosas, alabastro, verde e preto antigos, lapis-lazuli e brocatel. O tumulo que encerra o corpo do irmão e da irman, tem esta bella inscripção :

BENEDICT. ET SCHOLSAM
UNO IN TERRIS PARTU EDITOS
UNA IN DEUM PIETATE COELO REDDITOS
UNUS HIC EXCIPIT TUMULUS,
MORTALIS DEPOSITI PRO ÆTERNITATE
CUSTOS.

As capellas lateraes, assim como os mausoleus do principe de Mignano e do joven Pedro de Medicis, são de boa architectura e rara magnificencia. Todavia estas bellezas exteriores não podem fazer esquecer à alma christã a santidade secular do logar que ella visita. Cada altar, cada quadro, cada esculptura lhe recorda algum rasgo d'uma vida heroicamente christã. De todas as partes uma nuvem de santos a contempla, e a basilica toda parece resoar ainda com as vozes varonis e numerosas daquelles filhos da solidão, cujos accents, partidos do topo da montanha, erguiam até ao ceu os suspiros de seus irmãos errantes por baixo delles no valle das lagrimas.

Da egreja, passamos ao interior do convento, dirigidos pelo amavel e sabio archivista. A' commoção religiosa, produzida pela visita da egreja, vem ajuntar o interior do convento interessantes recordaçoes. Essencialmente conservadoras, as antigas ordens religiosas são nos seus habitos,

nas suas linguagens, nos seus trajos e até na disposição das suas habitações, as testemunhas fieis d'um mundo que já não existe. Cada convento de beneditinos, em particular, é uma pagina da historia antiga, não só para o christão, como também para o philosopho e muitas vezes para o artista.

« A architectura dos mosteiros, escrevia o abbade Fleury, è a da casa romana. » A verdade desta observação é tam frisante no Monte-Cassino, que o viajante algum tanto attento não pôde enganar-se. « O mosteiro do Monte-Cassino, dissê um dos nossos guias francezes, verdadeira colonia religiosa e sabia, reunia no seu recinto todas as artes, officios e profissoens, alojados à sua vontade em edificios separados. Da mesma forma que entre os antigos, se a parte publica da casa era grande, e a parte privada pequena; assim no convento, o vestibulo, os porticos, a salla do capitulo, o rectorio, tudo o que serve para a comunidade, é vasto e magifico. Só a sociedade faz numero, o individuo desaparece; e a cella da abbadia não occupa mais espaço que o quarto de Pompeia. Só os mosteiros haviam perpetuado estes venerandos costumes da antiguidade, tam oppostos aos costumes e usos de algumas epochas modernas, em que as necessidades e os gozos do homem se estenderam e multiplicaram à proporção que se faziam mais pequenos o estado e a sociedade. »

A bibliotheca, bella e vasta peça, adornada das estatuas dos grandes homens da ordem de S. Bento, contem vinte mil volumes. Qualquer que seja a raridade daquellas obras, os manuscriptos formam a verdadeira riqueza daquelles preciosos

archivos. Contam-se oitocentos diplomas originaes, muitos dos quaes remontam ao IX seculo.

Depois de nos haver fallado dos trabalhos do celebre P. Frangipani ácerca de Santo Agostinho, e mostrado os volumosos manuscritos d'obras demasiado ligeiramente attribuidas a este grande doutor, o nosso amavel guia abriu um armario, dizendo: « Eis o que não é do bispo d'Hippone; » e nós tínhamos na mão uma carta original do terrivel Mahomet II, ao papa Nicolau V.

O fansto oriental respira todo nas primeiras linhas deste documento: « Rei dos reis, senhor dos senhores, Machabeth, almirante, gran'-sultão Begri, filho do gran'-sultão Marath, servo dos sete Musaphys, dá a saudação de que é digno, a Nicolau, vigario de Jesus Christo, crucificado pelos Judeus. » Não se crê ouvir Nabuchodonosor? A resposta do Summo Pontífice, junta á carta do sultão, começa assim: « Nicolau, servo dos servos de Deus, sauda cordialmente Machabeth, senhor dos Turcos e principe dos infieis. » Que contraste! O Papa entra depois no mundo das queixas do mundo christão contra o poder ottomano, e declara com grande energia que as fingidas promessas do sultão não o farão cahir no logro. Porque não vão os detractores do papado investigar os nossos velhos archivos?

O que nós visitamos depois, penetrados de respeitoso amor, foi a capella estreita e baixa que foi a cella de S. Bento. Uma bella pintura representa o venerando patriarcha contemplando a alma de sua irman querida que vóa para o ceu debaixo da forma d'uma pomba. Sahindo dos claustros, quizemos percorrer os arredores do convento, menos para gozarmos o vasto horisonte

que a vista pôde com difficuldade abranger, que para colhermos algumas das nobres recordaçoes em que abunda esta terra: ha duas sobretudo que assaltam o viajante francez.

A' sombra daquelles altos muros, n'um largo tapete de verde relva, nas margens daquelles bosques de carvalhos e oliveiras silvestres, folgavam, ha seis ou oito seculos, bandos semelhantes de meninos: alegres discipulos, filhos dos grandes senhores do paiz, que os pais confiavam aos religiosos de S. Bento para os fazerem homens, e homens como então se entendia. Uma educação severa e christãmente intelligente disciplinava aquellas jovens almas, as temperava fortemente, e as armava com todas as peças para as grandes luctas da vida. E' mui necessario reconhecê-lo, a idade media, - com suas maneiras meio cavalleirosas, meio monasticas, e sempre profundamente marcadas com um duplo caracter de religião e grandeza, foi, em boa parte, alumna dos Benedictinos. No numero daquelles nobres discipulos mostra o Monte-Cassino com orgulho paterno o joven Thomaz, filho do conde d'Aquino, cujo castello está situado nas visinhanças. De idade de cinco annos, tambem elle brincava debaixo dos vastos claustros, no topo da alta montanha, d'onde só devia descer para vir a ser a gloria da ordem nascente de S. Domingos, o astro mais brilhante da Universidade de Paris, e com o nome de Doutor angelico, a eterna admiração do mundo inteiro.

Estes logares ainda fallam d'outro personagem que nós não podiamos esquecer. A ordem de S. Bento percorria o segundo seculo da sua gloriosa existencia, quando um dia, pelo pôr do

sol, dois peregrinos desconhecidos subiam a encosta pedregosa do Monte-Cassino, e depois batiam á porta do convento « Sêde bem vindos, meus irmãos, lhes disse o padre hospitaleiro. — Deus vos abençoe pela vossa charidade. — Irmãos, que pedis, lhes disse o Abbade. — Nós viemos, tornam os estrangeiros, para servir a Deus com vosco n'esta santa casa. » São admittidos no numero dos frades; porem dà-se ordem de velar com cuidado pelo seu comportamento e de provar a sua vocação. O proprio Abbade quer encarregar-se d'um d'elles. Para exercitar a sua paciencia e humildade, o manda guardar as ovelhas; o estrangeiro obedece com graça. Todas as manhans conduz, á planura que nós proprios percorríamos, o seu rebanhosinho que elle vigia com amor e reconduz todas as noites ao mosteiro. Um dia, uns ladroens, sahidos repentinamente da floresta, querem roubar-lhe uma das suas ovelhas; elle corre para elles e diz-lhes: « Fazei de mim o que quizerdes, mas não consentirei que toméis coisa alguma do que me està confiado. » Então os malvados o despojam dos vestidos e se retiram: o pobre pastor volta ao convento quasi nu. Para o experimentar, o Abbade, longe de compadecer-se das suas penas, o tracta de homem fraco e sem animo; ao que responde humildemente o estrangeiro: « Eu bem sei que não sou mais que um grande peccador que commetto muitos erros. »

Algum tempo depois, o põe o Abbade a outra prova, e lhe ordena que vá ajudar o frade que serve na cozinha. O estrangeiro inclina-se profundamente e se dirige ao seu novo emprego; porem, não o havendo nunca exercido, amontoa os desestramentos. O frade cozinheiro se impa-

cienta tanto que chega a bater-lhe. O desconhecido nada responde; porem o outro estrangeiro, não podendo conter a sua indignação, diz ao cozinheiro: « Irmão, Deus e Carlomano vos perdoem. » *Frater, ignoscat Deus et Carlomannus.* Passados alguns dias, uma nova falta provoca egual scena; e o companheiro do desconhecido diz ainda: « Irmão, Deus e Carlomano vos perdoem. » *Frater, ignoscat Deus et Carlomannus.* Finalmente, terceiro desestramento atrahê o mesmo tractamento ao pobre noviço. Então o seu companheiro, arrebatado pela ira, pega d'um pilão, bate com elle no cozinheiro, e lhe diz: « Mau servo, nem Deus nem Carlomano te perdoem. » *Nec tibi Deus parcat, serve nequam, nec Carlomannus ignoscat.*

Tendo o Abbade sabido desta disputa, mandou metter n'uma prisão o companheiro do desconhecido, e no dia seguinte, o faz comparecer ante o capitulo reunido. Estando o accusado de joelhos: « Por que, lhe disse o Abbade, batestes no irmão cozinheiro? — Foi porque vi o mais mau de todos os servos, bater no melhor e mais nobre de todos os homens. — Então quem é esse religioso a quem chamais o mais nobre de todos os homens? — E' o nosso principe Carlomano, que deixou a sua dignidade e a gloria do mundo por amor de Jesus Christo. » A estas palavras todos os religiosos admirados, com o Abbade na frente, se levantam dos seus assentos, rodeam o principe e lhe dão mil desculpas. Porem, esquecendo o que fôra no seculo: « Meus padres e meus irmãos, lhes disse Carlomano, enganais-vos, não sou principe, sou apenas um pobre peccador. » Bem depressa, por ordem do Papa Estevão, foi enviado o pobre peccador do Monte-Cassiao a

França para tractar, com seu irmão Pepino, dos grandes interesses da paz da Europa. Morreu n'esta viagem, e só o seu corpo voltou ao Monte-Cassino, n'um sarcophago d'oiro, onde foi encontrado em 1628 (1). Esta historia do principe francez dá logar a uma aproximação característica da idade media e da epocha actual. Nos seculos de fé, a humildade, base de todas as virtudes christans, era considerada como a garantia de todas as virtudes sociaes: o merecimento sobre tudo procurava esquivar-se. Quando, sem intrigas da sua parte, um homem era chamado ás dignidades, respondia tremendo: Enganaeis-vos, eu sou apenas um pobre peccador: e cumpria grandes coisas. Hoje procede-se de forma diversa. Aquelle que quer fazer fortuna (e quem o não quer?) faz tocar diante de si trombeta, caminha de cabeça erguida pelo meio da praça publica, e, subido ao pedestal do seu orgulho, brada à multidão cujos suffragios mendiga: eu sou o mais capaz, o mais virtuoso, o mais digno. Depois, quando está de mãos á obra, multiplica os erros e às vezes as baixezas. Assim deve ser; mas desgraçados dos povos entre os quaes se pratica semelhante systema!

A's recordaçoes succedeu a realidade. Vimos as aulas onde os Benedictinos continuam a formar a juventude na sciencia e na virtude: sessenta a setenta jovens compoem o seu interessante collegio. Na occasião da nossa passagem contava o Monte-Cassino dezoito Padres, onze noviços e treze

(1) *Historia da Ordem de S. Bento*, t. II, p. 11.

frades. A sua vida , repartida entre a oração e o estudo , decorre ante os olhos de Deus n'um socego que a gente ambiciona para si ; mas que , desgraçadamente , não passa os limites do claustro.

Apenas havíamos deixado San-Germano e proseguido , a correr, a bella estrada do valle, quando a nossa carruagem pára subitamente , recua, e fica suspensa na borda do fosso. *Sant'Antonio ! Sant'Antonio !* tal era a unica exclamação do conductor. N'um abrir e fechar d'olhos estamos nós em terra, e vêmos um desgraçado cavallo que treme em todos os membros e que , nos seus movimentos convulsivos , esteve a ponto de precipitar-nos n'um profundo barranco.

Para evitar maior desgraça , cortaram os tirantes , e o animal embranquecido de escuma vai cahir a distancia d'alguns passos , com as quatro ferraduras para o ar. *Sant'Antonio ! Sant'Antonio ! che disgrazia !* e o pobre boleeiro atirava com o chapéu ao chão , arrancava os cabellos , e chorava como uma criança.

Francezes , Inglezes e Americano , todos nos apressamos a consolal-o , a animal-o , e a dar soccorro ao animal. So o nosso companheiro Prussiano fica immovel na margem da estrada , fumando tranquillamente no seu cachimbo e gritando de quando em quando ao boleeiro : *Maroto, ser tua culpa : tu dever-nos ter dado um cavallo melhor.* Depois de longos esforços, a desgraçada besta é tornada a pôr em pé e até mesmo à carruagem. O Prussiano torna a occupar gravemente o seu logar , continuando a fumar e a praguejar ; quanto a nós , menos tranquillos, andamos parte da estrada a pé , e dizíamos : Se , em França,

houvesse succedido similhante accidente, que torrente de imprecaçoens e blasphemias teriam sahido da bôcca do conductor ! na Italia , é uma invocação piedosa. O nosso desgraçado caleceiro dirige-se a Santo Antonio , porque , segundo o antigo costume , os animaes são benzidos no dia da sua festa e postos sob a sua guarda particular. Diferença entre o povo que crê e o povo que não crê: na desgraça , um ora , o outro blasphema.

Eram seis horas , quando chegamos à hospedaria isolada *dell'Amalfe*. Alli estaciona um posto militar que vigia sobre a extrema fronteira do reino de Napoles ; visto o estado da nossa carruagem , decidiu-se que passassemos alli a noite. Em quanto que cada um de nós estava occupado em fazer os preparativos do seu acampamento , alguns gaiatos rodeavam a carruagem , examinavam-a curiosamente e até se permittiam subir aos degraus para inspeccionar o interior. Ora , succedeu que um daquelles rapazes , vendo na bolsa do fundo um soberbo cachimbo , julgou conveniente apoderar-se delle , e desapareceu : o proprietario do objecto roubado era o nosso Prussiano. Tornando a descer ao patio , o seu primeiro pensamento é accender o seu cachimbo ; procura-o em si , na carruagem , e não o encontra ; pergunta por elle a toda a gente , torna a subir ao seu quarto , e volta gritando : *Roubaram-me minha cachimbo!* e praguejava , e esbravejava. Testimunha desta scena , o caleceiro contemplava immovel e repetia com sorriso maligno : *Excellencia , é culpa vossa ; era necessario estar alerta*. Finalmente um dos soldados do posto se poz em procura do ladrãozinho , e ao cabo de

meia hora trouxe o cachimbo que, mediante dois carlinos, voltou á algibeira do proprietario.



4 de Março.

Arce. — Arpino. — Recordações de Cicero e de Mario. — Aquino. — Recordações de S. Thomaz. — Rocca-Secca e o P. San-Germano. — Ceprano. — Frosinone. — Ferentino. — Recordações profanas. — Prisão de Santo Ambrozio. — *Ave-Marias* da tarde. — A estalagem da *Fonte*.

A cadêa de montes, que continua para a direita, suscita grandes recordações. Arce, cujas ruínas se desenhão no horisonte, passa pela mais bella villa d'Attico, irmão de Cicero, e Arpino, assentado na altura, é a patria do principe dos oradores romanos. Colloca-se a casa de Cicero na pequena rua da *Cortina*. Mario, nascido no mesmo logar, não deixou outras recordações que o seu nome. Perto d'alli, avistaes Aquino, e as ruínas do castello onde S. Thomaz foi dado á luz. Esta terra fecunda em grandes homens ainda mostra o cavalleiro d'Arpino, cujos incontestaveis talentos, estragados pelo mau gosto, exerceram sobre a architectura uma funesta influencia.

A aldêa de *Rocca-Secca*, que se desenha na mesma planura, é rica d'antiguidades, e recorda aos amigos da religião e da sciencia o celebre padre San-Germano, missionario nas Indias por espaço de vinte e seis annos. Architecto, e geographo, o sabio religioso dirigiu os trabalhos do porto de Rangoun, no imperio Birman, traçou

uma carta deste imperio, a mais exacta que se conhece, e veio morrer à sua patria em 1819.

Depois não sei de quantos circuitos nas montanhas, a estrada desce allim a *Ceprano*. Esta villa, edificada sobre o Liris, é a primeira dos Estados Romanos: a população pareceu-nos notavelmente miseravel. Cumpre dizer que o solo é ingrato, e que a falta de grandes communicações não permite mais que um fraco desenvolvimento á actividade dos habitantes. Até *Frosinone*, continua o caminho a ser muito mau: porem a phisionomia desta cidade não se parece em nada com a de *Ceprano*: a belleza dos edificios, a regularidade das ruas, a abastança e o bem-estar que parece respirarem até nas meudezas da mobilia e do vestuario, tudo annuncia o trabalho e a fertilidade do solo. Da grande praça se goza d'uma vista que passa pela mais bella de toda essa parte da Italia, e o palacio apostolico dá honra á magnificencia de Gregorio XVI.

Em duas horas de caminhada chegamos a *Ferentino*. Edificada n'uma montanha, offerece esta cidade o mesmo panorama que a precedente. As muralhas, de grossos *travertins* sem cimento, accusam remota antiguidade, e provam que ella foi uma praça de guerra importantissima: era nos arredores que se celebrava a assemblea geral dos povos do Lacio. Depois da conquista, prohibiu Roma estas reunioens, com receio de que ellas viessem a ser occasião de algum levantamento. Comtudo os Equos, os Volscos e os Hernicos, a quem pertencia *Ferentino*, acharam meio de formar uma poderosa liga, de derrotar os Romanos e de se apoderar de *Tusculo*; porem, derrota-

dos por sua vez pelo consul Servilio, foram obrigados a tornar a aceitar o jugo.

Não mencionaria este facto de interesse secundario, se elle não recordasse outro eminentemente proprio para caracterisar os costumes de Roma pagan. Trézentas crianças haviam sido dadas em refem pelos povos revoltados. A' primeira nova da sua derrota, o consul Appio fez conduzir ao Foro aquellas tresentas crianças, a quem, depois de terem sido açoitadas, foi a todas a cabeça cortada. Esta barbaridade desesperou os Hernicos e os Volscos; muito tempo meditaram a sua vingança, porem quando a quizeram exercer era demasiado tarde: àmanhan veremos o campo de batalha onde cahiu, para nunca mais se tornar a levantar, a antiga liberdade daquelles corajosos povos.

Inscripçoens, estatuas, numerosas antiguidades, entre as quaes se nota uma taboa de marmore com caracteres de bronze, recordam as vicissitudes de Ferentino, a sua conquista pelos Romanos, e os nomes mais ou menos conhecidos dos seus cidadãos e governadores. Como todos os povos d'Italia, participaram os Hernicos cedo da grande emancipação christã: à frente dos bispos de Ferentino, põe a tradição um discipulo de S. Pedro (1). Amplamente regada pelo sangue dos martyres, a semente evangelica produziu n'ella geraçoens de heroes. Em primeira linha brilha um centurião que ainda recebe, após quinze seculos, as honras d'um perpetuo triumpho, no mesmo sitio onde venceu a sua gloriosa victoria.

(1) Ughelli, *Italia sacra*, de *Ferentinat. episcop.*, p. 672.

Ambrosio, veterano dos exercitos imperiaes, estava de guarnição em Ferentinum, quando appareceu o edicto de perseguição lançado por Diocleciano. Agarrado, rasgado, arrojado nas chammaes, passa o generoso athleta por todas as especies de supplicios; porem sabe delles cheio de ardor para novos combates que sustenta com intrepidez. Kovergonhado de tantas derrotas, o proconsul o manda conduzir de novo á prisão, onde elle recebe com o golpe da morte a palma immortal que o faz entrar nas fileiras do grande exercito dos martyres. Passava-se isto em 16 d'agosto do anno de 303 (1).

Ora, foi-nos dado ver aquelle carcere cuja escuridão, humidade, horror e estreitas dimensoens accusam a origem romana e recordam a prisão Mamertina. Na cathedral admira-se a estatua equestre do santo martyr, de prata massiça: é um bello trabalho do seculo decimo-sexto. Ferentino possui varios conventos, entre outros os das Claras e das Oblatas, cuja regularidade é verdadeiramente exemplar.

O dia estava a declinar, e nós tivemos o pensamento de dormir em Ferentino. Todavia disseram-nos que a distancia de tres leguas d'alli, na estrada de Roma, encontraríamos o excellente *albergo sotto la fontana*; e como tinhamos pressa, tornamo'-nos a pôr a caminho. Descendo o monte encontramos as mulheres da cidadê, que acabavam de tomar agua n'uma fonte cujo manancial brota na entrada do valle. O seu trajo é o mais pitoresco possivel, e as suas bilhas de cobre conservam a mesma forma que no tempo de Horacio.

(1) Baron., an. 303, n. 119.

A esta scena que recorda os costumes patriarchaes succedeu em breve um spectaculo de interesse superior. Os lavradores e os pastores voltavam dos campos: uns conduzindo os seus rebanhos, levando ao hombro os seus instrumentos de lavoura, o alvião e a enxada; todos conversavam alegremente, felizes com regressarem aos seus lares e em se entregarem ao somno tam grato ao homem dos campos que supportou o peso do calor e do dia. De repente o som argentino de varios sinos annuncia as *Ave-Marias*; e lerteis visto aquelles bons homens, mancebos, crianças e velhos tirarem o largo chapéu de feltro, pôem-se de joelhos no caminho e saudarem juntos a augusta Virgem cujo nome distilla no coração do pobre, ainda mais que no do rico, a doçura, a confiança e a paz. Porque não reproduzem os nossos artistas da academia de França estas scenas ao mesmo tempo tam pitorescas e tam tocantes?

Era noite, mas noite escura, quando a berlinda parou diante do *albergo*. Na idade media, quando chegavam illustres peregrinos ao cair do dia diante d'um antigo castello, a sentinella situada na torre da grande porta, tocava trombeta, abaixava-se a ponte levadiça, e os hospedes entravam ao clarão dos brandoens. O *Vetturino* italiano não esqueceu este antigo uso. Aos repetidos gritos do nosso phaetonte, ao estalar do seu chicote, o domno da hospedaria apparece à porta, com um candieiro na mão. « *Padrone*, abri depressa; aqui estão nobres estrangeiros que vos pedem hospitalidade: são numerosos; preparem a ceia e os aposentos. » Por toda a resposta a esta linguagem digna dos trovadores, ou-

vimos estas palavras mui pouco cavalleirosas : « Não ha logar. — Abri sempre : é preciso que eu metta a carruagem. — A porta é muito baixa, não podeis passar, » Durante este dialogo , nós descemos ; n'um abrir e fechar d'olhos reconhecemos os logares , e fica bem evidente que cahimos na mais miseravel *locanda* que temos encontrado em toda a estrada. Queremos continuar até Valmontone ; é impossivel , o conductor nos previne de que a menos de um quarto de legua de distancia commecam as *Maremmas* , e que elle não quer entrar-se n'ellas durante a noite. Trocamos entre nós um olhar que dizia: E' necessario resignarmo'-nos.

Taes eram as dimensoens da hospedaria *della Fontana* , que , para recolher a carruagem , foi necessario descarregal-a , e foi com trabalho que , depois desta operação , se pôde conseguir fazel-a entrar debaixo d'um telheiro. Ora , nós desde Ceprano não tinhamos tomado nada e estávamos extenuados ; mas , ai ! não havia provisoes na hospedaria , pois tres almocreves , chegados antes de nós , tinham absorvido tudo. A' força de buscas , acabou-se por descobrir-nos no fundo esquecido d'um velho armario alguns ovos de idade avançada , dois peixinhos e quatro laranjas. A comida durou o tempo que eu gasto em descrever a lista della ; mas a fome não estava aplacada. Para suffocar as reclamaçoens mui legitimas do estomago pozemo'-nos a jogar a *mourra*. Este jogo favorito dos Italianos executado por Francezes pareceu divertir singularmente os nossos patroens , que nos deram todas as especies de desculpas de não receberem mais dignamente tam nobres e amaveis estrangeiros. « Ao menos , lhes dissemos

nós, tendes algumas boas camas para dar-nos?— *Ecco, Padroni, ecco.* » E nos mostravam dois feixes de palha postos no angulo do aposento que servia ao mesmo tempo de cosinha, salla de comer e passagem da roa para a cavallariça. Velar, conversar ou dormir em pé; não havia outro partido a tomar: todos o comprehenderam, excepto o nosso amigo Prussiano. Depois de ter esquadriñado por todas as partes, descobriu não sei que colchão onde se estendeu por duas horas.

Pela meia noite, vemol-o chegar com os olhos pisados e o sangue subido á cabeça. « Dormistes bem? — Eu, não dormir; uns animaesinhos que me affligem e sobem até meu cabeça. » E dizendo estas palavras, recebidas por uma estrondosa gargalhada, fazia gestos e movimentos de mãos que trahiam o numero das suas feridas e a comichão geral que sentia.

Quando elle entrava, acabavamos nós de deixar dois carabineiros, chegados á estalagem pelas dez horas da noite. A vista destes homens armados até aos dentes, nos inspirou certo susto; porem em breve elle deu lugar á confiança. Estes militares exploram a estrada todas as noites, percorrem as maremmas, e dão caça aos malfeitores. Elles nos disseram que estavamos sómente a duas milhas de distancia d'Anagni, que a estrada era boa, e nos induziram a visitar esta cidade. A proposta foi acceita com tanto maior alegria, quanto esta excursão não devia impedir que chegassemos a Roma no mesmo dia.



5 de Março.

Anagni. — Villa de Cicero. — Cathedral. — Crypta. — Tumulo de S. Magno e de Santa Oliva. — Archivos capitulares. — Manuscriptos. — Carta de Bonifacio VIII. — Recordações. — Valmontone. — Campo de batalha do consul Fabio Ambusto. — Lago Regillo. — Volta a Roma.

Ao romper do dia estávamos em *Anagni*. Antiga capital dos Hernicos, conta esta cidade, muito agradavelmente situada, cerca de 6,000 habitantes. Cicero possuía nas vizinhanças a sua deliciosa villa d'Amalthea, cujos vestígios é difícil reconhecer. Roma conquistou duas vezes Anagni: como rainha da força, por meio dos seus consules; e como rainha do amor, por meio de S. Pedro. O vigario de Jesus Christo enviou Apostolos àquelles logares que tocavam com a sede do seu imperio; e no tempo de Decio, vemos o bispo S. Magno sellar com o seu sangue a fé que havia ensinado aos habitantes d'Anagni. Uma illustre virgem, Santa Secundina, foi a companheira do seu triumpho (1). Dirigimo'-nos directamente á cathedral. Este edificio, cujo aspecto geral inspira não sei que doces sentimentos de confiança e piedade, encerra um monumento de grande interesse archeologico. É uma vasta crypta ou antes uma egreja subterranea do undecimo seculo. A sua forma recorda a das egrejas primitivas: n'ella se encontram dois côros lateraes

(1) Mamachi, *Antiquit. et orig. christ.*, t. II, p. 239; Baron., *Not. ad martyr.*, 15 de jan., 19 d'ag.

âlem do côro ordinario e um soberbo abside ornado de frescos em que brilha o duplo caracter de grandeza e de ingenuidade da arte christan. E' lá que repoisam os corpos de S. Magno e de Santa Oliva, virgem não menos illustre que Santa Secundina, e como ella objecto da veneração filial do povo d'Anagni.

Ao pé do tumulo de S. Magno, lê-se este verso latino :

Extrahitur Verolis, acquirit Anagnia nummis.

« E' tirado de Veroli, è comprado por Anagni. » Esta inscripção recorda um facto que prova o piedoso desvelo dos habitantes em possuir as reliquias do seu apostolo. O corpo de S. Magno tinha sido trasladado para Veroli, villa entre Ferentino e Frosinone. Os Sarracenos arruinam esta desgraçada villa: nas mãos do seu rei estão as reliquias do glorioso martyr. O Barbaro o manda dizer aos habitantes d'Anagni, ajuntando que está prompto a ceder-lhes este precioso deposito, mediante uma somma de dinheiro. A cidade offerece immediatamente um rico resgate, obtem o corpo do martyr, deposita-o n'um magnifico tumulo, e grava o verso que eternisa a memoria deste facto incomprehensivel para o nosso seculo, porem mui racional aos olhos da razão esclarecida pela fé.

Um dos conegos teve a bondade de nos conduzir aos Archivos Capitulares. Mostrou-nos varios manuscriptos mui raros, entre outros a celebre carta que contem a nomenclatura dos ornamentos legados pelo papa Bonifacio VIII à cathedra d'Anagni, da qual fôra conego, bem como

por Innocencio III, Gregorio IX e Alexandre IV. Esta peça é um pergaminho, e divide-se, pelo que toca ao texto, em duas partes

A primeira, que contem o inventario dos ornamentos, começa assim: *In nomine Domini. Amen. Hæc sunt paramenta. quæ donavit Ecclesiæ Anagninæ sanctissimus Pater D. Bonifacius Papa VIII, diversis temporibus.* A segunda indica os objectos d'ouro e de prata offerecidos por este mesmo Papa; lê-se no principio: *Hoc est inventarium argenti et auri laborati dati Ecclesiæ Anagninæ per prædictum D. Papam.*

Vimos alguns destes magnificos presentes, menos preciosos pela riqueza da materia e pela belleza do lavor, que pela mão que os offereceu. A grande figura de Bonifacio VIII se mostra na villa d'Anagni com toda a sua magestade. É' alli que elle se vê, digno herdeiro de S. Gregorio VII, luctar intrepidamente com a tyranhia dos principes do mundo, e, salvando a Igreja da oppressão, salvar a liberdade dos povos. Por estes dois titulos devia elle, como o exilado de Salerno, receber, durante a vida, o ultraje dos despotas e dos seus seides; e depois da morte, o insulto e a calumnia dos seus servis biographos: nem uma nem outra destas glorias lhe faltou. Percorrendo as ruas d'Anagni, crê-se encontrar a cada passo Nogareto e Sciarra Colonna levando as mãos-parricidas ao rosto do Pontifice, e ouvir ainda o estalar daquellas bofetadas, as mais sacrilegas de todas, depois das que foram dadas pelos criados de Caiphaz na face do Homem-Deus. Descendo à sepultura, o grande Papa foi perseguido, e ainda o é, por essa multidão de escriptores anti-catholicos, cortesãos de todas as ty-

rannias, e calumniadores jurados do papado e dos seus actos.

Retomando a estrada de Roma, entramos em breve nas *Maremmas*. Dá-se este nome a terras cobertas de vidoeiros, de fetos e d'algumas arvores rachiticas: as que nós tínhamos de atravessar teem muitas leguas de extensão. Transpozemo-las sem termos nenhum mau encontro, e antes do meio dia estávamos em Valmontone. Esta bonita aldêa, que deve o nome á eminencia em que está assentada, domina um largo e fertil valle. E' a alguma distancia, da banda de Roma, que se encontra o campo de batalha onde o consul M. Fabio Ambusto derrotou completamente os Hernicos, no anno de Roma 393 (1). O theatro do combate é uma planicie de mediocre extensão apertada entre montes, de maneira que estorva consideravelmente as manobras da cavalleria. Por isso quando se travou a acção, a cavalleria romana apeou se e foi combater á testa da infantaria. Os Hernicos que haviam chamado ás armas toda a flor da sua mocidade, a fizeram avançar para sustentar o choque. A carnificina foi horrivel; bateram-se até á noite; por fim os Hernicos foram vencidos, mas a noite impediu de persegull-os. O consul voltou a Roma e contentou-se com a ovação.

N'aquelle tempo, preludiava Roma com a conquista da Italia a conquista do mundo; a victoria era-lhe em toda a parte favoravel. Ao meio dia, divisamos o lago di *Santa Prasseda*, outr'ora

(1) Sigonio, *Comment. in fastos et triumph. Rom.*, p. 66.

lago *Regillo*. Tres annos depois da victoria cujo lugubre theatro acabavamos de atravessar, tingira o dictador Posthumio com o sangue dos Latinos as aguas daquelle lago tornado famoso. Finalmente, cessara o ruido das armas, e o silencio do deserto reinava em torno de nós: estavamos na Campina romana.

E' ao regressar de Napoles, depois de ter visto esta cidade tam brilhante e animada, que a gente se acha nas condiçoens favoraveis para apreciar a magestosa tranquillidade da Cidade eterna. Sente-se, ao a ella se voltar, que se põe o pé em outro mundo; que interessés e pensamentos diversos preoccupam as duas cidades. Em Napoles e nas outras cidades, as coisas do tempo; em Roma, as coisas da eternidade. Em Napoles e nas outras cidades, a physionomia mudavel, o ruido tumultuoso dos negocios e das loucas alegrias; em Roma, a immobilidade da fé e o solemne silencio das ruinas.

Estas differenças, que fazem de Roma uma cidade separada no meio do mundo, a collocam n'uma mysteriosa harmonia com as necessidades intimas da alma. D'onde, sem duvida alguma, o poderoso encanto que a ella vos attrahe, a doce paz que n'ella vos acompanha, e a tam vivá saudade que vos segue ao deixal-a: sensaçoes indefiniveis que todos os viajantes experimentam em diversos graus, bem que o maior numero não esteja de modo algum para ellas preparado, e bem que todos, com pouca differença, ignorem a verdadeira causa dellas.



6 de Março,

Ceremonia da Rosa d'ouro. — Charidade romana na ordem moral. — Catecismo. — Archiconfraria de Santa Maria *del Pianto*. — Festa imperial. — Exercicios de primeira Communhão. — Santa Luzia *in Trastevere*. — S. Vito no Esquilino.

Roma continuava a preoccupar-se vivamente com a conversão de M. Ratisbona. A fim de unir-me ao reconhecimento geral, celebrei missa no altar da milagrosa capella: o mesmo motivo attrahia a ella grande numero de fieis; porque na Italia um milagre é sempre um acontecimento.

Era o quarto domingo de Quaresma, dia em que se celebra a benção da rosa d'ouro. A fim de sermos testemunhas da cerimonia, dirigimo'-nos á capella Sixtina; mas qual é o sentido, qual a origem deste antigo costume? è mister conhecer a resposta a estas perguntas, sob pena de ter olhos para não ver. Antigamente, dirigiam-se os Summos Pontifices a cavallo do palacio de Latran, que habitavam, á basilica de Santa Cruz em Jerusalem. Alli era a estação do dia, cuja missa começa em todo o mundo catholico por esta palavra: *Lætare! Alegra te!* Chegando á metade da santa, mas penosa quarentena, quer a Egreja animar seus filhos e inspirar-lhes uma santa alegria, mostrando-lhes de mais perto o termo da sua penitencia e a corôa immortal que deve recompensar suas privações e seus combates. Ora, a fim de tornar mais vivo e popular este sentimento de jubilo, symbolisa-o Roma n'uma rosa, rainha das flores. Tal é o sentido da poetica oração que ainda acompanha a benção della.

Depois do officio, o Papa, tendo na mão a rosa benta, a mostrava ao povo, como emblema das suas communs esperanças para o futuro e das suas disposições actuaes. Levando sempre a rosa na mão, o Pontifice era reconduzido até ao atrio da basilica pelo prefeito de Roma, de vestido de purpura e sapatos cõr d'ouro, o qual sustentava o estribo para ajudar o Santo Padre a apeiar-se do cavallo. A fim de recompensar este testemunho de respeito, o Papa dava a rosa áquelle dignatario, que a recebia de joelhos e lhe beijava o pé. Mais tarde, os Summos Pontifices estiveram no costume de enviar esta rosa a algum soberano, a uma egreja, a uma pessoa eminente, ás vezes aos antigos imperadores d'Allemanha, na epocha da sua coroação. Hoje é dada aos principes ou ás princezas cuja piedade e charidade quer o Santo Padre honrar. A benção da rosa d'ouro teve logar, pela primeira vez, sob o pontificado de Leão IX, em 1050; todavia o documento que fixa esta data parece annunciar que ella remonta muito mais alto (1).

A cerimonia faz-se hoje na salla dos paramentos. Depois das oraçoens marcadas no ritual, o Santo Padre unge a rosa com balsamo, e põe no centro, onde se acha um pequeno copinho, fechado com uma grade d'ouro, um pouco daquelle balsamo com almiscar; asperge-a com agua benta, incensa-a, e a entrega ao ultimo clerigo da camara. Nós o vimos chegar, precedendo o papa e trazendo na mão a preciosa flor, que foi collocada no meio do altar sobre um rico veu de seda bordado a ouro. Depois da missa, foi levada com

(1) Constanzi, l. I, p. 15.

a mesma cerimonia, e depositada no Vaticano, até ao dia em que o Pai commum se digna de brindar com ella alguma das suas nobres e piedosas filhas (1).

Durante o dia, proseguimos o nosso estudo da charidade romana, suspenso pela viagem de Napoles.

Os estabelecimentos e as obras particulares destinadas ao allivio dos males physicos e das misérias intellectuaes, tinham-nos passado por diante dos olhos; restavam as misérias moraes com os meios que Roma emprega para cural-as. Esses meios dividem-se em duas classes: uns teem por objecto prevenir o mal, e outros são estabelecidos para cural-o. Elevar o homem à sua mais alta potencia fazendo correr abundantemente a vida da fé em todas as almas: tal é o objecto dos primeiros. N'este numero devem-se collocar os catecismos, as prégaçoens, os exercicios, as Quarenta horas, as estaçoens, a grande associação do SS Sacramento, a associação particular de S. Luis de Gonzaga, as escholas nocturnas, os oratorios nocturnos, a instituição dos *Pericolanti*, etc. Entre os segundos, destinados a rehabilitar o criminoso, se poem as casas de arrependimento, as instituições em favor dos presos, e diversas outras obras que participam dos dois caracteres de remedios preservativos e curativos. Indubitavelmente, a maior parte destes meios são conhecidos, e encontram-se em uso no resto da catholicidade. Assim que a sua historia póde, á primeira vista, parecer fastidiosa ou inutil. Com-

(1) Cartario, *De Roza aurea*; Martinelli, *Roma ex Ethnica sacra*, etc.

tudo não é assim ; além da vantagem da prioridade , estes meios tem , em Roma , um caracter d'união cujo estudo é indispensavel , se se quizer conhecer a fundo a intelligente charidade da mãe de todas as egrejas.

Percorreado as ruas da cidade , encontramos bandos de meninos que se dirigiam alegremente para as diversas egrejas. Um destes alegres bandos entrou em *Santa Maria del Pianto* ; segui-mol-o. Depois d'uma breve oração , começou o catecismo ; foi explicado por um dos membros da *Archiconfraria da Doutrina christan* , cuja origem é a seguinte. Em 1567 , um fidalgo milanez , chamado Marco Lusani , tendo chegado a Roma , se dedicou generosamente á instrucção christan das crianças ; varios ecclesiasticos zelosos quizeram partilhar da sua boa obra , e d'ahi resultou uma piedosa confraria que S. Pio V e Benedicto XIV favoreceram com todas as suas forças. Entre todos os meios estabelecidos para excitar a emulação das crianças , o mais poderoso , porque melhor convem ao caracter romano , é o concurso solemne do primeiro domingo depois de *Quasimodo*. A disputa é sustentada por duas crianças de cada freguezia , na presença dos superiores , dos deputados e d'uma immensa concurrencia de povo. As crianças se interrogam e respondem successivamente ; aquelle que acaba por não encontrar nenhum competidor para lhe responder a todas as perguntas do pequeno catecismo de Bellarmino , é declarado imperador. Os quatro que se lhe aproximaram mais formam a sua côrte , composta de dois principes , um capitão e um escudeiro.

Então começa uma scena de encantadora ingenuidade.

Apenas é acclamado o joven imperador de sete a oito annos, collocam-o n'um throno, coroa-o de loiros, põem-lhe um sceptro na mão, e adornam-o d'uma brilhante cruz que lhe pende sobre o peito; os principes e officiaes da sua casa o acompanham gravemente n'uma soberba carroça que o conduz a casa dos pais. Na morada da sua venturosa familia, preparam ricamente uma sala, onde se ergue um throno para o joven monarcha que recebe as felicitações e homenagens de numerosos cortesãos de todas as edades e condições.

Nos dias seguintes, sahe na sua carruagem, acompanhado de algum dos membros da Archiconfraria, e visita os mais illustres personagens de Roma, que o enchem de afagos e presentes: o seu reinado dura um anno. Decorrido este prazo, nomeam um novo imperador: tal é a principal incitação dada aos meninos. Os proprios catechistas não são esquecidos. Pelos cuidados da confraria, pessoas piedosas d'um e outro sexo são enviadas ás freguezias de Roma para ensinarem a doutrina christã; alguns dos seus membros assistem a estes catecismos, e, d'acordo com os parochos, nomeam as mestras. Se ellas são exactas ás suas funções e a communhão geral que tem logar de dois em dois mezes em *Santa Maria del Pianto*, são inscriptas nas listas da loteria e aptas para receber dotes.

Graças ao zelo desta vasta associação, á sollicitude dos pastores e de grande numero de religiosos e de piedosos leigos, a religião, collocada junto do berço das gerações nascentes,

deposita em seus tenros labios o sal da divina sabedoria, embota o primeiro agulhão da concupiscencia, e desenvolve em tempo util o sentimento christão.

Brevemente esse pequeno povo quererá assentar-se a meza sagrada : a charidade romana o espera nos degraus do sanctuario. Dizer a sua ternura, a sua sollicitude, as suas maternas industrias para tornar todas aquellas crianças dignas de serem cónvivas do seu Deus, excedêra os limites que eu me propuz. Bastará saber que existe em Roma grande numero de estabelecimentos pios que, na epocha solemne da primeira communhão, recebem as crianças d'um e outro sexo. Ellas alli estão de permanencia por espaço de oito dias, alimentadas, instruidas, preparadas com um zelo admiravel para o maior acto da vida.

Visitamos com vivo interesse aquelle dos estabelecimentos que está junto de Santa Luzia in *Trastevere*. Um santo sacerdote, D. Joaquim Micchelini, cura de S. Salvador, em *Ponte Rotto*, foi o fundador delle. Afflicto por ver um grande numero de crianças, que não faziam outra coisa mais que correr as ruas, brincar, roubar e entregar-se a toda a especie de vicios, concebeu o projecto de lhes estender uma benefica mão. Por meio de pequenas recompensas, conseguiu reunil-as todos os domingos n'um local separado. De combinação com outros ecclesiasticos, fazia-lhes uma pequena pratica sobre o catecismo; fazia-lhes ouvir missa e frequentar os sacramentos, e depois lhes dava as promettidas recompensas : Deus abençoou o sacerdote e a sua obra. Graças aos auxilios ministrados por pessoas piedosas, pôde-se dar exercicios àquellas crianças que se prepara-

vam para a primeira communhão; receberam-as primeiro em numero de vinte e quatro, por espaço de oito dias. Em breve foi possível admitir maior numero, multiplicar os exercicios durante o correr do anno, e até mesmo vestir da cabeça até aos pés a maioria daquellas pobres crianças.

O que o virtuoso Micchelini realisou além do Tibre, o fez um dos seus collegas na outra extremidade de Roma, no bairro *de' Monti*. Dom Sante Diotavelli, tendo obtido o uso do antigo convento contiguo a S. Vito, no Esquilino, estabeleceu exercicios preparatorios para a primeira communhão para as crianças desta região: como as do Trastevere, são hospedadas, sustentadas, instruidas e vestidas se ha lugar. Encontram-se casas semelhantes, no hospicio de Santa Galla, nas bordas do Velabro, em S. Lourenço *in Paneperna*, junto do Esquilino; no convento *del Divin-Amore*, nas vizinhanças de Santa Maria Maior, etc. (1).

Eis ahí alguns dos meios que Roma emprega para dar a vida moral a seus filhos. Se muitos escapam a tanta sollicitude, e crescem na ignorancia da religião e nos vicios que ella gera, encontram, mais tarde, nas casas que acabo de citar a facilidade de se instruirem e virem a ser cidadãos uteis vindo a ser bons catholicos. Para elles tambem se abrem, qualquer que seja o seu estado, catecismos e exercicios. Os mesmos cuidados lhes são prodigalizados durante a sua permanencia; a charidade os acompanha no mundo e

(1) Constanzi, *Istituzioni di Pietá*, t. I p. 117—219.

os reúne, em diferentes epochas, debaixo das suas azas. A quaresma principalmente é a occasião em que Roma apresenta esse novo espectáculo. Ha algum mais interessante? ignoro; e todavia que viajante se dá ao trabalho ou ao prazer de contemplal-o? A hora adiantada não nos permittia que o gozassemos immediatamente; vel-o-hemos ámanhan, depois de termos visitado Owerbeck.



7 de Março.

Visita a Owerbeck ; particularidades ácerca deste artista.—
O que faz Roma para preparar para a Paschoa.— Prêgaçoens. — Estaçoens. — Catecismo. — Exercicios. —
Pompas religiosas. — Observaçoens d'um protestante.

Entre as maravilhas religiosas que Roma offerece ao amor do viajante attento, ha uma que occupa um logar de honra: é o piedoso, o santo, o angelico Owerbeck. Visitando-o hoje, julgamos não nos afastarmos do nosso itinerario.

O pintor que faz da arte um sacerdote, e dos seus sublimes quadros outras tantas eloquentes prédicas, destinadas a esparzir por todas as partes o amor da virtude e o gosto da piedade, não é uma fonte de vida moral? Se, alem disso, este pintor tiver eschola e se esforçar por ensinar a seus discipulos os segredos da arte christã, inspirando-lhes a sua fé viva, a sua terna piedade e a sua pureza de costumes, não tem direito as homenagens publicas dos christãos e do artista verdadeiramente digno deste nome?

O excellente amigo que nos acompanhava teve a bondade de dar-nos, quando iamos andando, algumas particularidades acerca do novo *Angelico da Fiesole*. « Owerbeck, nos disse elle, nasceu na Allemanha. Depois de ter aprendido os primeiros elementos da pintura na Academia de Vienna, partiu em 1809 para Roma, aonde o chamavam um irresistivel instincto e o amor da antiguidade. Bem depressa se lhe reuniram alli dois amigos, Pedro Cornelio e Wilhelm Schadow, ambos hoje chefes de escholas oppostas na Allemanha. A colonia ainda augmentou com alguns mancebos que aspiravam a uma arte nova, e formou nas ruinas de um convento uma communidade pobre e estudiosa, vivendo de enthusiasmo e de esperanças. Durante alguns annos os corajosos artistas ficaram inappercebidos, apagados pela invasão e pelas preoccupações da guerra; mas depois dos acontecimentos de 1815, revelaram-se em frescos de alto estylo, com a diversidade do seu talento. O d'Owerbeck se havia transformado, e despiando pouco e pouco as formas tudescas, appropriava-se o genio italiano.

« Arrastado pela sua natureza delicada e meditativa para a encantadora simplicidade da arte christã, o moço artista se entregava principalmente à contemplação da madona. Em tanto que penetrava a sua imaginação das bellezas de Raphael, outro trabalho se operava n'elle: punha-se a amaldiçoar a reforma, como havia renegado a renascença. Comprehendia que, para traduzir o sentido dos typos do catholicismo, era mister crer os seus mysterios e possuir a sua fé completa. Abjurou pois o protestantismo, e foi imitado pelo maior numero dos seus amigos: deram

aos convertidos o nome de *Nazarenos*. Algum tempo depois, a Eschola allemã se dispersou por effeito das circumstancias, e Owerbeck ficou só em Roma, como o anjo destinado a guardar a pureza do sanctuario onde se havia realizado a renovação da arte nacional. »

Encontramol-o na solidão do palacio *Cenci*, onde realisa a mais alta idéa do artista christão. A pureza da sua vida e o habito das meditações religiosas se revelam no character nobre e severo do seu rosto. Pela simplicidade das suas maneiras, pela encantadora lhaneza e pelo fogo da sua conversação, reconhece-se um coração allemão muitas vezes alimentado pelo pão eucharistico. A oração sanctifica os trabalhos da officina onde reina, entre os discipulos, um piedoso recolhimento. A admiração pelo talento de Owerbeck e o respeito á sua virtude são taes, que um moço artista nos dizia: « Diante d'um traço de cração d'Owerbeck, todos devem tirar o chapéu. » Em ajunto, que na presença dos seus quadros é força crer e orar; a só vista delles é um acto de fe, esperanza e amor. Recordo-me, entre outros, da *Instituição da Santa Eucharistia* e da *Coroação da Santissima Virgem* no ceu. Sabe-se que este ultimo motivo foi o assumpto de predilecção de todas as escholas catholicas antes da renascença. Desde essa epocha, não foi mais comprehendido nem tractado; e a Assumpção de Maria nos é sempre representada sob o emblema d'uma mulher em attitude forçada, de formas mais ou menos materiaes, penosamente sustentada por anjos e arrebatada sobre as nuvens. Quanto mais pura e suave é a idéa d'Owerbeck tomada das antigas escholas de pintura! O filho de Deus, assentado

na gloria ao lado de sua Mãe, a tem abraçada com indizível ternura, e Maria, encostando a cabeça no hombro de Jesus, goza, com o socego do Parizo, a felicidade de encontrar aquelle Filho havia tanto perdido. Alguns anjos formam, n'um ceu estrellado, a amendoa symbolica que envolve os dois personagens. Nada póde exprimir a doçura e graça exquisita deste quadro.

Interrogado e elogiado a respeito das suas obras primas, o piedoso artista nos respondeu com modestia: « Possa eu ser tam feliz que as minhas pobres fadigas sejam de alguma edificação para as almas fieis, ajudando-as a meditar os santos mysterios da nossa religião: é o objecto a que tenho aspirado! » Possam por sua vez os nossos jovens pintores não se limitar a estudar o methodo de Frederico Owerbeck, mas constituir para si um dever de imitar-lhe a vida, partilhando a sua fé viva e a sua sincera piedade! como da do mestre, é este o preço da sua gloria.

E' necessario accrescentar que deixamos o palacio Cenci, penetrados de admiração pelo talento do pintor catholico e de veneração pela sua virtude? Mas o que é bom observar, é o procedimento da Providencia que, na pessoa do immortal artista, colloca Roma á testa do movimento regenerador da arte. Está pois escripto que a Rainha da fé deve ter a gloriosa iniciativa de tudo quanto é bello, assim como de tudo quanto é bom.

Hontem, tinhamos deixado a charidade romana preparando a juventude para o grande acto da primeira communhão; hoje, um novo dever chama a sua sollicitude: aproxima-se a hora solemne em que os christãos de todas as edades de-

rem também tomar parte no banquete eucharístico. Graças à lei da comunhão paschal, a Igreja possui o segredo de renovar perpetuamente a sua juventude, e de reanimar, consolidar ou augmentar a vida moral de seus filhos. Esta lei sagrada, que o lord protestante Fitz William (1) considera com razão como o indispensavel fundamento das sociedades, comprehende Roma toda a sua importancia (2). Para propor-

(1) *Cartas d'Atlico.*

(2) Eis a conclusão que o poderoso logico tira d'uma longa serie de raciocinios perfeitamente encadeados :

« Em resumo, a virtude, a justiça e a moral devem servir de base a todos os governos.

« Ora, é impossivel estabelecer a virtude, a justiça e a moral sobre bases um pouco solidas, sem o tribunal da penitencia, porque este tribunal, o mais temivel de todos os tribunaes, é o unico que se apodera da consciencia e a dirige d'um modo mais efficaz que nenhum outro tribunal.

« Alem disso, é impossivel estabelecer o tribunal da penitencia sem a crença na presença real, principal base da fé catholica romana; porque sem esta crença o sacramento da comunhão perde o seu valor e a sua consideração.... Em todas as partes onde foi destruida esta crença, o tribunal da penitencia cahiu com ella; assim como em todas as partes onde existe esta crença, torna-se necessaria a confissão. Ora, este tribunal que se acha necessariamente ligado á crença da presença real e á lei da comunhão. tor-

cionar o digno cumprimento della, prégaçoens, estaçoens, catecismos, exercicios, tudo é posto em acção.

Durante toda a Quaresma, contam-se, quer nas communidades, quer nas freguezias, mais de sessenta prégaadores, que annunciam do alto do pulpito ou do Palco as eternas verdades. Ha sermoens a todas as horas do dia e quasi da noite; em todas as partes a assistencia é numerosa, e, digo-o por tel-o visto, perfeitamente recolhida. A maior parte das ordens religiosas tomam uma parte activa n'este grande ministerio. Entre

na indispensavel o exercicio da virtude, da justiça e da moral Logo, como já disse,

« E' impossivel formar um systema de governo qualquer, que possa ser permanente ou vantajoso, a menos que não seja apoiado na religião catholica romana e em particular no dogma da presença real e na lei da communhão.

« Se ousarem dizer que os filhos da Igreja catholica são maus e perversos, apesar desta lei sagrada e dos deveres que d'ella emanam, que devenios nós dizer dos homens livres destas salutaes péas? Os habitantes da mais feliz e florescente monarchia que tem brilhado sobre a terra se libertaram della subitamente; que succedeu? Esses desgraçados loucos, não tendo já freio para os conter, ousaram tudo; e os seus crimes, como um mar que trasborda, rompendo diques que só Deus poderá restabelecer, transtornaram a Europa, inundaram o mundo, e imprimiram ao nome francez uma mancha indelevel, e a mais ignominiosa de que uma nação póde cobrir-se. »

aquelles homens de solidão e meditação que apparecem successivamente no trajo respeitavel do jesuita, do capuchinho, do passionista, do dominicano, do recoleto e do theatino, ha alguns muito eloquentes. O celebre P. Ventura attrahia a multidão a S. Pedro e a Santo André *della Valle*.

Este resoar geral, incessante, da palavra divina, abala as almas, e a Cidade Santa, habitualmente tam grave, assume uma physionomia ainda mais grave. Os theatros estão fechados; abertas sò estão as egrejas, os oratorios nocturnos e casas de retiro.

Roma emprega outra especie de prégação não menos eloquente e talvez mais efficaç que a primeira. As estaçoens começam na quarta feira de cinza, para acabarem só depois da Paschoa; cada dia uma das egrejas de Roma se abre solemnemente á oração. Está ricamente decorada, os altares estão adornados de flores, o chão e o portico juncados de folhas odoríferas, e os pilares e as capellas armadas de bellas tapeçarias e illuminadas por numerosas tochas: todos os relicarios estão abertos. Levantando o veu que os esconde de costume, mostra Roma n'aquelle dia os corpos, as ossadas dos seus martyres, os instrumentos dos seus supplicios, e conduzindo quarenta dias seguidos seus filhos á presença daquelles gloriosos tumulos, diante da vista daquella nuvem de heroes de todas as edades, de todos os sexos e de todas as condiçoens, ella lhes diz: « Olhai vossos pais; vêde o que elles fizeram! Sois vós dignos delles, dignos de vossa mãe? Athletas da fé, se tendes commettido faltas, é chegada a hora de vos levantardes e voltardes ao combate. Para vos animarem, vossos pais vos mostram as suas

palmas immortaes ; para vos guiarem, os seus exemplos ; para vos sustentarem , as suas oraçoens. » Uma indulgencia plenaria está inherente á visita da egreja estacional ; e os fieis de *todas as classes se dirigem a ella com uma santa diligencia* (1).

(1) A Estação é uma devoção particular á cidade de Roma. Tertulliano e S. Jeronimo referem a origem della aos papas S. Victor ou S. Zepherino (192, 202). S. Gregorio Magno regulou os dias desta devoção, o seu numero e os sanctuarios onde ella devia ter logar: *Stationes Gregorius per Basilicas, vel beatorum martyrum Cœmiteria, secundum quod hactenus plebs romana quasi eo vivente certatim discurrebat, sollicitè ordinavit.* — Joan. Diacon. *Vita*, lib. II, c. 6 ; Durando, *Orational. divin. offic.* lib. VII, c. I. — A palavra *estação* exprime uma idea magnifica. As estaçoens militares são as horas em que as sentinellas, em pé com a arma no braço, velam no campo. Soldados sempre em campanha, os primeiros christãos tinham tambem suas estaçoens. Esses heroes do christianismo se reuniam pois nos tumulos dos martyres, quer para celebrarem o seu triumpho no dia anniversario da sua morte, quer para se excitarem com a recordação da sua coragem a combater valorosamente, quer para obterem a sua poderosa protecção. Tal e o sentido dado á palavra *estação* pelos Padres da Egreja e por Santo Isidoro de Sevilha ; *Etymolog.* Roma tem conservado cuidadosamente este antigo costume. De resto na paz da Egreja, as estaçoens se fizeram com mais pompa e regularidade. O

E' no dia da estação que se deve visitar cada igreja de Roma. Alem da concorrência edificante da população, da belleza dos officios e da riqueza das decorações, vêem-se n'ella todas as reliquias insignes, algumas das quaes não estão expostas senão n'esta só circumstancia do anno (1).

povo se reunia n'uma igreja pouco distante da igreja estacional. O Papa e o clero se dirigiam alli igualmente, e depois a procissão partia para o sitio designado. As mulheres se punham do lado do norte, os homens ao sul, de forma que não havia mistura nem confusão. O Papa pronunciava uma homilia, celebrava os santos mysterios e os fiéis participavam da santa communhão. O uso solemne das estações cessou quando a Santa Sé foi transferida para Avinhão: a partir dessa epocha o substituíram pelas capellas papaes. Veja-se Moretti, *De Presbyt.*, 178; Ferraris, art. *Statio*.

(1) Em proveito do viajante catholico vou indicar os dias e os logares de estação durante a Quaresma:

— *Quarta feira de Cinza.* — Estação em Santa Sabina.

Quinta. — S. Jorge no Velabro.

Sexta. — S. João e S. Paulo no Aventino.

Sabbado. — S. Tryphon in *Piazza Fiammetta*.

— *Primeiro Domingo de Quaresma.* — S. João de Latran.

Segunda feira. — S. Pedro nos Grilhoens.

Terça. — Santa Aoastacia.

Quarta. — Santa Maria Maior.

Quinta. — S. Lourenço. in *Paneperna*.

A prégação diaria das grandes verdades do christianismo, o exemplo dos santos cujas sepulturas estão abertas, e as eloquentes reliquias expostas todos os dias da Quaresma aos olhos dos fieis: tal é o duplo meio que Roma emprega para preparar as almas para a resurreição moral. Porem este duplo meio deve ser identificado a cada individuo:

Sexta. — Os Doze Apostolos.

Sabbado. — S. Pedro, no Vaticano.

— *Segundo Domingo de Quaresma.* — Santa Maria in *Domnica.*

Segunda feira. — S. Clemente.

Terça. — Santa Balbina.

Quarta. — Santa Cecilia.

Quinta. — Santa Maria in *Trastevere.*

Sexta. — S. Vital.

Sabbado. — S. Pedro e S. Marcellino.

— *Terceiro Domingo de Quaresma.* — S. Lourenço fóra dos muros.

Segunda feira. — S. Marcos.

Terça. — Santa Pudencia.

Quarta. — S. Sixto.

Quinta. — S. Cosme e S. Damião.

Sexta. — S. Lourenço in *Lucina.*

Sabbado. — Santa Susana.

— *Quarto Domingo de Quaresma.* — Santa Cruz em *Jerusalem.*

Segunda feira. — Os Quatro Coroados.

Terça. — S. Lourenço in *Damaso.*

Quarta. — S. Paulo fóra dos muros.

Quinta. — S. Martinho in *Monti* e S. Silvestre in *Capite.*

Sexta. — Santa Aurelia e Santa Bibiana.

ora, parte dos ouvintes não comprehende o que é annuciado com o tom solemne do pulpito; um numero maior talvez despreza fazer a si applicação delle. Sem estas duas condições de intelligencia e assimilação, não póde a verdade ser

Sabbado. — S. Nicolau *in Carcere.*

— *Domingo da Paixão.* — S. Pedro no Vaticano e S. Lasaro.

Segunda feira. — S. Chrysogono *in Trastevere.*

Terça. — S. Cyriaco *in Santa Maria in Via Lata*, e em S. Cyro e Santa Julieta.

Quarta. — S. Marcello.

Quinta. — Santo Apollinario.

Sexta. — Santo Estevão o Redondo, no Monte Cœlio.

Sabbado. — S. João Porta Latina.

— *Domingo de Ramos.* — S. João de Latran.

Segunda feira. — Santa Paxedes.

Terça. — Santa Prisca e Santa Maria *del Popolo.*

Quarta. — Santa Maria Maior.

Quinta. — S. João de Latran.

Sexta. — Santa Cruz *em Jerusalem.*

Sabbado. — S. João de Latran.

— *Domingo de Paschoa.* — Santa Maria Maior.

Segunda feira. — S. Pedro e Santo Onuphro.

Terça. — S. Paulo *fóra dos muros.*

Quarta. — S. Lourenço *fóra dos muros.*

Quinta. — Os Doze Apostolos.

Sexta. — Santa Maria *ad Martyres.*

Sabbado. — S. João de Latran.

— *Domingo de Quasimodo.* — S. Pancraccio.

alimento da alma. Roma não o esquece ; e seguindo a salutar prescripção de Benedicto XIV, catecismos preparatorios para a Paschoa se abrem nas parochias e nos oratorios nocturnos. Os adultos d'ambos os sexos são a elles convidados, e é para elles que os fazem : dá-se ordem aos amos de lá enviarem os seus criados e para tirar o pretexto do trabalho, os cafés e os armazens devem estar fechados durante as horas d'instrucção. A fim de que o auditorio seja homogeneo, e assim o catecismo seja mais proveitoso, as differentes classes de adultos teem suas reunioens particulares. Os catecismos começam no quarto domingo de Quaresma e continuam toda a semana (1).

Graças ás instrucçoens elementares, os ignorantes e os pobres saberão fazer o discernimento do corpo de Jesus Christo, e conhecerão as disposiçoens essenciaes que devem acompanhar o christão á Mesa sagrada. Mas se o espirito está esclarecido, pode o coração não estar movido, e a vida moral não voltará á alma : as casas de retiro alcançarão este ultimo resultado.

Estes asylos onde o homem só com Deus só se apropria as verdades geraes, se cura das suas feridas, se renova na virtude, estão semeados, como os hospicios, em todos os bairros de Roma : o convento dos Passionistas no Monte Celio, o dos Franciscanos no Palatino, a casa dos Lazaristas em

(1) Lê-se no *Diario sacro* : Dom. quarta di quares. Alle ore 22 si dá principio nelle solite chiese ai catechismi in apparecchio alla S. Pasqua stabiliti da Benedito XIV nel 1755, e di sera negli oratorj notturni.

Monte Citorio, recebem os ecclesiasticos e os leigos de todas as condiçoens. Em Santa Luzia in *Trastevere*, os pobres, os soldados, os artistas, encontram gratuitamente uma piedosa solidão onde encontram por espaço de oito ou dez dias o duplo sustento da alma e do corpo. Os jovens vão alli tambem, a menos que não sejam enviados a *Ponte Rotto*. Para os estudantes os exercicios espirituaes dão-se na Universidade, no Collegio romano, em Santo Eusebio, etc.

Em 1819, Mons. Piatti, arcebispo de Trevisonda, estabeleceu no Janiculo uma casa de retiro destinada aos nobres e aos officiaes da guarda. Parte a expensas suas, parte com as esmolas de Pio VII, preparou elle uma habitação encantadora que se abre todos os mezes aos retirados, e principalmente durante a Quaresma. Graças aos convites do excellente prelado, os exercicios espirituaes são alli muito frequentados, e, abençoando Deus o zelo desinteressado do seu ministro, resulta d'ahi um grande bem. A vida moral se reanima nas almas onde a haviam quasi extinguido as preoccupaçoens mundanas; e pais de familia verdadeiramente christãos, officiaes vigilantes e dedicados são os fructos diarios destes retirados, quasi sempre gratuitos.

As senhoras, as donzellas, as mulheres de todas as classes se retiram aos conventos de religiosas. Vão em grande numero para o mosteiro *del Bambin Gesù*, ao pé do Esquilino, de Santa Ursula, *del Divin-Amore*, visinho da Basilica liberiana, etc. Esta ultima casa pertence às religiosas Agostinhas cuja principal occupação é ajudar as pessoas do seu sexo que vão fazer os exercicios espirituaes. Fundadas em Montefiascone

pelo cardeal Barbarigo, estão estabelecidas em Roma desde o anno de 1616. A superiora tem o titulo de *Madre Vigaria*, porque a santa Virgem é considerada como a primeira superiora da casa: os retiros succedem-se alli durante todo o anno. Dois sacerdotes addidos ao mosteiro catechizam, prégam, e confessam as crianças que alli vão preparar-se para a primeira communhão, e as adultas que vão descançar do trabalho da virtude e preparar-se para novos combates (1). A numerosa associação das damas e semi-damas, *dame, e semi-dame* faz o seu retiro no *Caravita*: brevemente fallarei delle.

Formar o homem para ouvir a voz de Deus, para entrar em si proprio e julgar-se, tal é o objecto das prégaçoens, das estaçoens, dos catechismos e dos retiros que Roma multiplica durante a Quaresma. Todavia por mais poderosos que se supponham, estes meios não bastam: com effeito, para ficar rehabilitado a seus proprios olhos, o culpado precisa de absolvição. Quer ouvir o seu juiz dizer-lhe claramente: *Ide em paz, os vossos peccados vos serão perdoados*. Esta segurança é uma precisão, uma necessidade, é-lhe mister; e comtudo, incomprehensivel mysterio! elle teme o tribunal onde é pronunciada esta sentença de misericordia. Ora, eis que para attrahil-o, a engenhosa charidade romana collocou nos tribunaes da penitencia inscripçoens cheias de confiança e de terna misericordia. Como vel-as sem ficar animado? Um protestante celebre, conhecido pelos seus prejuizos odientos contra o catho-

(1) Constanzi, t. I, p. 117—123.

licismo, não pôde abster-se de admirar estas inscripções. Eis aqui varias dellas que elle se deu ao trabalho de colligir: *Ide, mostrai-vos ao sacerdote. — Eu irei a meu pai, e lhe direi: Meu pai, eu pequei. — Elles serão perdoados no ceu. — Volta, ó minha alma, ao teu repouso. — Ide em paz e não pequeis mais. — Aquelle que vos escuta, me escuta. — Vinde a mim, vós todos que gemeis sob o peso das vossas misérias — O Justo me receberá com misericordia. — Vêde se ha em mim uma via de iniquidade, e reconduzi-me ao caminho do ceu. — E' para ouvir os gemidos dos prisioneiros (1).*

Finalmente, para completar a impressão ferindo os sentidos, veem as grandes solemnidades da Semana Santa. Em nenhuma parte da terra, os olhos do homem contemplam pompas e ceremonias alternativamente mais esternecedoras, mais lugubres e mais graves. Tal é o seu mysterioso poder, que ellas vos lançam em não sei que embriaguez cujos salutaes effeitos se fazem sentir por muito tempo. Apezar do mal que os estrangeiros lhe fazem, apezar do espirito anti-christão que sopra no mundo, continua Roma a apresentar, durante a Quaresma, o aspecto d'uma casta matrona, d'uma sobria e grave mãe de familia; e as observaçoens de um escriptor protestante se verificam ainda nos nossos dias:

« Observei, diz elle, em Roma e na Italia, que apezar dos progressos do vicio, o povo de todas as classes se continha singularmente durante

(1) Addison's, *Remarks on several parts of Italy*, p. 31.

a Quaresma. Já se não ouviam como antes nem blasphemias, nem conversações livres. O fausto, o enfeite, as comidas sumptuosas, as delicias haviam dado logar à modestia, á austeridade, ao exterior da penitencia; sermoens edificantes todas as tardes, peditorios abundantes a favor dos pobres, uma apparencia geral de compuncção e emenda.

« Confesso que foi na Italia que eu aprendi melhor a apreciar a utilidade da Quaresma, e a fazer justiça aos motivos que a fizeram instituir. Não posso partilhar a opinião daquelles que pensam que devendo os homens, em todos os tempos, levar uma vida conforme com os principios da fé, é uma superstição o reservar uma parte do anno para uma devoção maior que de costume. Quando se reflecte sobre a difficuldade de conter os homens nos limites do dever, não se tarda a reconhecer quam importante é fixar no anno um tempo d'uma duração razoavel, para os obrigar a entrar em si mesmos, e a fazer serias reflexoens àcerca do seu procedimento; com medo que o peccado lance raizes demasiado profundas, e que o habito do vicio se torne demasiado difficil de destruir (1). »



(1) Sir Edwin Sands, *Europæ speculum*.

8 de Março.

O que Roma faz todos os domingos para manter a vida moral. — Instrucçoens parochiaes e particulares. — Missão urbana. — Exercicios de S. Vito e de Santa Maria *in Capella*. — Interpretação da Escriptura. — Via Sacra no Coliseu. — Saudaçõens do SS. Sacramento. — Todos os dias da semana, instrucçoens e praticas em honra de Nosso Senhor e da Santissima Virgem. — Enterro.

O zelo que desenvolve nas epochas solemnes da Paschoa e da primeira communhão, para dar de beber a seus filhos na fonte mesma da vida moral, sustenta-o Roma perpetuamente, a fim de os conservar no feliz estado em que os collocou. Aos incessantes esforços do eterno inimigo do genero humano, oppõe ella esforços não menos continuados. Durante todo o anno os mais variados e numerosos meios de perseverança sao proporcionados aos habitantes da Cidade eterna.

Conformemente ao preceito do Concilio de Trento, todos os domingos, à missa parochial, fazem os curas uma homilia aos seus freguezes; e de tarde, reúnem-os para ouvirem a explicação do catecismo. Alem disto, em muitas outras egrejas, ha, todos os dias de festa, uma instrucção para o povo. No *Gesú*, na *Ara-Cæli*, nos *Doze-Apostolos*, e em outras partes, se préga pelas onze horas da manha. Em todas as egrejas ou oratorios das numerosas confrarias, depois da recitação do Officio dos Defunctos ou da SS. Virgem, se faz aos associados uma instrucção, que a lingua italiana chama graciosamente *un fervorino*: o discurso é seguido da missa. O mesmo tem logar nas universidades, nos collegios, seminarios, e associaçoens pias espalhadas por todos

os bairros de Roma; eis ahí o que toca á manha.

De tarde, na igreja da Minerva, recita-se o Rosario, e um dos confrades do P. Lacordaire, um Dominicano, faz um discurso á numerosa multidão que attrahe a reputação do orador. Ao mesmo tempo tem lugar o que se chama a missão urbana, *missione urbana*. Um sacerdote, escolhido entre muitos outros associados á mesma obra, reúne o povo n'uma igreja d'antemão indicada, e lhe dirige uma instrucção forte, porem familiar, seguida do acto solemne de Contrição: o povo é particularmente afeiçãoado a esta piedosa pratica. Para o fazer gozar-a mais facilmente, a missão muda de igreja todos os mezes. É o director do Caravita que se encarrega ordinariamente deste util, mas laborioso micisterio. Em S. Vito, no Monte Esquilino, ha uma dominical a favor das crianças e dos adultos que fizeram os exercicios espirituaes no correr do anno. As igrejas de religiosas, os conservatorios de donzellas tambem tem, aos domingos e dias de festa, instrucçoens dadas por sacerdotes seculares e regulares especialmente encarregados desta funcção. Ao cahir da noite, o viajante, que desce do Tibre do lado de S. Miguel, vê correr para a igreja de Santa Maria *in Capella*, os marinheiros, cujos largos bateis cobrem o porto de *Ripa Grande*. N'este veneravel sanctuario, dedicado à Estrella do mar, reúne a Confraria de S. Paulo os pobres e os marujos, catechisa-os, confessa-os, e prepara-os para a digna recepção dos sacramentos.

Ha outra especie de prégação que não tenho encontrado senão em Roma, e que me parece mui propria para derramar, entre os fieis, um grande

cabedal de doutrina e piedade: quero fallar da Hermeneutica ou interpretação da Escripura. Alguns religiosos de diferentes ordens repartem entre si o texto sagrado e se succedem no mesmo pulpito, de seis em seis mezes.

O primeiro começa pelo Genesis, e explica um ou muitos livros do Velho Testamento. Diz a sua origem, materia e divisão; desenvolve os factos principaes e tira delles consequencias praticas. Os seus successores explicam os livros seguintes; de forma que ao cabo de um ou dois annos, a Biblia inteira, desde os livros de Moisés até ao Apocalypse, é exposta aos simples fieis. Nós assistiamos com felicidade a este curso d'ensino tam novo para nós. Havia grande concorrência; e a gente do povo, as simples mulheres formavam uma grande parte do auditorio. A julgar pelo silencio e pela attenção geral, esta instrucção tinha para todos um particular attractivo. Para mim tinha ella outro merecimento, o de tapar a bocca aos nossos irmãos separados. E' sabido que os protestantes não temem accusar a Egreja de se oppor ao estudo da Sagrada Escripura: e a Egreja lhes responde fazendo explicar publica e perpetuamente os livros sagrados. Entre os prégadores que desempenham gloriosamente este interessante ministerio, cumpre nomear em particular os padres Jesuitas, os Agostinhos e os Irmãos Menores da Observância.

Aos domingos e dias de festa encontra se ainda em Roma uma practica de piedade que tem o privilegio de attrahir grande multidão: é o exercicio solemne da Via Sacra no Colyseu. Os confrades da *Via Crucis* partem do seu oratorio sito no Foro. Uma grande cruz de pau, essa cruz

que salvou o mundo, caminha na frente, levada ordinariamente pelo cardeal protector da confraria, vestido do sacco da penitencia. A procissão dos confrades è immediatamente seguida pelas das *irmans*, *sorelle*, que caminha, como a primeira, precedida da cruz. A arvore sagrada è sustentada as mais das vezes pelas mãos delicadas de alguma nobre dama romana, talvez neta dos Fabios e Scipioens. Os dois cortejos se dirigem vagarosamente para o Colyseu, ao canto dos hymnos e dos canticos. Chegados ao centro da arena, onde espera uma multidão compacta e silenciosa, as duas confrarias se poem em volta da grande cruz, a cujo pedestal sobe um bom religioso do convento de S. Boaventura. Prêga; e tomando a sua humilde palavra, das gigantescas ruinas do amphitheatro e das poderosas recordaçoes da grande lucta realisada n'aquelles logares, uma eloquencia irresistivel, em breve se enternecem os coraçoes; e vêdes, durante a visita das estaçoes, os fiéis, Romanos e estrangeiros, regar com suas lagrimas aquelle solo ensopado, ha quinze seculos, pelo sangue de nossos pais. Taes são com as piedosas peregrinaçoes, e com as saudaçoes do SS. Sacramento dadas todos os domingos em quarenta egrejas, os principaes exercicios com que Roma sanctifica o dia do Senhor e mantém a vida moral no coração de seus filhos.

Que faz ella com o mesmo fim durante a semana? Todos os dias, o sol nasce para allumiar e fecundar a terra, todos os dias se renova o ar para fornecer alimento aos pulmocas dos seres animados: o que se faz na ordem physica para conservação dos corpos, faz-o Roma na ordem moral para conservação das almas. Todos os dias

brilha o sol da verdade no seu horizonte, e a palavra santa, que è como a sua irradiação, penetra nas almas de boa vontade. A fim de prevenir a monotonia, as salutaes praticas da piedade mudam continuamente de forma e de objecto secundario; de modo que os espiritos e os coraçoes, quaesquer que sejam as suas disposições e necessidades, encontram infallivelmente, no decurso da semana, remedio á sua fraqueza, alimento á sua fome, e luz ás suas trevas.

Todavia, o pensamento dominante da charidade romana è fixar perpetuamente os olhares do homem nos tres grandes objectos do culto catholico: *tudo o que ha mais santo, amavel e terno; Jesus, Maria e as almas do purgatorio*, são incessantemente recordados ao espirito e ao coração dos fieis. D'onde, na piedade romana, esse mixto de força, confiança infantil e ternura, que em parte alguma tenho encontrado no mesmo grau; d'onde tambem essa formula pela qual os pobres pedem esmola, e que tam hem resume o espirito do catholicismo em Roma: *Un mezzo bajocco per l'amor di Gesù sacramentato, di Maria santissima e delle anime del purgatorio*. Que a intenção da mãe e senhora de todas as egrejas seja elevar ao seu mais alto poder estes tres sentimentos, vão os factos estabelecê-lo. É primeiramente, a instrucção que nutre a fé e esclarece a piedade corre todos os dias da semana, abundante e variada, nos differentes pontos da Cidade eterna. De tarde, duas instrucções sobre os deveres da vida commum teem logar na igreja *della Vallicella*; á noite, repetem-se mais vairadas e numerosas na missão in *Monte Citorio* e em todos os oratorios nocturnos.

Todos os dias do anno, em Santa Maria Magdalena, no Quirinal, exposição e benção do SS. Sacramento.

Todos os dias do anno, em Santa Maria da Paz, uma missa voliva da SS. Trindade, em acção de graças dos privilegios concedidos a Maria por cada uma das tres augustas Pessoas.

Todos os dias do anno, em Santa Maria da Minerva, em S. Nicolau *dei Perfetti*, em S. Cyro, em Santa Maria *del Pianto*, do Suffragio, de Loreto; em Santa Maria *dei Monti*, na *Ara-Cæli*, em S. Celso, nos Santos Anjos da Guarda, em S. Nicolau *in Carcere*, em S. Bartholomeu na Ilha, na Trindade dos Peregrinos, na Morte, em S. Lourenço *in Damaso*, em Santa Maria da Graça, em *Porta Angelica*, em Santa Maria *di Monte Santo*, em Santa Maria dos Anjos, nos Padres da Penitencia, recitação publica do Rosario com benção do SS. Sacramento.

Todos os dias, em S. Marcello e em Santa Maria *in Via*, recitação solemne da corón das Sete Dores da SS. Virgem.

Todos os dias, em Santa Maria *in Cosmedin*, e em Santa Maria *della Pietà*, na praça Colona, em S. Francisco de Paula *ai Monti*, recitação da Ladainha da SS. Virgem e do Rosario.

Todos os dias, no principio da noite, recitação da corón das Almas no Cemiterio do Janiculo, e em toda a Cidade a *Ave Maria* dos Mortos.

Assistindo a uma destas piedosas reunioens, fomos testemunhas, na egreja de Santa Maria da Graça, do enterro d'uma joven. Havia vinte e quatro horas que o corpo estava depositado na

egreja, n'um caixão lechado. Celebravam-se missas nos diversos altares, e as numerosas companheiras da joven defuncta, vestidas de branco e cobertas d'um grande veu, estavam ajoelhadas, com uma tocha na mão, em volta do catafalco, ou se dirigiam successivamente à sagrada meza, para alli commungarem pela alma da sua amiga. Esta estava vestida de branco; a sua virginal cabeça estava adornada d'uma corôa de rosas; um veu bordado a ouro cobria seu nobre rosto, cuja serenidade annunciava a innocencia da alma e o socego d'um doce souno. Não longe do catafalco se abria a fonebre sepultura. No meio dos hymnos da esperanza desceram a ella vagarosamente a joven victima da morte; porque para ella a sepultura é uma mãe, em cujo seio lhe será dada uma nova vida. No entretanto, ella não será esquecida; uma simples pedra a separará das suas amigas e parentas. Ninguem irá á piedosa igreja sem dar uma lagrima á sua memoria, uma oração ás suas necessidades. Como traduz bem este tocante espectáculo o pensamento catholico! Entre esta lentidão na ultima separação, esta publicidade da morte, esta sepultura no templo, e a rapida clandestinidade dos nossos enterros junta ao isolamento impio dos nossos cemiterios: que differença!

